

MARIA HELENA DIAS DE CAMPOS CORREIA DE PINHO

RELIGIÃO, SEXUALIDADE E PECADO NA HISTÓRIA

Orientador: Professor Doutor José Brissos-Lino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais

Lisboa

2018

MARIA HELENA DIAS DE CAMPOS CORREIA DE PINHO

RELIGIÃO, SEXUALIDADE E PECADO NA HISTÓRIA

Dissertação defendida em Provas Públicas para a obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões, no curso de Mestrado em Ciências das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 20 de Fevereiro de 2019, perante o júri, nomeado pelo Despacho Reitoral nº 410/2018, de 18 de Dezembro de 2018, com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor João de Almeida Santos

Arguente: Professora Doutora Hélia Bracons

Orientador: Professor Doutor José Brissos-Lino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais

Lisboa

2018

Agradecimentos

Exprimo a minha gratidão sincera ao meu orientador, Professor Doutor José Brissos-Lino, Diretor do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, pelo que me transmitiu, como verdadeiro Mestre, a favor da elaboração deste trabalho, elucidando, sugerindo e recomendando pontos de manifesto interesse para a sua consecução e aprimoramento. A incondicional disponibilidade do Professor Brissos-Lino muito contribuiu para que o trabalho decorresse dentro do prazo planeado e fosse concluído com base na estrutura que foi inicialmente por mim definida e por si ajustada.

Estou também grata aos meus Professores António Faria, Henrique Manuel Gouveia Pinto, José Brissos-Lino, Maria Filomena Barros e Paulo Mendes Pinto, por todo o carinho e excelente acompanhamento durante todo o Mestrado.

Quero aqui deixar expressos os meus agradecimentos à minha família, sobretudo ao meu marido que, pacientemente, entendeu a minha abstração de tudo e todos, durante todo o tempo em que me dediquei a esta dissertação de Mestrado; não posso também deixar de lembrar os meus dois filhos, as minhas noras e os meus seis netos, os quais merecem uma palavra de apreço pelo apoio que me deram para prosseguir a tarefa a que me propus.

Também lembro com saudade os meus pais, que sempre me incentivaram, na juventude, a dedicar-me com afinco aos estudos e tenho a certeza que hoje estarão orgulhosos do meu percurso.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo a análise da Religião, da Sexualidade e do Pecado, a sua interligação, o seu desenvolvimento ao longo dos tempos – desde a Pré-História até à Contemporaneidade - e os seus efeitos na nossa sociedade. Inclui vários aspetos da sexualidade e o seu enquadramento nos múltiplos tipos de religiosidade e analisa o poder do Capital e os pontos de vista da Igreja sobre o matrimónio e a repressão da sexualidade e bem assim o papel e a exposição histórica da mulher em temas fraturantes como a prostituição e a moral sexual.

Conclui-se que há ainda muito trabalho a fazer acerca da elevação da mulher a um papel digno e condicente com o seu contributo para a família e para a nossa sociedade. Finalmente, questiona-se o papel e o futuro da Igreja perante a célere evolução da ciência e advogam-se sugestões para uma mudança de paradigma da Igreja face aos dogmas que impôs ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Bíblia, confissão, corpo, cristianismo, doutrina, esterilidade, ética, feminismo, história, homoerotismo, homossexualismo, igreja, iluminismo, inquisição, moral, mulher, pastorado, pecado, prostituição, religião, sexualidade, violações, virgindade.

Abstract

This work is aimed at analyzing Religion, Sexuality and Sin, their interconnection and their development along the History - since Pre-History to the Contemporaneity - as well as their influence in our society. It includes the review of various aspects of sexuality and their framing in the multiple types of religiousness. It also analyzes the power of the Capital and the viewpoints of the Church about marriage, the repression of sexuality and the role and historic exposure of women in rupturing matters such as prostitution and sexual morality.

It is concluded that there is much more work to be done as regards the elevation of women to a respectable position which should conform to their contribution for the family and for the society. Finally, the role and the future of the Catholic Church are questioned in face of the rapid evolution of the Science and suggestions are advocated for a change in the paradigm of the Catholic Church before the dogmas that it imposed along the times.

Key words: Bible, body, christianity, confession, doctrine, enlightenment, ethics, feminism, history, homoeroticism, homosexuality, inquisition, moral, pastorate, prostitution, religion, sexuality, sin, sterility, violations, virginity, woman.

Índice

Introdução.....	9
Capítulo 1. Conceitos Básicos sobre Sexualidade e Pecado no Mundo Religioso	10
1.1. Na Pré-história- A Ginecocracia (c. 2,5 M. A. a. C. – c. 2.000 anos a.C.).....	10
1.2. No Período Sumério (do 3º, 4º ou 5º milénio a.C. até cerca de 1600 a.C.)	14
1.3. No Hinduísmo (a partir de c. 4.000 a. C.)	16
1.4. No Antigo Egipto (3.200 a.C. – 32 a. C.).....	17
1.4.1. Religião	17
1.4.2. Sexualidade nos ritos religiosos e no Além.....	20
1.4.3. A Sexualidade na criação do mundo pelos deuses	23
1.4.4. Set, Osíris e Ísis e o mito do nascimento do deus Hórus.....	24
1.4.5. O Homoerotismo – Set, Hórus e o governo do Egipto	25
1.4.6. A Homossexualidade no Antigo Egipto	25
1.4.7. O Papiro Erótico de Turim – Sexualidade na sociedade do Antigo Egipto.....	25
1.4.8. Erotismo na dança e na música	27
1.4.9. Os Adornos na sexualidade	27
1.5. Na Idade Antiga - Grécia Antiga (1.100 a.C. até à dominação romana em 146 a.C.).....	28
1.5.1. A Religião.....	28
1.5.2. A Mulher na mitologia grega	29
1.5.3. A Sexualidade na Grécia Antiga	29
1.5.4. O Homossexualismo na Grécia Antiga	30
1.5.5. A Mulher segundo os filósofos gregos- Hipócrates, Platão e Aristóteles	33
1.6. Na Idade Antiga - Roma Antiga (753 a. C. – 473 d. C.)	33
1.6.1. Origem histórica de Roma.....	34
1.6.2. A Religião (séc. VI a. C. – séc. I a. C.)	34
1.6.3. A visão de Roma sobre o Cristianismo	35
1.7. No Islamismo (início no séc. VII)	36
Capítulo 2. Cristianismo, Sexualidade e Pecado.....	38
2.1. Antecedentes Bíblicos	38
2.1.1. A Criação Bíblica da Mulher – O pecado original	38
2.1.2. O Mito da Esterilidade da Mulher na Bíblia.....	41
2.1.3. O Mito da Virgindade da Mulher na Bíblia.....	41
2.1.4. A Posição da Mulher no Novo Testamento	42
2.1.4.1. O Papel Importante de Maria Madalena na Vida de Jesus	47
2.1.5. O Erotismo na Bíblia - Cântico dos Cânticos.....	48
2.2. Na Idade Média (séc. V- séc. XV)	49
2.2.1. Preceitos Medievais sobre a Sexualidade	49

2.2.1.1. A Confissão e os Manuais dos Confessores	50
2.2.1.2. A Homossexualidade.....	51
2.2.1.3. Relações extraconjugais	53
2.2.2. A Igreja, o Corpo e o Pecado.....	54
2.2.2.1. Expição dos pecados.....	56
2.2.2.2. O Purgatório	57
2.2.2.3. As Peregrinações	58
2.2.3. As Torturas da mulher medieval pela Inquisição - “Malleus Maleficarum”	58
2.2.4. A Castração da sexualidade feminina.....	61
2.3. Na Idade Moderna (1453-1789)	61
2.3.1. A Influência do Renascimento (século XIII a meados do século XVII)	61
2.3.2. O Papa Júlio II (1443-1513) e a pintura da Capela Sistina no Vaticano por Miguel Ângelo (século XVI)	62
2.3.2.1. A Vida de Miguel Ângelo	63
2.3.3. O Poder do pastorado do século IV ao século XVII, segundo Michel Foucault ..	64
2.3.4. A Repressão sexual dos séculos XVI e XVII segundo Michel Foucault	65
2.4. Na Idade Contemporânea (1789 até aos dias de hoje).....	66
2.4.1- A Influência do Iluminismo (século XVIII).....	66
2.4.2. A Mulher do século XVIII segundo J. J. Rousseau (1712-1778).....	66
2.4.3. Desenvolvimentos sobre Sexualidade no século XIX.....	66
2.4.4. A Opressão da Mulher segundo Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX ...	67
2.4.5. A Mulher e a Sexualidade segundo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).....	68
2.4.6. A Sexualidade segundo Friedrich Nietzsche (1844-1900)	69
2.4.7. O Papel da mulher na Sexualidade segundo Umberto Eco	69
2.4.8. Influência do Feminismo no século XX.....	70
2.4.9. O Erotismo, Mística e Sensualidade segundo G.Bataille	72
2.4.10.A Sexualidade científica segundo Michel Foucault (1926-1984)	75
Capítulo 3. O Caso Particular da Prostituição	77
3.1. Prostituição ritual e religiosa	78
3.1.1. Prostituição e prostitutas referidas na Bíblia	80
3.2. Prostituição por razões de sobrevivência económica	81
3.2.1. A Vida das prostitutas nos dois últimos séculos.....	82
3.2.2. Como as prostitutas de rua amam e tratam os seus filhos.	84
3.3. O escândalo português do caso “Ballet Rose”.....	84
3.4. Prostituição de Luxo.....	88
3.4.1. Prostitutas Acompanhantes e de Contactos Secretos	88
3.4.2. As Amantes dos Reis de Portugal	89
3.5. Prostituição Forçada durante a 2ª Guerra Mundial.....	92
3.6. Violações Sexuais e Direito de Pernada.....	92

Capítulo 4. Perspetivas atuais sobre a Fé Católica e a Sexualidade	97
4.1. A Moral Sexual Católica	97
4.1.1. O Concílio Vaticano II (1962-1965), a Encíclica <i>Humanae Vitae</i> (1968) e a Sexualidade.....	100
4.1.2. A Nova Norma Moral Cristã sobre a Sexualidade	102
4.2. Os Católicos nominais e a dissonância entre doutrina e <i>praxis</i>	108
Conclusões	112
Bibliografia	116

Introdução

A sexualidade é, nos nossos dias, um conceito abalado por intensa controvérsia. Os meios de comunicação social relatam posições que, por um lado, demonstram necessidade de a sociedade se afastar dos preconceitos sexuais impostos no passado e, por outro, pontos de vista que apregoam, senão um regresso ao passado, pelo menos um desejo de não se incorrer em exageros que poderiam fazer sucumbir os valores sociais elementares.

Há, assim, posições antagónicas que se centram, basicamente, na moralidade das famílias e da sociedade com receio, pelos mais conservadores, que se caia no exagero incontrollável da liberdade sem responsabilidade e, pelos progressistas, que a sociedade continue anacrónica, sem acompanhar os avanços da Ciência – Médica, Biológica, Psicológica e Ética - que se tem pautado por avanços de grande notoriedade no último século.

A sexualidade está intimamente ligada ao pecado, por força dos ditames da Religião Católica, que estabeleceu doutrinas com base em dogmas¹ que consideram o sexo como uma fonte pecaminosa. A mulher – que foi tida como uma Deusa-Mãe no Paleolítico, passou a ser considerada, incluindo como ser sexual ligado ao pecado nos tempos da Inquisição, como um ser inferior em relação ao homem, o que contraria a noção de igualdade de direitos das criaturas.

Por todos os problemas de dependência do homem e da mulher, resolvemos analisar, o mais pormenorizadamente possível, a evolução dos conceitos de sexualidade e pecado e a sua interligação com a religiosidade, desde a Pré-História até aos nossos dias. Contamos colher desse estudo experiências proveitosas para, depois, as integrarmos nos modernos conceitos de ética e de moralidade, de forma a conseguir chegar a resultados que possam sugerir ajustamentos positivos a todas as partes em confronto – Sociedade, Religião e Ciência.

A metodologia aplicada focalizou-se na pesquisa bibliográfica de obras de renome, e em entrevistas publicadas pela comunicação social, versando os temas centrais desta dissertação. Sempre que oportuno e de interesse para os objetivos propostos, estabeleceram-se paralelos históricos ou mitológicos entre civilizações ou entre estas e a Bíblia Católica (mito da virgindade, pecado original, e prostituição e seu entendimento na atualidade).

¹ Dogma: Doutrina proclamada como fundamental e incontestável; verdade de fé contida na Revelação e proposta como tal pela Igreja (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Editora Nova Cultural, São Paulo, Brasil, 1998, pp. 1954-1955)

Capítulo 1. Conceitos Básicos sobre Sexualidade e Pecado no Mundo Religioso

Iremos ver abaixo quais os aspetos da sexualidade que predominaram em várias civilizações da História, a começar pela Suméria - a mais antiga que se conhece – seguindo-se o Antigo Egipto e outras civilizações até aos nossos dias.

“Sexualidade” é definida como o conjunto de características morfológicas, fisiológicas e psicológicas relacionadas com o sexo (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, Porto, 2004) e ainda como “sensualidade” e “conjunto de excitações e atividades, presentes desde a infância, que está ligado ao coito, assim como os conflitos daí resultantes” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, Brasil, 2001).

Para o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), a noção de sexualidade engloba elementos da Anatomia, da Biologia, do comportamento humano, de sensações e de prazeres. Liga-se à reprodução mas também à mística do segredo de possuir o sexo e de o exercer ocultamente. Por conseguinte, trata-se de um tema complexo que envolve muitas variáveis, externas e internas, e que deve ser tratado integralmente e não apenas através dos seus elementos isolados, pois está dependente de fatores sociais e culturais em que se insere o homem e a mulher.

A sexualidade, ao refletir a íntima entrega amorosa de um ser a outro, serve-se do corpo, sustentáculo da vida. A reprodução também utiliza o corpo para se realizar. Finalmente, é ainda a morte, como sucedâneo da vida, a manifestar-se no corpo.

O pecado nasceu de regras estabelecidas pela Religião para punir as transgressões às leis por si ditadas em nome de Deus, ou seja, para punir a desobediência a Deus.

Estes temas serão desenvolvidos no decorrer deste trabalho.

1.1. Na Pré-história- A Ginecocracia (c. 2,5 M. A. a. C. – c. 2.000 anos a.C.)

Muitas estatuetas de mulheres nuas foram encontradas em camadas geológicas da base do Paleolítico Superior (época do Homo Sapiens Sapiens, c. 40.000 a.C. a 10.000 a. C.), por exemplo na Suméria, no Egipto e no Vale do Indo. São designadas “Vénus” ou “Deusas-Mães” e apresentam-se como figuras nuas, rechonchudas, com os seios, o ventre e as ancas exageradamente grandes e que, pelas características indicadas, são interpretadas

como tendo, na época, ligação à fertilidade e à maternidade (comparação da criação dos seres humanos com a terra onde germinam as sementes)².

A terra era considerada uma deusa, pois tudo ali se criava para o sustento humano. A mulher paleolítica era, do mesmo modo, considerada como tendo os mesmos poderes de geração que a terra, onde se lançam sementes que germinam e criam vida. Assim, o ato de dar à luz não era mais que uma variante humana da fertilidade da terra, pelo que a fecundidade feminina seria baseada no modelo cósmico da Terra-Mãe ou Mãe Universal. O mito da mulher capaz de gerar vida sem participação de um parceiro (fecundidade espontânea ou autossuficiência) tem origens na citada semelhança de fecundidades entre as referidas Terra-Mãe e Deusa-Mãe do Paleolítico; só no Neolítico é que se descobriu a participação do homem na fecundação. Foi esse facto, e também a descoberta da agricultura pela mulher, que lhe trouxeram poderes mágicos religiosos e que lhe valeram o prestígio social, dando origem ao conceito de matriarcado. Em verdade, foi pelas pinturas parietais que se ficou a saber que o homem caçava e recolhia os produtos diretamente da Natureza para o sustento familiar e que a mulher se dedicava aos incipientes trabalhos de agricultura (que se desenvolveu depois, no Neolítico), à procriação e à criação dos filhos, a cuidar dos idosos e dos doentes e a preparar as refeições. Com todos esses atributos, nasceu a adoração da mulher como uma deusa³.

A experiência religiosa liga-se, no Paleolítico (c. 2,5 m. A. a. C. até 10.000a. C.) e mais tarde no Neolítico (c. 7.500 a. C. – c. 2.000a. C.), à vida concreta do homem, em que entram em ação forças como a sexualidade, a fecundidade, a mitologia da mulher e da terra. Neste sentido, o homem apela mais, no dia-a-dia (agricultura, gado, vegetação, etc.), às Deusas-Mães e aos deuses da fecundidade e da opulência do que ao longínquo Deus Criador, a quem só recorre nas situações de grandes desastres naturais (secas, tempestades, epidemias)⁴.

Para além disso, o culto do ocre vermelho – cor da terra fértil - estaria relacionado com a menstruação da mulher e, portanto, ligado à sexualidade e à geração da vida, acrescentando uma aura maior à mulher ⁵. Acreditava-se que o sangue divino contido no útero da mulher era quem criava a vida, bastando, para tal, movimentos abdominais do

²Soneville-Bordes, D. de, (1981) *A Pré-História*, Editorial Presença, pp. 131-133, Lisboa

³ Eliade, M. (1992), *O Sagrado e o Profano*, Livraria Martins Fontes Editora, Ltda., pp. 71-72, São Paulo, Brasil,

⁴ Eliade, M. (1992), *O Sagrado e o Profano*, Livraria Martins Fontes Editora, Ltda, pp. 63-64., São Paulo, Brasil

⁵ Poupard, P., (1985), *As Religiões*, Rés Editora, p.41, Porto

corpo, em ritmo de dança, para agitar o sangue e assim nascerem os seres humanos. Há quem pense que terá sido daí que nasceu a dança do ventre. Estudos vários indicam que, no Paleolítico, o ciclo menstrual começava por volta dos 18 anos, alegadamente devido à subnutrição por falta de alimentos ricos em nutrientes e às longas caminhadas da mulher na sua vida nómada. Como o número de homens era superior ao das mulheres, estas viam-se muito assediadas sexualmente e, por isso, engravidavam com frequência. Muitas mulheres morriam durante o parto.

Nesses tempos pré-históricos, os seres viviam em pequenos grupos, mantendo-se juntos e solidários para se defenderem dos animais selvagens e das intempéries. Assim, havia harmonia entre homens e mulheres. Não sobressaía, portanto, domínio da mulher sobre o homem como faz crer o nome de “ginecocracia” que se dá a este período de tempo. O que se deve dizer é que a mulher tinha, como se referiu, uma posição elevada nas comunidades, pela admiração e respeito que infundia devido ao seu poder de criar vida. Neste aspeto, é preciso notar que as divindades mais importantes, ligadas à fertilidade e à terra, eram femininas.

Nesta época não era precisa a força muscular para colher os alimentos das árvores e do solo e também se desconhecia, como foi mencionado, o papel do homem na reprodução, que se acreditava estar apenas centrado na mulher com a colaboração dos deuses.

Note-se que, na Civilização Madalenense VI da Europa (Gare de Couze, perto do Vale de Cordogne, em França), que teve lugar no topo do Paleolítico Superior (entre cerca de 15.000 a. C. e 10.000 a. C.) foram descobertas figuras femininas estilizadas, de contornos elegantes, desenhadas de perfil, inclinadas para a frente, em atitude que alguns historiadores consideram de erótica e outros de movimentos de dança. Trata-se, portanto, de figuras muito diferentes da tradicional figura gorda da deusa-mãe anterior ⁶.

Pelas datações, verifica-se que a sociedade chamada “ginecocrata” do Paleolítico e de parte do Neolítico (de c. 2,5 M. A. a c. 2.000 a. C.) se manteve por cerca de 2 milhões de anos, portanto por muito mais tempo do que o domínio patriarcal que lhe sucedeu (pouco mais de 2.000 anos). Só no Neolítico (c. 7.500 a c. 2.000 anos a. C.) é que se deu a transição para a monogamia. Com a crescente passagem do nomadismo para a sedentarização (começada na parte final do Paleolítico e expandida no Neolítico pelo desenvolvimento da agricultura e da domesticação dos animais) e consequente aumento da

⁶Soneville-Bordes, D. de, (1981), *A Pré-História*, Editorial Presença, p. 133-134, Lisboa

população, é que foi necessário mais alimento do que o oferecido pela Natureza⁷. Foi então que passou a ser precisa a força muscular do homem para as grandes caçadas. Começou aí a transição da ginecocracia para o patriarcado que se enraizaria mais tarde com o predomínio dos produtos da agricultura que passou a utilizar o arado (época dos metais), puxado por tração animal e pelo homem, embora a mulher colaborasse nos trabalhos agrícolas que não exigiam força muscular.

Começava, assim, a divisão sexual do trabalho e uma maior valorização do papel do homem. Iniciava-se, também por isso, a necessidade de adquirir e cultivar novas terras para um aumento cada vez maior da população, o que exigiu maior produção, surgindo novas técnicas de fabrico, nova divisão de tarefas e o comércio. A sociedade torna-se mais complexa e pluralista.

Ainda no Neolítico, a domesticação dos animais mostrou que as ovelhas isoladas dos machos não procriavam nem produziam leite; todavia, quando se metiam carneiros nos rebanhos, as ovelhas geravam cordeiros em grandes quantidades. Foi assim que o homem verificou que o macho era necessário para a reprodução.

A sexualidade feminina foi-se submetendo ao homem, e a herança na linha materna de descendência passou para o homem, enquanto a mulher acabou por se limitar ao governo doméstico. Começou a ser preciso grande número de filhos para o trabalho e para a defesa e a sexualidade passou a ser controlada pelo homem, com regras de conduta que obrigavam a punições em caso de infidelidade da mulher. Por esse motivo, as mulheres tinham filhos, uns a seguir aos outros, sendo a menstruação muito rara. A mulher foi obrigada a ficar virgem até ao casamento e submissa ao homem em todos os aspetos.

Surge, por essa ocasião, (o conhecimento da Bíblia pode ser colocado entre o século XV a. C. e o século I a. C., embora as opiniões divirjam sobre a data), a adoração ao Deus único, com o Judaísmo e o Cristianismo, que reforçam a posição do homem em relação à mulher, como se verá mais tarde.

A sociedade patriarcal manteve-se até aos dias de hoje, inclusivamente durante a Revolução Industrial (com começo em Inglaterra no século XVIII), apesar da luta iniciada pelas mulheres em meados do século XX.

⁷ Bindford, R. L. (1991), *Em Busca do Passado*, Publicações Europa-América, p. 258, Mem Martins

1.2.No Período Sumério (do 3º, 4º ou 5º milénio a.C. até cerca de 1600 a.C.)

A História da Suméria – civilização instalada na Mesopotâmia entre os grandes rios Tigre e Eufrates (a Sul do atual Iraque) desde o princípio do 4º milénio a. C. – era inteiramente desconhecida há cerca de cem anos atrás, só vindo a ser conhecida por volta de 1900 a partir da descoberta de placas de argila com caracteres cuneiformes, datadas de há cerca de 5.000 anos. É a mais antiga civilização que se conhece, a qual dependia essencialmente da agricultura. Foi aqui inventada a escrita cuneiforme por volta de 3300 a. C. Muitos textos foram deixados nas referidas placas de argila, dando-nos a conhecer o seu modo de vida e religião.⁸ Como é sabido, a partir da descoberta da escrita terminou a Pré-História e, por isso, se diz que a História nasceu na Suméria.

Os Sumérios adoravam muitos deuses, sendo o mais venerado o deus Enlil (deus da ligação entre o Céu e a Terra, deus do ar e das tempestades). Muito considerada era também a deusa Inanna (deusa do amor e também da fertilidade e da fecundidade). Para os Sumérios, os deuses, apesar de serem imortais, tinham características humanas: comiam e bebiam, casavam-se e tinham uma vida como se fossem seres humanos⁹.

A criação do Universo estaria ligada à sexualidade. Segundo o prefácio do poema sumério “Gilgamesh, Enkidu e os Infernos”, (provavelmente o mais antigo texto literário do mundo, com lendas aparentemente coligadas pelo Rei Assurbanípal), o Universo teria sido criado a partir de um mar inicial que deu origem à Terra e ao Céu. A Terra era do sexo feminino (ki) e o Céu era masculino (Na); da relação física entre os dois teria nascido o deus do ar (Enlil). Enlil teve relações sexuais com a mãe Terra, dando origem ao Universo, incluindo o Homem, os animais e as plantas. O ser humano teria sido moldado em argila (mais tarde a Bíblia faz também nascer o homem a partir do barro) e criado em seguida com o objetivo único de servir os deuses: dar-lhes alimento, habitação e prazer. Por isso, o ser humano passa a ser escravo dos deuses¹⁰.

O mesmo poema épico da Suméria narra uma ligação profunda de amor entre o (possivelmente Rei) Gilgamesh e o seu amigo Enkidu, interpretada como sendo o resultado de uma atração sexual, conforme transparece das palavras dirigidas à mãe do primeiro: *eu sentia-me muito feliz...ele (Enkidu) exercia sobre mim uma atração semelhante à que*

⁸ Tavares, A. A., (1995), Civilizações Pré-Clássicas, p. 200, Universidade Aberta

⁹ Kramer, S. N., (1997), A História começa na Suméria, Publicações Europa-América, pp. 115-133, Mem Martins

¹⁰ Kramer, S. N., (1997), A História começa na Suméria, Publicações Europa-América, pp. 102 e 103, Mem Martins

exerce o amor de uma mulher... eu o amei como a uma mulher e passei a levá-lo comigo a meu lado. Alguns autores chamam “homoerotismo” aos atos de Gilgamesh e não “homossexualismo” por não se marginalizarem os indivíduos envolvidos no mesmo ato.

Da deusa Inanna são conhecidos alguns mitos que fazem referência à sexualidade, como se segue:

1. *Descida de Inanna ao Inferno*: Inanna e o marido vivem juntos durante um tempo curto, pois ele foi parar ao Inferno. Inanna desce ao Inferno para resgatar o marido e também, como era ambiciosa, para conquistar aquele submundo. Quem ali governa é a sua irmã. Inanna é obrigada a ficar nua e morre sob o efeito do olhar mortífero de dragões. Como Inanna não regressa, o seu conselheiro evoca o deus da sabedoria, Enki, que tenta ressuscitá-la dando forma, em barro, a dois seres assexuados a quem deu o alimento e a água da vida; estes dois seres são levados para o Inferno e vertem o alimento e a água da vida sobre Inanna, fazendo-a regressar à vida. (O poema é aqui interrompido devido a fraturas das placas de argila, porém novas peças e novas interpretações conseguem que se saiba que Inanna se enfurece perante a arrogância do marido e o entrega aos demónios). Este mito traz-nos o fenómeno da ressurreição, que será mais tarde tratado também no Novo Testamento do Cristianismo.

2. *O Pecado Mortal do Jardineiro* (Inanna e Skukallituda): O jardineiro Skukallituda trabalhava arduamente mas as suas plantas morriam; invocou a ajuda dos deuses que lhe ensinaram a plantar uma árvore que dava muita sombra e, a partir daí, as plantas começaram a vicejar. A deusa Inanna passou pelo jardim e o jardineiro, aproveitando-se da sua fadiga, teve relações sexuais forçadas com ela. Inanna não conseguiu saber quem lhe ferira a honra e, por isso, lançou três maldições contra a Suméria (só se apresentam duas, pois as placas de argila estão incompletas):

- Encheu todos os poços de sangue
- Fez soltar grandes ventanias e temporais para arrasar o país

O poema acaba sem que Inanna saiba quem a desonrou, porque a placa de argila está quebrada. Este poema apresenta-nos a praga do derrame de sangue sobre a água da Suméria, o que nos faz recordar a transformação da água do Rio Nilo, no Egipto, em sangue, levada a cabo por Javé, conforme descrito no Êxodo da Bíblia Hebraica, depois da recusa do faraó em deixar sair os filhos de Israel do Egipto^{11, 12}.

¹¹ Kramer, S. N., (1997), *A História começa na Suméria*, Publicações Europa-América, p. 95-100, Mem Martins

O Rei Hamurabi reinou na Suméria por volta de 1728 a 1686 a. C. e deixou um Código de cerca de 282 parágrafos (Código de Hamurabi) na língua designada por babilónio (da antiga Mesopotâmia) e é o documento mais importante da civilização da Mesopotâmia. Hoje sabe-se que o mais antigo Código de Leis foi elaborado pelo Rei Sumério Ur-Nammu (início de reinado a cerca de 2.050 a. C., cerca de 300 anos antes de Hamurabi)¹³. O Código de Hamurabi previa regras que se relacionavam com a sexualidade e o pecado (violação de mulheres, relações sexuais, adultério e concubinato).

1.3.No Hinduísmo (a partir de c. 4.000 a. C.)

O Hinduísmo não tem sido considerado nem uma filosofia nem uma religião na aceção literal destes termos, mas, antes, uma tradição social e religiosa suportada por muitas seitas, cultos e sistemas filosóficos que envolvem rituais, cerimónias e práticas espirituais e a adoração a muitos deuses e deusas. Tal complexidade deve-se às diferenças geográficas, raciais, linguísticas e culturais do grande subcontinente da Índia.

O Hinduísmo data de cerca de 4.000 a. C. a 6.000 a. C. e hoje baseia-se nos Vedas, um conjunto de antigas escrituras passadas oralmente de geração em geração e escritas em sânscrito¹⁴ e que teriam sido compostas entre 1.500 a. C. e 800 a. C. Incluem orações, hinos, rituais e mensagens espirituais. Brama é a alma ou essência interior, infinita, suprema e sem início. Os muitos deuses da Índia não são mais que reflexos de Brama.

As divindades mais veneradas na Índia são Shiva (o Grande Senhor, a plenitude de Brama e que é também considerado o deus da criação e destruição, para além de deus da dança), Vishnu (preservador do Universo) e Shakti (Mãe Divina e também esposa de Shiva). Shakti e Shiva aparecem frequentemente abraçados exibindo muita sensualidade¹⁵.

O prazer sensual está incutido no Hinduísmo, pois o corpo é considerado parte integrante do ser humano, que inclui também o espírito. Por isso, o hindu não se esforça por controlar ou eliminar o desejo carnal, que não é pecaminoso. E também por isso o hinduísmo desenvolveu o tantrismo medieval que procura atingir a iluminação interior através de uma forte e profunda experiência de amor sensual, em que cada membro do

¹² Bíblia Sagrada, (1993), Editora São Paulo, p. 77: “Moisés e Aarão fizeram como Javé tinha mandado. Aarão ergueu a vara, tocou a água do rio diante do Faraó e da sua corte; e toda a água do Nilo se transformou em sangue. Os peixes do rio morreram, o rio ficou poluído, e os egípcios não podiam beber a água do rio. E houve sangue por todo o país do Egito”, Brasil

¹³Kramer, S. N., (1997), A História começa na Suméria, Publicações Europa-América, p. 73-78, Mem Martins

¹⁴ Sânscrito: Língua Sagrada da Índia

¹⁵ Lemos, M. M., (2001), Dicionário de História Universal, Editorial Inquérito, p.488, Mem Martins

casal é como se fosse todo o casal, conforme descrito na Upanishad 4.3.21 (última das quatro escrituras Vedas, que trata do conteúdo filosófico e prático): *Tal como um homem nos braços da esposa amada nada sabe por dentro e por fora, assim também quando no abraço da Alma inteligente nada sabe por dentro e por fora.*

Shakti e muitas outras divindades femininas foram associados a este tipo de misticismo sensual. A abundância de deusas indica que o lado físico e sensual do ser humano foi sempre associado à mulher, como uma parte do divino. As divindades femininas hindus são apresentadas em abraços eróticos de grande beleza¹⁶.

Em Brhadâryaka Upanishad VI, 4,20, encontramos referência ao casamento humano como sendo uma imitação da união sexual entre os deuses (hierogamia cósmica): *Eu sou o Céu, proclama o marido, e tu és a Terra!*

Em Atharya Veda (XIV, 2, 14) a mulher é assimilada à terra de cultivo, as sementes ao sêmen e o trabalho agrícola à união conjugal: *Esta mulher veio como um terreno vivo: semeai nela, homens, a semente.*

1.4. No Antigo Egipto (3.200 a.C. – 32 a. C.)

1.4.1. Religião

A civilização egípcia desenvolveu-se no Nordeste de África (margens do Rio Nilo) por cerca de 3.000 anos, entre 3.200 a. C. e 32 a. C.. O Império Antigo prevaleceu de 3.200 a. C. a 2.100 a. C., isto é, quase mil anos¹⁷. Nunca uma civilização durou tantos anos. Ao todo, cerca de trezentos Reis governaram o Egipto.

Não devemos esquecer que a sexualidade no Antigo Egipto estava indubitavelmente ligada à religião, já que esta se relacionava, por seu turno, com os aspetos sociais, políticos e económicos do país. Sendo o Rei (Faraó) soberano sobre todas as coisas e pessoas, e sendo ele próprio considerado um deus cósmico, todas as facetas da vida estavam dependentes dele e, portanto, da religiosidade.

A religiosidade do Antigo Egipto é conhecida através dos seguintes elementos:

- Livro das Pirâmides: coleção de gravuras encontradas nas paredes dos corredores e dos sarcófagos das pequenas pirâmides de Sakara e que incluem textos litúrgicos e

¹⁶ Capra, F. (1989), O Tao da Física – Uma exploração dos paralelos entre a Física moderna e o misticismo Oriental, Editorial Presença, 2ª Edição, pp.75-79, Lisboa

¹⁷ Araújo, L. M., (2011), Os Grandes Faraós do Egipto, A Esfera dos Livros, p. 17, Lisboa

preceitos relativos ao destino do Rei depois de morto. O primeiro conjunto diz respeito à pirâmide de Unas, rei da V dinastia (Império Antigo).

- O Livro dos Mortos: é datado do Império Novo (de 1.550 a.C. a 1.070 a. C., isto é, 480 anos) e consiste em textos funerários escritos em papiro que eram colocados junto das múmias¹⁸.
- Monumentos arqueológicos: são exemplos os templos de Abu Simbel, de Ramsés II e Nefertari¹⁹.

A religião egípcia é, em geral, politeísta, com vários cultos a vários deuses, incluindo animais considerados sagrados.

Havia, no Egito Antigo, duas famílias de deuses: a do deus-Sol (Ré) e a do deus Osíris. O Rei considerava-se descendente do deus Hórus e, a partir da V dinastia (Império Antigo, c. 2635-2.154 a.C.), passou a intitular-se também filho do deus-Sol (Ré). No Império Novo (c. 1550 a. C - c.1070 a. C.), para além de deus Ré, o Rei passou a ser também filho do deus Amon.

O politeísmo surgiu no Neolítico (c. 7.500 a. C. a c. 2000 a. C.), em que cada localidade seguia o seu próprio deus ou deuses, que moravam na Natureza. Com a unificação dos povos, os deuses foram sendo assimilados, sobretudo os dos vencedores pelos vencidos. Houve apenas um reinado em que o Faraó (Akhenaton) mudou a visão religiosa para uma feição henoteísta (culto de um deus superior, sem desprezar os outros deuses), que acabou por não vingar²⁰.

O rio Nilo foi o elemento que fez a união entre os povos vindos do Norte e os vindos do Sul. Eles souberam tirar partido das águas que transbordavam para as margens em meados de Julho, regando os campos e adubando o solo com os materiais húmicos transportados pelo rio. Os egípcios abriram canais de transporte de água e construíram diques para acumular a água para rega (originalmente para se defenderem dos graves efeitos das inundações) e desse conjunto de dádivas da Natureza e trabalho árduo do homem nasceu uma agricultura próspera²¹.

O agrupamento dos deuses era feito por famílias teológicas com a sequência pai-mãe-filho, ou tríade, cada uma com as suas próprias concepções da criação dos deuses e do mundo:

¹⁸ Araújo, L. M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, pp. 513-516, Lisboa

¹⁹ Araújo, L. M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, p. 94, Lisboa

²⁰ Araújo, L. M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, pp. 41- 43, Lisboa

²¹ Tavares, A. A.,(1995), Civilizações Pré-Clássicas, Universidade Aberta, p. 31, Lisboa

Família do deus Sol de Heliópolis (V dinastia, Império Antigo, c. 2635-2154 a. C.): adoravam Ré, o deus-sol, que era considerado o deus supremo, criador do universo. Ré era representado de três maneiras:

- Atum, de forma humana, com uma coroa dupla na cabeça (usada também pelo faraó), significando o Baixo Egito (coroa vermelha) e o Alto Egito (coroa branca). O deus Atum teria criado o Universo por meio de masturbação.
- Escaravelho Kepra: tal como o escaravelho, o Sol também era concebido por si próprio (o escaravelho enterra a bolinha de esterco de que se alimenta debaixo da terra; a fêmea põe os ovos no esterco até ao choco e daí nasce um inseto que se concebeu a si próprio)
- Homem com cabeça de falcão, com o disco solar e uma cobra sobre a cabeça: representava o deus Sol ou Ré. A cabeça de falcão identificava-o com o deus Hórus (não o deus Hórus filho de Osíris; note-se que havia 15 deuses Hórus, conforme o parentesco atribuído nos mitos²²).

Família que seguia o deus Osíris: era proveniente da Escola de Hermópolis, que prestava culto a oito deuses os quais, ao contrário da teoria de Heliópolis, teriam nascido antes do deus Sol. Para eles, o deus Tot é que teria gerado o deus Ré (Sol). Os casais nascidos de Tot eram a Noite, Trevas, Mistério e Eternidade. Teriam sido estes casais que geraram um ovo do qual teria nascido o deus Sol que, por sua vez, criou o mundo. Para esta Escola, o poder era exercido por Osíris (deus da vegetação e do Além), Ísis (deusa do céu) e Hórus (o deus falcão, senhor do céu e patrono das províncias do Egito e esposo de Hathor). O culto de Osíris, Ísis e Hórus espalhou-se por todo o Egito e ainda era seguido nos tempos romanos. A lenda mitológica conta que Osíris terá ensinado as técnicas da agricultura aos homens e o seu reinado trouxe harmonia e felicidade aos povos. O seu irmão Set tinha mau feitio e inveja dele, por isso o matou, cortando-o aos bocados; porém a deusa Ísis reconstruiu-o, embalsamou-o e mumificou-o, trazendo-o de novo à vida, tendo reinado, não na terra mas no Além. Por isso, Osíris passou a personificar o deus dos mortos que esperam viver eternamente depois do julgamento final. Ísis terá concebido, por parte do cadáver reanimado de Osíris, dando à luz Hórus²³. Hórus reinou depois de Osíris e os reis que a seguir governaram o Egito eram considerados filhos de Hórus, isto é, eram de filiação divina.

²² Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminho, p.434, Lisboa

²³ Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminho, p. 651, Lisboa

1.4.2. Sexualidade nos ritos religiosos e no Além

Nas famílias teológicas notam-se já os fenómenos de sexualidade entre os deuses, de que resulta a procriação, nestes casos de outros deuses.

A adoração aos deuses fazia-se nos templos – moradas dos deuses - três vezes ao dia: ao romper do dia, ao meio-dia e ao entardecer. Como se tratava de prestar culto ao deus representado terrenamente no templo, esse deus era purificado por lavagem, era vestido e perfumado, ornado com joias e alimentado. O cerimonial era acompanhado de cânticos e recitações. Só depois de alimentar o deus é que eram alimentados os humanos presentes no templo. À semelhança do que acontecia no palácio real, a comida era servida em pratos e na sequência usada no palácio. As oferendas eram sujeitas a um ritual levado a cabo pelo celebrante com o objetivo de passar as mesmas para o Além, para agrado do deus. Os fiéis não participavam das cerimónias, as quais eram destinadas apenas a alguns particulares privilegiados e a entidades nomeadas pelo rei.

Os egípcios acreditavam na existência de três elementos essenciais do ser humano:

- O *Khet* (corpo)
- O *Ba* (força espiritual) representado por uma ave com cabeça humana)²⁴
- O *Ka* (força vital que fornece proteção, felicidade, saúde e alegria ao homem)

O *Ka* adquiria vida com o nascimento da pessoa e passava para o Além antes do indivíduo. Os objetos materiais que haviam pertencido ao indivíduo e que se colocavam nos túmulos (mobiliário funerário) iriam servir ao *Ka*. Assim, a necrópole era a morada dos *Kas*.

O *Ba* adquiria vida com a morte do indivíduo; as orações pronunciadas pelo sacerdote, em conjunto com o alimento que era ofertado, ajudavam a transformar o defunto em *Ba*. A morte mais não era que a separação entre o elemento corporal e os elementos espirituais. Para que houvesse sobrevivência dos imateriais *Ba* e *ka*, isto é, para que eles pudessem continuar a viver em união com o *khet* – que era o suporte material de que se alimentavam e com quem se iriam reunir no Além - este não poderia desaparecer, isto é, teria que ser preservado. Quer isto dizer que, se o corpo (*khet*) fosse destruído, também desapareceria a parte espiritual (*Ba*) para sempre.

²⁴ Ba: é um dos três princípios espirituais ligados ao homem, constituindo a totalidade do ser, a parte humana (incluindo a personalidade e o desejo sexual) e a parte divina, por isso não se pode traduzir apenas por “alma” como pretendem alguns historiadores. Para além da vida na terra, o “Ba” continuava a ser o suporte do corpo, mantendo as suas propriedades (Araújo, L.M., (2001), Dicionário do Antigo Egipto, Editorial Caminho, pp. 131-132, Lisboa)

Toda a sociedade estava ligada ao Além e a esperança da sobrevivência é que caracterizava o tipo de vida terrena, isto é, o comportamento do homem, que tudo fazia para merecer essa eternidade. É do conceito de sobrevivência e conservação do corpo que nasce a *mumificação* que já se praticava na Pré-História, mas que atingiu o seu ponto máximo de aperfeiçoamento no Império Novo (c. 1554-1070 a. C.) com o uso de técnicas inovadoras e de aromas e essências importados da Ásia.

No funeral participavam familiares, amigos, servos e sacerdotes e carpideiras profissionais. O nome do morto era precedido do nome Osíris, o deus dos mortos, e do seu mundo.

A mumificação tinha por objetivo tornar o corpo incorruptível para posterior colocação na chamada “casa da eternidade”, para uma vida depois da morte, que tudo incluiria, até mesmo as relações sexuais. Por isso, os órgãos sexuais eram tratados antes da mumificação, de forma a estarem preservados e bem representados no Além. Alguns corpos foram castrados pelos embalsamadores (Ramsés II e Merenptah) e as partes genitais dos faraós eram embalsamadas à parte. O pénis de Tutankhamon terá sido cortado e mumificado e voltado a ser colocado no seu lugar, em posição própria para o posterior ato sexual. Da mulher retiravam-se o útero, as trompas e os ovários, sendo depois a vulva impregnada com resina para a manter endurecida²⁵.

O corpo era levado para o local do embalsamamento, onde sacerdotes especialistas supervisionavam a operação de mumificação, que levava entre quarenta e setenta dias a completar e incluía rituais como o abrir da boca e dos olhos do morto para fumigações com incenso e purificações com água e o sacrifício de bois. Começava-se por retirar o cérebro pelo nariz; depois abria-se, com uma pedra, um buraco na parte lateral do ventre de onde se retiravam as vísceras, sendo o espaço preenchido com mirra, canela e perfumes²⁶.

Eram colocados amuletos na múmia, incluindo um escaravelho sobre o peito para o proteger no tribunal de Osíris, e traçavam-se desenhos de figuras simbólicas sobre o cadáver. O caixão também era decorado com fórmulas mágicas e as vísceras eram colocadas em vasos especiais chamados “canopos”; depois do Império Novo, estes vasos eram de alabastro e tinham uma tampa que reproduzia a cabeça de um dos quatro filhos do deus Hórus: cabeça de homem, cabeça de macaco, cabeça de chacal e cabeça de falcão²⁷.

²⁵ Araújo, L. M., (2012), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*, Edições Colibri, pp. 117-118, Lisboa

²⁶ Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminho, p. 594, Lisboa

²⁷ Tavares, A. A., (1995), *Civilizações Pré- Clássicas*, Universidade Aberta, p. 122, Lisboa

Por norma, o morto passava por quatro fases para atingir a divindade: 1) a morte ou sacrifício, 2) a ressurreição no outro mundo, 3) a transfiguração e 4) a ascensão e a glorificação/divinização.

O momento crítico da passagem do mundo terreno para o Além era a pesagem do coração, que simbolizava a conduta moral do morto: o coração era colocado num dos pratos da balança e no outro era colocada a leve pena que a deusa Maet usava na cabeça²⁸. Os pecados não deveriam ser mais pesados que a pena e o processo pretendia, assim, ser justo e imparcial, de modo a que a virtude originasse a passagem para uma vida de pureza no Além. Para tal, o ser humano deveria ser puro e não ter feito mal a ninguém enquanto vivo. Por isso, ele tentava demonstrar que não roubara, não cometera adultério nem outros pecados. Se a balança em que estava o coração indicava que não havia pecados, então tal ficava escrito para se lavar a sentença e só depois é que Hórus levava o morto pela mão até ao seu pai Osíris. Esta crença está descrita no “Livro dos Mortos” (Império Novo)²⁹.

Depois de passar pelo tribunal de Osíris, o “Ba” (força espiritual) da múmia ia ter a mesma vida no Além; era importante a decoração do túmulo com objetos caseiros e com passagens do “Livro dos Mortos”³⁰, e também oferendas, acompanhadas de ritos que, no caso de o morto ter sido infértil ou impotente, eram levados a cabo pelos filhos.

Hoje pode parecer estranha a divindade do Rei e a adoração a tantos outros deuses de várias formas (ou só animais ou corpos humanos com cabeça de animal). Os egiptólogos acreditam que tal se pode explicar pelas razões seguintes:

- Da Pré-História Egípcia (Paleolítico e Neolítico, 2.500 M.A. a. C. a 2.000 a. C.) há testemunhos da adoração do divino apenas na forma animal. Esta feição manteve-se e só mais tarde é que se nota uma certa evolução para formas híbridas (cabeça de animal e corpo humano), mas não deixando de se continuar a tradição religiosa original

²⁸ Maet: A deusa Maet representava, para os antigos Egípcios, a ordem cósmica que veio eliminar o caos na altura da criação do mundo. Para além disso, representa também as noções de justiça e verdade, opondo-se à maldade, à mentira e ao caos. Por tudo isso, Maet representava o mais importante princípio do mundo e era obrigação do Rei manter a ordem cósmica, incluindo através de oferendas aos deuses para que estes travassem o regresso do caos ao Egito e ao mundo. Simbolizava também a harmonia dos sons musicais. Maet era representada por uma jovem elegante, de longos cabelos a descer pelos ombros, com uma pena de avestruz presa na cabeça por uma fita (In Araújo, L.M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, pp. 524-535, Lisboa).

²⁹ Araújo, L.M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, pp. 513-517, Lisboa

³⁰ Livro dos Mortos (Fórmulas para sair para a luz do dia): grupo de textos escritos em papiro em escrita hieroglífica, cuja finalidade consistia em proteger o morto na sua viagem até ao Além; para esse efeito, o rolo de papiro era colocado no túmulo para acompanhar o morto na viagem e na vida do Além. O Livro dos Mortos teve a sua origem no “Livro dos Sarcófagos” que, por seu turno, derivou do “Livro das Pirâmides” (In Araújo, L.M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, pp. 513, Lisboa)

- O Egípcio via o divino manifestado em tudo o que o rodeava (plantas e animais)
- A divindade do Rei indicava a presença do divino mais perto do homem

Nos ritos funerários e no embalsamamento já se nota a ligação da sexualidade ao homem, neste caso pelo desejo da sua continuidade depois da morte – preservação da vida depois da morte, incluindo a sexualidade e as partes a ela ligadas (falos, vulvas, etc.).

Conhece-se a atividade sexual do Antigo Egito por meio de três fontes: 1- imagens em papiros, gravações em pedras, utensílios domésticos; 2- poemas; 3) textos médicos, diários de viagens, etc. Por norma, estas fontes não se encontram bem conservadas.

A sexualidade tinha ligação a rituais religiosos com o intuito de assegurar a fertilidade das terras nas margens do Rio Nilo; assim, as práticas da sexualidade não eram práticas consideradas profanas ou mundanas.

Os deuses e deusas mais ligados à sexualidade eram Hathor, Osíris, Isis, Set e Hórus. Os deuses tinham relações sexuais, o que os ligava aos homens. O mundo dos deuses é apresentado, no Antigo Egito, como uma representação completa do mundo terreno – os mesmos problemas, sentimentos, virtudes e defeitos, alegrias e tristezas por que passavam os humanos³¹.

1.4.3. A Sexualidade na criação do mundo pelos deuses

Os deuses criavam outros seres por meio da cópula, ou pela masturbação ou ainda pela palavra. Um dos mitos da criação mais conhecidos é o de Enéade³² de Heliópolis³³.

Segundo este mito de Heliópolis (extraído de um papiro interpretado do Livro das Pirâmides) teria existido, no princípio dos tempos, um oceano primitivo, do qual surgiu o deus Atum, de início inerte e depois dotado de movimento pela absorção do espírito da vida; Atum ter-se-ia procriado a si mesmo por masturbação em Heliópolis, dando origem aos deuses e ao mundo. Dessa procriação teriam nascido dois deuses: Chu (ou Xu), deus da atmosfera, do calor e da luz, e Tefnut (ou Tefnet), a deusa das nuvens e da chuva que, para além de irmã, passou a ser esposa de Chu³⁴.

³¹ Araújo, L. M., (2012), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*, Edições Colibri, p. 23, Lisboa

³² Enéade: agrupamento de nove divindades, geralmente ligadas entre si por laços familiares; A Enéade de Heliópolis era o grupo mais importante dessa época. Hoje o termo refere-se a qualquer número de deuses (In Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminho, pp. 319-320, Lisboa)

³³ Heliópolis: cidade do Império Antigo, situada a cerca de 10 km a Noroeste do Cairo, hoje praticamente destruída. Foi considerada o maior centro cultural do Antigo Egito (In Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminh, pp.411-412, Lisboa)

³⁴ Tefnut: Deusa associada à humidade: filha de Atum e irmã e mulher de Chu, e mãe de Geb e Nut. Passou a ser representada com cabeça de leoa e Chu com cabeça de leão: No texto das Pirâmides, Tefnut identifica-se

Os deuses Shu e Tefnut teriam criado, no momento da cópula, o deus Geb (deus da terra) e a deusa Nut (deusa do céu). Geb e Nut ficam unidos desde o nascimento no ato sexual. De Geb e Nut nasceram os deuses Osíris (rei da terra), Ísis (esposa e irmã de Osíris), Set e esposa (e irmã) Néftis.

Note-se que outras escolas cosmogónicas ³⁵ do Antigo Egito, acreditavam no poder de outros deuses, que não Atum, para a criação do Universo. Por exemplo, a Escola Religiosa de Mênfis (Men-nefer) adoptava a criação pelo deus Ptah³⁶, através da palavra. A Escola Religiosa de Tebas (Uaset) adoptou a criação do mundo pelo deus Amon ou Amon-Re³⁷, quer por masturbação (tal como Atum), quer como oleiro (tal como o deus Khnum), quer ainda pela palavra (deus Ptah ou deus Tot)³⁸.

1.4.4. Set³⁹, Osíris e Ísis e o mito do nascimento do deus Hórus

Set, apesar de ter tido outras amantes, era estéril e tinha inveja do irmão Osíris que tentou matar, metendo-o dentro de um caixão e atirando-o ao Rio Nilo. Osíris foi encontrado pela esposa Ísis, porém o irmão Set corta o corpo do irmão Osíris aos bocados e espalhou-os por vários sítios. Há indicações de que Ísis encontrou todos os bocados do corpo menos o falo que teria sido engolido por um peixe de rio (ligação ao importante papel criador do rio Nilo).

Através de artes mágicas, Ísis substituiu o falo, permitindo a relação sexual entre Osíris e Ísis, daí nascendo o deus Hórus. Este mito parece revelar as lutas e as intrigas existentes entre os membros da corte do Egito no que respeita à sucessão dos reis através do ato sexual, ou seja, parece haver na terra uma representação do plano dos deuses.

com o nascimento da monarquia egípcia (In Araújo, L. M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, p. 809, Lisboa)

³⁵ Cosmogonia: conjunto de teorias que têm por objeto explicar a formação do Universo (Dicionário da Língua Portuguesa, (2004), Porto Editora, p. 406, Porto)

³⁶ Ptah: deus protetor dos artesãos, das artes e ofícios e, mais tarde, da sabedoria e do conhecimento, e juntava em si os polos masculino e feminino. Com a sua conceção da palavra para criação do Universo, Ptah posicionou-se à frente de Atum que havia usado a masturbação para a criação do Universo (Araújo, L. M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, Editorial Caminho, pp. 717-718, Lisboa)

³⁷ Amon: Rei dos deuses, deus do ar e da suave brisa e do sopro da vida

³⁸ Araújo, L. M., (2012), Erotismo e sexualidade no Antigo Egito, Edições Colibri, pp.53-55, Lisboa

³⁹ Set: deus do mal, da desordem e da confusão, que tinha sido venerado no Egito desde a Pré-História. Assassino e desmembrador do corpo do irmão Osíris, ainda perseguiu Hórus para o matar, por isso representa a luta pelo poder.

1.4.5. O Homoerotismo – Set, Hórus e o governo do Egito

Na disputa pelo poder e pela sucessão da realeza do Antigo Egito, o melhor exemplo é retratado no mito da contenda entre Osíris e Hórus. Hórus quer vingar a morte do pai Osíris por Set. Sabendo disto, Set convida Hórus para ir a sua casa para fazerem as pazes, e este aceita. Depois de uma cena de erotismo e de outras peripécias, o sémen de Hórus é usado para engravidar Set.

No tribunal, é chamado o deus Tot para dizer qual dos dois – Set ou Hórus - fez o papel masculino, que era o mais importante na governação do Egito. Foi demonstrado que Set teria tido o papel de fêmea, por isso não poderia governar o Egito.

Como se depreende da narrativa acima, o homoerotismo, tal como descrito, não era considerado um ato pecaminoso no Egito Antigo, com a ressalva de que quem tinha o papel feminino não poderia governar o país. Porém a descrição não é a de homossexualismo, mas antes simplesmente de erotismo (ver 1.4.6., a seguir)⁴⁰.

1.4.6. A Homossexualidade no Antigo Egito

Tudo indica que a homossexualidade era condenável no Antigo Egito, aparentemente por não ser fértil. Os guerreiros praticavam a sodomia para humilhar os vencidos. O Livro dos Mortos inclui uma confissão em que o indivíduo se considera inocente da prática de pederastia, que era considerada imoral, ao afirmar *eu não tive relações sexuais com nenhum rapaz nem fui pervertido*⁴¹. Mesmo o homoerotismo acima descrito ficava-se por erotismo, não conduzindo à prática da homossexualidade (ver 1.4.5 acima).

1.4.7. O Papiro Erótico de Turim – sexualidade na sociedade do Antigo Egito

Os estilos dos desenhos, dos relevos e das pinturas não sofreram grandes alterações pois eram baseados nos desenhos de rascunhos ou usando malhas quadriculadas apoiadas numa base. Para além disso, as representações apresentavam sempre as cabeças, os braços e as pernas dos seres humanos e dos deuses de perfil, mostrando o lado mais belo, enquanto os olhos, os umbigos e os ombros eram desenhados de frente.

A mulher faz, naturalmente, parte das imagens eróticas e sexuais dos documentos encontradas nos túmulos e noutros lugares do Antigo Egito. No entanto, não se pode

⁴⁰ Silva, J. G., Espaço das representações sexuais e eróticas no Antigo Egito”, obra citada, pp. 73-82.

⁴¹ Araújo, L. M., (2001), Dicionário do Antigo Egito, p.p. 428-429, Lisboa

descurar o papel da mulher na sociedade desse tempo: ela era respeitada como esposa e mãe e muitas imagens a mostram amorosamente abraçada ao marido. Nos túmulos, quer em baixos-relevos quer em estátuas, o defunto tem prazer em mostrar a esposa e os filhos em porte de nobreza, com sentido de união familiar, embora também inclua as concubinas e as dançarinas que o iriam servir no Além, estas últimas em trajes menos cerimoniais ou até nuas, em posições de ginástica. É o caso de algumas imagens do Papiro de Turim⁴².

O Papiro Erótico de Turim, encontrado em Deir el-Medina⁴³ é a fonte escrita mais conhecida sobre sexualidade no Antigo Egito. É datado de 1150 a. C. e foi publicado em 1973. Está armazenado no Museu Egípcio de Turim, Itália, e encontra-se bastante danificado.

O egiptólogo Luís Manuel de Araújo designa este papiro por “Papiro Pornográfico de Turim” – e não “Papiro Erótico de Turim” como é chamado por outros historiadores – por conter, em seu entender, para além de poemas de amor, material claramente pornográfico, incluindo imagens de orgias em posições explícitas, ousadas, variadas e exageradas^{44, 45}. Porém, Araújo intitula a sua mais recente obra “Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito”, não incluindo aí o termo “pornografia”, já que a obra é abrangente e dedica a maior percentagem ao próprio erotismo. Porventura devido à deterioração do papiro, Araújo pouco material ilustrativo inclui nos seus trabalhos acerca do Papiro de Turim, cuja reconstrução tem sido encontrada noutras fontes.

Em essência, o Papiro de Turim apresenta uma sequência de doze cenas que representam vários tipos de atos sexuais entre homens e mulheres. As cenas passam-se dentro de casa, como é atestado pelos objetos que são do tipo dos encontrados nas casas de Deir el-Medina.

É interessante notar que os artesãos dos templos e túmulos iam trabalhar neles durante dez dias e depois regressavam a casa para um descanso de três dias; no intervalo da ausência dos maridos as esposas praticavam o adultério.

⁴² Araújo, L. M., (2012), *Erotismo e sexualidade no Antigo Egito*, Edições Colibri, pp.30-33, Lisboa

⁴³ Deir el-Medina: aldeia da margem esquerda do rio Nilo, em Luxor, onde residiam os cerca de 60 artesãos que construíram os templos e os túmulos dos faraós no Vale dos Reis, durante o Império Novo, isto é, de cerca de 1550 a 1070 a. C.). Os dois turnos trabalhavam durante 10 dias (tempo da semana egípcia) (Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminho, p.267, Lisboa)

⁴⁴ Araújo, L. M., (2001), *Dicionário do Antigo Egito*, Editorial Caminho, pp. 663-664, Lisboa

⁴⁵ Araújo, L. M., (2012), *Erotismo e sexualidade no Antigo Egito*, Edições Colibri, pp.163-164, Lisboa

1.4.8. Erotismo na dança e na música

Na zona do Mediterrâneo, foi provavelmente no Egipto que nasceu a dança. Desde a Época Pré-dinástica (c. 4500-3000 a. C.), passando pelo Império Novo (1560 a. C.-1070 a. C.) até à Época Baixa (664 a. C. – 332 a. C.), havia vários tipos de danças, desde as lentas às mais enérgicas, incluindo as acrobáticas de sentido sexual. A dança era importante para a religião e para a cultura.

A maior parte das danças egípcias era executada por raparigas que aprendiam a dançar desde cedo, visto que a dança era, para além de divertimento, um meio para festejar a abundância das colheitas. O tipo de vestuário usado pelas dançarinas realçava a graciosidade dos seus corpos, por vezes com vestuário de linho transparente e outras vezes apenas usando um simples pano ou cinto estreito em volta dos quadris.

De todo o exposto se pode concluir que a sexualidade representada nos túmulos é historicamente importante na medida em que, no Antigo Egipto, a prática sexual era considerada de natureza divina, já que é através dela, como se viu atrás, que nascem os seres vivos. E, como também já foi dito, tal realidade é confirmada pelo facto de que os mortos queriam nos seus túmulos representações sexuais para que a vida sexual continuasse no Além.

Há que acentuar que as crenças religiosas possuíam um lado mágico que pretendia garantir, não só o sucesso no amor, mas também eficácia na procriação. Não se visava apenas o prazer mas também cultivar a fertilidade. Só no seu extremo é que surgia a pornografia⁴⁶.

1.4.9. Os Adornos na sexualidade

Os túmulos contêm objetos de bem-estar e de sedução por parte da mulher: espelhos, pentes, enfeites, alfinetes, pinças, caixas para unguentos e cosméticos, perucas, etc. As perucas eram feitas de cabelo verdadeiro e podiam ser simples ou pesadas e complicadas, muitas vezes vistosas e decoradas e o tipo definia a classe social; nas mulheres era um objecto de atracção sexual. Os amuletos incluíam objetos com símbolos ou figuras de deuses ou de reis e componentes ou órgãos sexuais⁴⁷.

⁴⁶ Araújo, L. M., (2012), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto*, Edições Colibri, 2012, pp. 24-25, Lisboa

⁴⁷ Araújo, L. M., (2012), *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto*, Edições Colibri, p.p. 103-113, Lisboa

Nas pinturas murais veem-se jovens nuas com fiadas de contas simples em redor da cintura; outras vezes a cintura é adornada por cabeças unidas de leopardo ou pantera, ou ainda com cabeças da deusa Hathor - deusa da beleza, da alegria, da música, da embriaguês e da maternidade - num claro símbolo erótico. Os espelhos também eram muitas vezes adornados por figuras da deusa Hathor e mulheres nuas.

1.5. Na Idade Antiga - Grécia Antiga (1.100 a.C. até à dominação romana em 146 a.C.)

1.5.1. A Religião

Os Gregos eram politeístas e acreditavam que os deuses moravam na Natureza e podiam atuar sobre os problemas ou questões humanas em qualquer altura.

Os Gregos esforçavam-se por obter os favores dos deuses através de uma espécie de contrato pelo qual ofereciam presentes e oferendas aos deuses preferidos. O representante desta escola, chamada de “legalismo”, era o Oráculo de Apolo em Delfos, muito conhecido desde o século VII ao século V a.C.. Devido a destruições, foram-se construindo novos templos no local de adoração de Delfos. Havia uma intermediária entre os consulentes e o deus – a virgem Pítia – que entrava em transe e comunicava por palavras ininteligíveis. Neste centro cultural, religioso e político prescreviam-se receitas sobre purificações a efetuar, sobre as constituições das novas cidades e da sua localização e transmitiam-se conselhos aos reis, governantes e até filósofos.

O deus Zeus comandava uma plêiade de outras divindades: Hera, esposa de Zeus, e deusa do casamento; Posídon, deus do mar e dos terremotos; Atena, deusa da guerra; Apolo, deus Sol, deus da luz e das artes; Artemis, deusa dos animais selvagens, da caça e dos espaços exteriores; Hermes, deus protetor dos pastores, dos caminhos, dos viajantes, do comércio, das casas e acompanhante dos mortos ao Além; Afrodite, deusa do amor, da sedução e da beleza; Dionísio, deus da vitalidade, da fecundidade, do vinho e do êxtase. Havia templos em quase todas as cidades da Grécia para adoração dos deuses, culto, sacrifícios e libações.

A Grécia Antiga elegia também os seus heróis humanos que auxiliavam os homens e viviam felizes num local paradisíaco – Aquiles (belo e guerreiro), Agamémnon (Chefe guerreiro), Menelau (marido de Helena de Troia), Ulisses (figura da Guerra de Troia, da Ilíada e da Odisseia de Homero). Teseu (símbolo da democracia e seu criador, segundo a lenda), etc.

Para além da tendência legalista, existia a tendência do misticismo e são muitos os mistérios ou cerimónias religiosas, incluindo os jogos Olímpicos que estavam entranhados de espírito religioso, as cerimónias do culto agrário à fertilidade dos campos e os cultos religiosos para uma vida de felicidade depois da morte. Estes cultos podem ter derivado dos ritos egípcios⁴⁸.

1.5.2. A Mulher na mitologia grega

O mito de Pandora traz muitas semelhanças com o mito da criação de Eva da Bíblia Judaico-Cristã ao apresentar a criação da primeira mulher como culpada dos males do mundo.

Pandora (em grego: “todos os dons”) foi a primeira mulher, criada por determinação do deus Zeus, para fazer parte da espécie humana, sendo possuidora de beleza, meiguice, encanto, arte na dança e o dom da palavra - características estas que despertariam o desejo dos homens. O marido, Epimeteu, tinha uma caixa com todos os males do mundo e avisou Pandora que seria perigoso abrir a caixa. Pandora não resistiu, abriu a caixa e os males - decrepitude, demência, inveja, paixão, vício, etc.- saíram da caixa e espalharam-se, atacando os homens, tendo ela ficado apenas com o bem da esperança. Vê-se, portanto, que também aqui a mulher sai diminuída, subjugada à tentação e culpada de todos os malefícios.

Na Grécia Antiga, a nudez era considerada normal para os jovens, os quais apareciam nus nas competições. As mulheres gregas cuidavam do seu corpo com o objetivo de gerar filhos saudáveis e, assim, obedecer ao marido para procriar.

1.5.3. A Sexualidade na Grécia Antiga

O culto Dionisiaco⁴⁹ incluía a adoração fálica e da hera e da videira e dele faziam parte cerimónias de natureza selvagem e orgias. Grupos de mulheres, no frio do Inverno, descalças e com roupas leves, iam para as montanhas cobertas de neve, onde dançavam agitadamente e caçavam animais que comiam crus e entravam em êxtase até atingirem a vitalidade de Dionísio.

Na Grécia Antiga, os prazeres estavam destinados aos homens e, por isso, podiam ter mais do que uma mulher como parceira sexual.

⁴⁸ Ferreira, J. R., (1996), *Civilizações Clássicas I. Grécia*, Universidade Aberta, pp.253-267, Lisboa

⁴⁹ Dionísio: deus da fecundidade e da vitalidade e do vinho; era filho de Zeus e de Sêmele, princesa de Tebas

Nessa época, as análises morais da sexualidade dirigiam-se menos às normas e mais à relação da pessoa consigo mesma, portanto, para atingir o pleno gozo ou controlo sobre si mesmo. Por isso, não é fácil encontrar, na Grécia Antiga, uma noção de sexualidade semelhante à dos nossos tempos. Os “aphrodisia” gregos são atos, gestos, ou contactos que transmitem prazer, embora Aristóteles, na sua “Ética a Nicómaco” refira que os prazeres em excesso são os que estão relacionados com o corpo, mas que excluem os originados pela vista, pelos ouvidos e pelo olfato, portanto fica excluída também a intemperança com os prazeres provindos da música, do teatro, perfumes, etc. Segundo M. Foucault, para os gregos, o que está sujeito à moral é a intensidade do desejo, do prazer e do ato em si⁵⁰.

Foucault, ao discorrer sobre o papel do casamento na Grécia Antiga, cita a seguinte máxima de Demóstenes retirada da obra “Contra Neera”: *As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todos os dias; as esposas, para (contribuírem para) uma descendência legítima e serem fiéis guardiães do lar*. Essa filosofia requeria uma prática dos prazeres associada a forte equilíbrio na vida conjugal, para além de cuidados de saúde familiar com vista a que os filhos fossem saudáveis. As mulheres deveriam, no dizer de Demóstenes, ser honestas e fiéis no casamento para manterem o seu “status”. Já o marido não tinha obrigação de ter relações sexuais apenas com a esposa, embora tivesse que respeitar uma mulher casada por esta estar sob a dependência de outro homem⁵¹.

1.5.4.O Homossexualismo na Grécia Antiga

Aos homens era-lhes permitido praticar a homossexualidade; esta prática era natural no período Clássico (século V e IV a. C.) entre adultos de menos de 40 anos de idade (conquistadores) e jovens (amados), em que se pretendia que o jovem aprendesse a virilidade com a experiência do adulto, e a identificar-se com o mestre⁵². Tais atos tinham lugar em banquetes com danças, divertimentos, risos e muito vinho à mistura⁵³. Note-se que a relação terminava quando o jovem atingisse o fim da puberdade. Fora deste contexto, a homossexualidade era proibida e até se desprezavam os efeminados.

⁵⁰ Foucault, M., (1998), História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres (2), Edições Graal, Ltda., 8ª edição, pp. 30-43 Rio de Janeiro, Brasil

⁵¹ Foucault, M., (1998), História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres (2), Edições Graal, Ltda., 8ª edição, pp. 129-131 Rio de Janeiro, Brasil

⁵² Bedouelle, G., et al, (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p. 215, Braga

⁵³ Sousa, L. N., (2009), A Pederastia Ateniense no Período Clássico: Uma Proposta de Análise do Banquete de Platão e de Xenofonte, doutoramento na Universidade de Goiás, ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, pp. 1-3, Fortaleza, Brasil

Segundo Michel Foucault, a imagem do perfil típico do homossexual, com os seus gestos, o rosto e o corpo efeminados era já conhecida e denegrida na Grécia Antiga, como em Sócrates (c. 469 a. C. a 399 a. C.) e Sêneca (4 a. C. – 65 d. C.). Sêneca escreveu: *A paixão doentia de cantar e dançar enche a alma dos nossos efeminados; ondular os cabelos, tornar a voz suficientemente ténue para igualar a carícia das vozes femininas, rivalizar com as mulheres através da lassidão de atitudes, estudar-se em indagações muito obscenas, eis o ideal de nossos adolescentes...*⁵⁴

Foucault afirma também que os gregos eram bissexuais, porém assevera que os homens não possuíam dois tipos de desejos mas, antes, tinham liberdade de escolha entre um sexo e outro. Aquilo que fazia com que se desejasse um homem ou uma mulher era apenas o desejo ou o apetite que lhe ia no coração em direção aos que fossem mais belos; os mais belos eram escolhidos por despertarem desejos mais nobres e mais honrados, quer eles fossem do sexo masculino ou do feminino, por isso, não há aqui uma distinção entre o amor heterossexual e o homossexual. Neste aspeto, o livro “O Banquete” do historiador grego Xenofonte (c. 430 a. C. – 355 a. C.) refere que a escolha entre rapaz e rapariga não significa distinção entre duas tendências ou dois tipos de desejo. Nessa obra, a festa é dedicada por Cálías a Autólico, um jovem belo por quem ele se havia apaixonado; a beleza do jovem Autólico era tal que ele atraía a atenção de todos os convidados do banquete - alguns casados, outros noivos - com a forte *intensidade de uma luz aparecendo na noite*. No nº 27 do capítulo VIII do “Banquete”, afirma-se que *O maior bem para aquele que procura no rapaz que ama um bom amigo, é que forçosamente tem de exercitar a virtude pois, com más ações não tornará melhor o rapaz com quem convive*.

No final de “O Banquete”, enquanto os convidados regressam a casa, Cálías e Sócrates vão juntar-se ao jovem Autólico. Para os jovens gregos era uma honra ser assediado por homens ou rapazes e também não era vergonhoso aceitar a relação amorosa e participar ativamente nela.

Os gregos admitiam que, no relacionamento sexual com um homem, era preciso que os prazeres obtidos tivessem uma abordagem moral diferente da requerida quando se ama uma mulher. Não havia, na Grécia Antiga, apenas amores entre homens maduros e jovens ainda em formação (sem terem atingido o seu “status”), sendo naturais os

⁵⁴ Foucault, M., (1998), História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres (2), Edições Graal, Ltda., 8ª edição, pp. 21-29 Rio de Janeiro, Brasil

relacionamentos entre rapazes jovens e entre homens de mais idade; tais relacionamentos não eram objeto de reprovação moral⁵⁵.

⁵⁵ Foucault, M., (1998), *História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres (2)*, Edições Graal, Ltda., 8ª edição, pp. 168-185 Rio de Janeiro, Brasil

1.5.5. A Mulher segundo os filósofos gregos- Hipócrates, Platão e Aristóteles

Hipócrates (460 a. C. – 370 a. C.), considerado o “Pai da Medicina”, pensava que o útero era constituído por várias partes e que no seu interior havia tentáculos e ventosas. No entanto, ele acreditava que a menstruação tinha efeitos benéficos para a saúde da mulher e que fora criada pela Natureza para aliviar o seu nervosismo.

Platão (427 a.C. – 347 a.C.) via racionalmente a mulher sem sofrer qualquer discriminação, podendo ocupar os mesmos cargos que o homem, incluindo os da tropa, do governo e do trabalho.

Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) coloca a mulher numa posição de dependência em relação ao homem, pois é inferior ao homem no aspeto intelectual e mesmo quanto à índole – a mulher seria um “homem incompleto” ou uma “falha da criação”. Por isso, o papel da mulher seria limitado à procriação e à governança do lar, como esposa e como mãe, e neste aspeto tinha um lugar importante na sociedade⁵⁶.

1.6. Na Idade Antiga - Roma Antiga (753 a. C. – 473 d. C.)

A sociedade da Antiga Roma era patriarcal e a mulher não podia exercer cargos públicos. Foi só no século III a. C. que ela teve uma certa emancipação, podendo herdar bens paternos e casar a partir da puberdade (à volta dos 12 anos de idade), passando a ficar na dependência do marido em todos os aspectos. A mulher fazia apenas o trabalho de dona de casa. A maioria das raparigas tinha uma instrução básica de ensino pois a sua preparação deveria concentrar-se no futuro papel de esposa e mãe (em regra casava por volta dos 12 anos). O concubinato era admitido. O Imperador Augusto (63 a. C. – 14 AD) reprimiu o adultério, por lei específica, em especial o cometido pela esposa⁵⁷.

Por volta do ano 60 da era cristã, Plínio, O Velho, havia escrito a *História Natural* e, no volume de Biologia, indica a menstruação da mulher como causadora de males e afirma que relações sexuais com uma mulher durante o período de menstruação podiam causar a morte ao homem, até porque, apesar da menstruação ser benéfica para a saúde da mulher, o sangue da menstruação era venenoso. As teorias de Plínio influenciaram muito os séculos seguintes e foram aproveitadas pela Religião para considerar a mulher impura, sobretudo durante o ciclo menstrual.

⁵⁶ Aristóteles, A Política, A Obra-prima de Cada Autor, Le Livros, Editora Martin Claret, capítulo 1259b18

⁵⁷ Centeno, R. M. S. (1997), Civilizações clássicas II- Roma, Universidade Aberta, pp.156-157, Lisboa

A homossexualidade na República da Roma Antiga (509 a. C. - 27 d. C.) era permitida entre senhores e escravos, com domínio do amo sobre o escravo, mostrando a sua superioridade social, a qual é aceite pelo escravo como um dever moral de gratidão⁵⁸. No Império que se seguiu (27 a. C. – 476 d. C.) eram autorizados casamentos entre homens através de um contrato privado.

1.6.1. Origem histórica de Roma

Tradicionalmente, a origem de Roma esteve ligada aos gémeos Rómulo e Remo, lançados ao rio Tibre e salvos milagrosamente e amamentados por uma loba e depois criados pelo pastor Fáustulo, sendo mais tarde fundadores da cidade de Roma, com data de 21 de Abril de 754 a. C. (há autores que colocam esta data no século IX a. C. e outros no século XI a. C. Rómulo foi o primeiro rei de Roma, a que se seguiu a dinastia Etrusca com início a 616 a. C.. Rómulo terá criado as primeiras leis e o Senado Romano e dividiu a população em três tribos.⁵⁹ Roma expandiu-se muito geograficamente, chegando à Península Ibérica no Ocidente.

1.6.2. A Religião (séc. VI a. C. – séc. I a. C.)

A religião da Roma Antiga foi muito influenciada pela cultura grega a partir do século III a.C.. Haveria forças sobrenaturais que acompanhavam as pessoas permanentemente desde o nascimento até à morte e que regiam as suas actividades. Por outro lado, os Romanos veneravam os lugares em que se fazia sentir a presença de espíritos, em especial as fontes, os montes e as florestas.

As divindades Júpiter, Marte e Quirino constituíam a tríade Romana primitiva que depois passou a Jupiter, Juno e Minerva e, mais tarde, novas divindades foram importadas da influência helénica (Apolo, Hércules, Baco). Assim, Roma tolerava bem as tradições religiosas estrangeiras.

Os Romanos primitivos estão intimamente ligados à terra e havia muitas festividades relacionadas com a gricultura, por exemplo na veneração a Marte, o deus que cuidava da produtividade dos campos e da guerra, dos novos ciclos de vida. A Penates (deus do lar) se pedia a proteção dos produtos alimentares; a Genius (de Egeno”, gerar, nascer) se consagrava a fecundidade do lar (perpetuação da família) e, portanto, o leito nupcial.

⁵⁸ Bedouelle, G. et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, pp. 216-217, Braga

⁵⁹ Centeno, R. M. S., (1997), Civilizações clássicas II- Roma, Universidade Aberta, pp. 15-21, Lisboa

O culto dos mortos era muito importante e daí a preparação de sepulturas e os rituais de purificação dos cadáveres, com sacrifícios e deposição de oferendas nos túmulos e uma refeição sagrada em que participavam os amigos e parentes.

Uma grande superstição fazia com que os Romanos praticassem a adivinhação e a interpretação de fenómenos estranhos que poderiam resultar de uma ameaça ou ira das divindades⁶⁰.

1.6.3. A visão de Roma sobre o Cristianismo

O Cristianismo não penetrou em Roma com facilidade, especialmente devido à oposição a ele dirigida pelos Imperadores Nero (54-68) e Domiciano (81-96) por verem que a seita judia inicial se recusara a prestar culto aos deuses e ao imperador de Roma. A perseguição acalmou no período de governo de Marco Aurélio (121-180). Será o Imperador Constantino (272-337) que se converterá ao Cristianismo (em 312) e o impõe a todo o Imperio Romano⁶¹.

A base do Cristianismo é o Novo Testamento da Bíblia, o qual foi escrito em Grego. O Cristianismo adota a Bíblia Sagrada (conjunto de obras escritas entre os séculos VI a. C. e 1. A. C.) que inclui o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A primeira Bíblia foi impressa em Latim, no ano de 1450, por Gutemberg.

Até finais do século IV, as versões mais usadas da Bíblia eram a grega e a tradução siríaca, o Novo Testamento gótico do bispo Vulfilas (311-c. 382) e versões parcelares latinas. O Papa Dâmaso I (305-384), nascido em Portugal (Guimarães ou Idanha-a-Velha), incumbiu o sacerdote Jerónimo de Strídon (c.345-420) de preparar uma versão oficial da Bíblia em Latim vulgar que se virá a chamar “Vulgata” (edição comum ou popular). Esta versão só se veio a impor no período Carolíngio. É Carlos Magno (742-814) que pediu uma revisão da Vulgata que veio a ser distribuída em todas as terras dominadas por aquele Imperador Romano.

Os Evangelhos do Novo Testamento constituem as chamadas Boas Novas, as quais foram pronunciadas por João Baptista como precursor de Jesus, pelo próprio Jesus como portador das boas notícias, e pelos discípulos e apóstolos que propagaram a missão de Jesus e as normas morais que deveriam ser seguidas para se alcançar a vida eterna. O foco do Evangelho é Jesus e os seus ensinamentos sobre as normas morais por que se devem reger os homens, com base em narrativas populares, estruturadas pela Igreja. O cenário

⁶⁰ Centeno, R. M. S., (1997), *Civilizações clássicas II- Roma*, Universidade Aberta, pp. 118- 120, Lisboa

⁶¹ Centeno, R. M. S., (1997), *Civilizações clássicas II- Roma*, Universidade Aberta, pp. 131-132, Lisboa

descrito nos Evangelhos é o cenário da Palestina antes de 70 d. C. As instituições cristãs e as doutrinas da Igreja primitiva que tomaram forma definida por volta do ano 50 d. C. não aparecem nos Evangelhos⁶².

Os filósofos Celso (nascido na Grécia, séc. II) e Porfírio (nascido na Fenícia, 234-305), criticaram fortemente o Cristianismo. Para Celso, o Cristianismo seria uma religião sem interesse, de gente pobre e inculta, e Jesus teria sido uma figura apagada, sendo os chamados milagres o resultado de práticas de magia; por outro lado, Celso afirma que não há provas da ressurreição de Cristo⁶³. Conclui-se que Celso, com a sua análise, ao menos prova que Jesus existiu, pregou e fez milagres (práticas de magia, para Celso) e passou por uma ressurreição (não provada, também para Celso).

Na sua expansão Imperial, Roma levou consigo a religião, desde o politeísmo (exemplo: culto a Júpiter) até à generalização do Cristianismo (monoteísmo).

1.7. No Islamismo (início no séc. VII)

O Islamismo surgiu com o profeta Maomé no século VII e preconiza o culto a Deus até à morte das pessoas. Muitos islamitas passam por privações físicas para tentarem atingir um conhecimento superior de Deus⁶⁴.

Os seguidores do Islamismo acreditam que o ser humano se torna impuro através do corpo, incluindo pelas relações sexuais, que são consideradas pecados maiores; neste caso, os muçulmanos devem purificar-se antes da oração, lavando todo o corpo em água corrente, e é por isso que, em regra, há casas de banho junto às mesquitas⁶⁵.

O jejum, durante o mês do Ramadão (nono mês do ano lunar, com 29 ou 30 dias), é muito importante para que o muçulmano se afaste do pecado, por isso considera-se que o jejum conduz à purificação do espírito, ultrapassando as paixões e os desejos carnis; entre o nascer e o pôr-do-sol é proibido comer, beber, fumar e ter relações sexuais. O homem deve controlar os seus desejos sexuais, satisfazendo-os apenas através do casamento, sendo proibidas quaisquer liberdades sexuais. A poligamia é permitida, podendo o homem ter até quatro mulheres, porque o homem tem mais desejo sexual que a mulher e só com a poligamia se pode evitar o adultério.

⁶² McKenzie, J. L., (2011), Dicionário Bíblico, Edições Paulus, pp. 292-295, São Paulo, Brasil

⁶³ Centeno, R. M. S., (1997), Civilizações clássicas II- Roma, Universidade Aberta, p. 132, Lisboa

⁶⁴ Poupard, P., (1985), As religiões, Rés Editora, p. 134, Porto

⁶⁵ Hellern et al. (2000), O Livro das Religiões, Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda, p.127., São Paulo, Brasil

Ao contrário da circuncisão do homem, a ablação do clitóris (mutilação genital da mulher) não é obrigatória, embora seja bastante praticada no norte de África⁶⁶.

⁶⁶ Hellern et al. (2000), O Livro das Religiões, Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda, p.134., São Paulo, Brasil

Capítulo 2. Cristianismo, Sexualidade e Pecado

2.1. Antecedentes Bíblicos

2.1.1. A Criação Bíblica da Mulher – O pecado original

O Antigo Testamento da Bíblia é uma coleção de 46 livros baseados em registos que foram sendo feitos alguns séculos antes de Cristo (a maioria dos autores indicam o início da escrita dos livros do Antigo Testamento no século XIII a. C.)⁶⁷. O Novo Testamento – também parte da Bíblia com 27 livros – foi escrito, segundo alguns autores, entre os anos 40 e 100 d. C.⁶⁸. Adão foi o primeiro ser bíblico criado por Deus a partir do pó da terra. O Capítulo “Génese” faz nascer a mulher de uma costela de Adão⁶⁹.

Também o Hinduísmo faz nascer a mulher (Saravasti, a deusa da sabedoria) a partir do corte de uma parte do corpo do deus Brama; tal como Adão, também Brama se apaixona pela mulher assim criada.

Colocados no Paraíso, Deus proibiu Adão e Eva de comerem da árvore do conhecimento do bem e do mal, porém a serpente tentou e convenceu a mulher de que, se ela comesse, ficaria a saber tanto como Deus; assim, ela comeu o fruto proibido e deu a Adão a comer do mesmo fruto. Por isso, Deus castigou a mulher com os sofrimentos da gravidez e sujeitou-a ao domínio do homem. Ao homem, Deus prometeu-lhe trabalho árduo para o resto da vida – É o pecado original na perspectiva cristã⁷⁰.

Mais tarde, Santo Agostinho (354-430) afirma, com base em Génese e na Carta de São Paulo aos Romanos (5-12), que o pecado original de Adão e Eva é transmitido ao homem pelo ato sexual e que, por isso, só a sua purificação, pelo livre arbítrio, o faria regressar à situação de castidade do primeiro homem. Santo Agostinho concluía que o

⁶⁷ A Bíblia publicada pela Editora Barsa, Rio de Janeiro, 1969 refere, na página x, que *do séc. XIII a. C. (século em que se calcula tenha sido escrito o primeiro livro do Antigo Testamento) até à invenção da imprensa no séc. XV d. C., os livros bíblicos foram sendo transmitidos de geração em geração mediante cópias manuscritas, confeccionadas sob os auspícios da Sinagoga e, mais tarde, da Igreja Católica.* Também a Bíblia publicada pela Editora Paumapa, de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil, publicada em 1979, indica, na página VII, o século XIII, como sendo o início da escrita do Antigo Testamento, acrescentando que *os escritos eram feitos à mão, inicialmente sob a orientação das sinagogas e, posteriormente, da Igreja Católica.*

⁶⁸ Bíblia Sagrada, (1969), Capítulo “Dicionário Prático”, , p.193, Editora Barsa, Rio de Janeiro, Brasil

⁶⁹ Bíblia Sagrada, (1976), Verbo, Génese 1, 26; 2,7 e 2, 21, p- 12

⁷⁰ Bíblia Sagrada, (1976), Génese, 3, 16-19, Verbo, p- 14

corpo era, portanto, uma prisão da qual o homem se deveria libertar para voltar à sua verdadeira e original natureza.⁷¹

As concepções medievais de predominância masculina prevaleceram até aos dias de hoje, mantendo a mulher num posição secundária em relação ao homem e a Igreja Católica assim a tem considerado.

Dos textos referidos se pode deduzir a situação de inferioridade em que foi colocada a mulher em relação ao homem, desde o início do mundo, pelas razões seguintes:

- Contrariamente a Adão, a mulher nasce sem identidade própria, pois provém de uma costela de Adão
- A mulher é considerada como símbolo de tentação e do pecado, ligada à serpente do Paraíso e à árvore do fruto proibido
- A mulher começa a vida na Terra já castigada por Deus com a sua submissão ao marido
- A mulher é o único ser a quem Deus promete que vai passar pelo sofrimento das dores de parto

Da leitura dos textos bíblicos acerca da criação dos primeiros seres e de Cristo pode-se concluir:

- O primeiro homem, Adão, foi concebido sem a participação humana, tendo sido apenas criado por um deus único
- Eva nasceu sem a participação de uma mulher pois foi feita a partir de uma costela de Adão
- Cristo nasceu de mulher virgem, portanto sem a participação de um homem (o esposo José, neste caso).
- Todos os demais seres vivos são gerados por um homem e por uma mulher, isto é, os casos de Adão, Eva e Cristo são as exceções à regra, ao plano divino.

Assim sendo, tudo indica que a Bíblia pretende afastar-se dos mitos anteriores da criação do mundo por uma deusa (por exemplo no mito sumério, como vimos acima), para realizar uma criação de um ser masculino por um deus também masculino, que retira o poder à Deusa-Mãe do Paleolítico. A mulher baixou de estatuto com esta criação por um deus sozinho, passando de criadora a criatura.

⁷¹ Carta de S. Paulo aos Romanos, 5-12 (Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p.1282, Lisboa): *Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim também a morte penetrou em todos os homens, pois todos pecaram*

Em relação à subordinação da mulher ao homem assumida na Bíblia, a Igreja parece ter esquecido a subordinação espiritual interpretada do Génesis para passar apenas a considerar a parte sexual, que prejudica profundamente a imagem da mulher; isto é, os teólogos mudaram o “pecado original” para “pecado sexual”, esquecendo ainda que a mulher participa na procriação, não só como recetora do sêmen masculino, mas também com o contributo da sua ovulação. Tal partilha tem sido, no entanto, considerada contrária à conceção de uma civilização de preponderância e precedência masculina⁷².

Devido à situação de inferioridade da mulher na criação, ela foi esquecida na tradição oral e nas Escrituras, passando a ser submissa ao homem, apenas participante na criação e nos cuidados a ter com os filhos, com a família e com o lar.

Mas não podemos esquecer o texto do Capítulo 2-24 de Génesis que refere que *o homem deixa seu pai e sua mãe, e une-se à sua mulher, e os dois tornam-se uma só carne*, ou seja, os dois são um só, não se podendo separar um do outro, ou ainda, um não pode ser superior ao outro porque, apesar da precedência do homem, os dois são o mesmo.

No entanto, alguns textos dos Livros Sapienciais são desfavoráveis ao carácter da mulher. Por exemplo, em Eclesiastes 7-26 escreve-se: *Então descobri que a mulher é mais amarga do que a morte, porque é uma armadilha, o seu coração é uma rede e os seus braços são cadeias. Quem agrada a Deus, conseguirá fugir dela, mas o pecador será apanhado por ela*. E, finalmente, é dito em Eclesiástico 25, 20: *Não te deixes prender pela beleza de uma mulher, nem te apaixones por ela*.

Felizmente, tais afirmações são contrariadas por muitas outras também contidas na Bíblia, de que são exemplos os seguintes:

- Provérbios 14,1: *A mulher sábia constrói o seu lar; a insensata destrói-o com as próprias mãos*⁷³.
- A viúva Judite, temente a Deus, que, através da oração e usando a sua beleza e sedução, matou Holofernes para aniquilar o inimigo e salvar Israel⁷⁴.
- Ester, coroada rainha, ajuda a libertar o seu povo⁷⁵.

Pelo Talmude da Babilónia (Tratado “Menachot 43 B”)⁷⁶, a mulher judia ora com resignação: *Bendito seja Deus que livremente me criou como sou*. No entanto, os homens

⁷² Roiz, D. S., O corpo no ocidente medieval, análise de “Uma história do corpo na Idade Média de J. Le Goff e Nicholas Truong, Revista de Estudos Feministas, vol. 18, nº2, Florianópolis

⁷³ Bianchi, E., (2017), Jesus e as Mulheres, Editora Guerra e Paz, p. 21, Lisboa

⁷⁴ Bíblia Sagrada, (1993), Judite, Edições São Paulo, pp. 576-591, Lisboa

⁷⁵ Bíblia Sagrada, (1993), Ester, Edições São Paulo, pp. 592-605, Lisboa

oram pela manhã: *Bendito seja Deus, que não me fez nascer pagão, nem mulher nem escravo*. Porém, o Talmude também considera que a mulher exerce o lugar de esposa fiel e mãe fecunda, sendo, assim, uma bênção, alegria, paz e bem-estar⁷⁷.

Jesus Cristo veio corrigir as mentalidades antifeministas do Antigo Testamento, integrando a mulher nos seus atos, como se verá mais adiante (Vide 2.15. “A Posição da mulher no Novo Testamento”).

2.1.2. O Mito da Esterilidade da Mulher na Bíblia

Havia, desde a adoração à deusa-mãe no Paleolítico, medo da esterilidade, quer fosse de algo ligado à Natureza quer, sobretudo, da mulher, porque se cria, nessa época, que o homem não tinha capacidade para fecundar e dar à luz. A esterilidade era considerada um castigo dos deuses, sendo este mito bem conhecido da Bíblia, por exemplo nos casos seguintes, relacionados com relações extraconjugais e prostituição:

- Sara era estéril e, por isso, empurrou o marido Abraão para a escrava egípcia Agar para ter filhos dela (Gén, 22,214)
- As duas filhas de Lot consideravam-se estéreis e embebedaram o pai para terem filhos dele (Gén, 19, 31-38)
- As irmãs Raquel e Lia, por serem estéreis, deram duas escravas ao marido Jacob para terem filhos dele (Gén, 30, 1-13)
- Tamar, temendo ser estéril, disfarçou-se de prostituta e teve dois filhos do sogro Judá (Gén, 38-14-30)

A isto se seguiram os pedidos de intervenção dos deuses para que as mulheres estéreis pudessem ter filhos.

2.1.3. O Mito da Virgindade da Mulher na Bíblia

As narrativas da “Anunciação” sobre concepções divinas a partir de mulheres virgens são muito antigas (rei da Babilónia Gilgamesh, imperador chinês Shen-Nung, Sotoktais no Japão, Vixnu na Índia, Buda, Krishna, Confúcio, etc.).

Quando a pessoa era de grande relevo, a mãe era sempre tida como uma virgem fecundada “milagrosamente” por um deus. Tais crenças eram conhecidas de importantes

⁷⁶ Talmud: Conjunto de leis e rituais judaicos que dão forma e que são o pilar da Torá Judaica; O Pentateuco de Moisés alude aos Mandamentos da Lei de Deus e o Talmude os explica e esclarece

⁷⁷ Bianchi, E., (2017), Jesus e as Mulheres, Editora Guerra e Paz, pp. 21-22, Lisboa

homens da Igreja e, por isso, não é difícil deduzir que, no caso de Jesus, também Maria tenha concebido sem contacto sexual com o marido (José).

O nascimento de praticamente todos os homens religiosos importantes de mães virgens, como Buda e Krishna, foi sempre acompanhado por estranhos fenómenos da Natureza, como relâmpagos e trovões ou luzes celestes brilhantes (Estrela da Natividade no nascimento de Jesus) e mesmo ofertas de magos ou sacerdotes ou pastores (caso de Jesus e Krishna) e animais adoradores (vaca no caso de Jesus), mitos que já vinham da ancestral adoração ao deus-sol. Estes ritos de adoração ao Sol eram ritos dirigidos para a fecundidade da terra ⁷⁸. É curioso notar que, sendo Jesus nascido da Virgem Maria, a genealogia bíblica dá-o como sendo diretamente descendente da linha de David, que termina com José e não com Maria.

Na Idade Antiga acreditava-se que a virgindade produzia atributos mágicos ou sagrados às mulheres. É o caso do Oráculo de Delfos (Grécia) em que o contacto sobre questões colocadas aos deuses (por particulares ou chefes de Estado e de Governo) era feito por Pítia, uma rapariga virgem (século VI ao século IV a. C.).

Tanto o Cristianismo como o Judaísmo e o Islamismo advogam a virgindade até ao casamento, o que, na prática, não é seguido, hoje em dia, pela grande maioria dos jovens, até porque os métodos anticoncepcionais vieram permitir o prazer sexual sem se pensar na procriação (Vide Capítulo 4).

2.1.4. A Posição da Mulher no Novo Testamento ⁷⁹

A Igreja discrimina a mulher em relação ao homem no que respeita a cargos do magistério religioso e no aspeto social. As mulheres não podem ser sacerdotisas como os homens são sacerdotes. Os argumentos aduzidos pela Igreja são os seguintes:

- Jesus não incluiu no seu grupo mulheres como discípulas. (vide 4.1.2.)
- A Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios obriga a mulher a cobrir a cabeça com um véu durante a oração, em sinal de sujeição, porque a mulher foi criada para o homem ⁸⁰.
- Santo Agostinho e São Tomás de Aquino seguiram e propagaram a teoria de Aristóteles de que a mulher é inferior ao homem em vários aspetos. Platão seria hoje considerado um feminista, já que afirmava que a mulher deveria ser

⁷⁸ Rodriguez, P., (2007), *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, Editora Terramar, p.95-128, Lisboa

⁷⁹ Rodriguez, P., (2007), *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, Editora Terramar, p. 267-276, Lisboa

⁸⁰ Epístola I de S. Paulo aos Coríntios, 11,3-10, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p.1302, Lisboa

considerada em pé de igualdade com o homem, quer nas tarefas cívicas quer na área da educação. Ao contrário, Aristóteles representaria o antifeminismo visto que argumentava que, pelas diferenças biológicas e pelo seu diferente contributo para a geração dos filhos, a mulher é inferior ao homem, quer na parte cognitiva, quer na política; assim, a mulher seria uma versão deficiente da criação, pois esta só atingia a sua plenitude no homem. Por tudo isso, a mulher não poderia refletir a imagem de Deus e, como fêmea, deveria limitar-se a tratar da casa e dos filhos e submeter-se ao marido (como diz a Bíblia) para a procriação, não devendo intervir no governo da cidade. No entanto, apesar dos seus fundamentos em relação à inferioridade da mulher, Aristóteles defendia que a diversidade é favorável à unidade, fator importante na comunidade⁸¹ (vide 1.5.5.)

- Para Santo Agostinho o sexo, mesmo no casamento, era pecaminoso. Visto que o Pai surge antes do Filho, também cronologicamente o homem surge antes da mulher. A mulher, apesar de ter uma alma e uma inteligência iguais às do homem, teria sido criada sexualmente dependente do homem⁸².
- A Reforma Protestante não veio alterar o conservadorismo da sexualidade, quer no aspeto da virgindade, do combate à masturbação e ao coito e no combate da mulher às armadilhas da sensualidade. Apesar disso, a Reforma não aceitou o celibato do clero, a doutrina da transubstanciação e a autoridade do Papa, entre muitos outros pontos doutrinários da Igreja Católica⁸³; por outro lado, a mulher passou a ter uma maior participação nas práticas reformadoras. Em entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos, de 31 de Outubro de 2016 (páginas 14 e 15), a professora, luterana e teóloga Wanda Deifelt⁸⁴ afirma que, apesar de ter havido resistências ao sacerdócio ordenado das mulheres e à sua função como pregadoras, Lutero acabou por afirmar que o ofício da pregação é comum a todos os cristãos, sendo parte do

⁸¹ Pinto, M. J., (1998), O que os Filósofos pensam sobre as mulheres, Platão e Aristóteles, Coordenação de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Edição Universitas, pp.23-39, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

⁸² Silva, P. O., (1998), Uma Leitura da Condição Feminina em Agostinho de Hipona, In “O que os filósofos pensam sobre as mulheres”, Coordenação de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Edição Universitas, pp.67-90

⁸³ História do Cristianismo, (1995), Bertrand Editora, pp.372-373, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Venda Nova, Portugal

⁸⁴ Wanda Deifelt é brasileira, luterana, graduada em Teologia pela Escola Superior – EST, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Brasil. Tem Mestrado pelo Garrett-Evangelical Theology Seminary e doutoramento pela Northwestern University, ambas da cidade de Evanston, estado de Illinois, EUA. É professora e coordenadora do Departamento de Religião da Luther College, na cidade de Decorah, estado de Iowa, EUA. É autora de, entre outras obras, “À flor da pele – Ensaio sobre género e corporeidade” (São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004)

sacerdócio geral, onde têm lugar todas as pessoas batizadas – homens e mulheres – e que confessam a fé cristã⁸⁵.

No entanto, é curioso verificar que, no início da atividade do apostolado de Cristo, Ele indicou uma posição totalmente contrária, demonstrando pugnar pela igualdade da mulher e concedendo-lhe até um lugar de primazia, conforme podemos ver pelos exemplos seguintes:

- A escolha de doze apóstolos seguia apenas a tradição israelita até porque se pretendia dar nova forma ao país, constituído por doze tribos, por isso foi um ato simbólico e não relacionado com o género masculino para a pregação.
- Várias mulheres seguiram a vida e o apostolado de Cristo e foram suas interlocutoras, conforme descrito em 8, 1-2 do Evangelho de S. Lucas⁸⁶ e narrado por Enzo Bianchi no seu livro “Jesus e as Mulheres”⁸⁷ acerca do apostolado na Galileia: *Os Doze iam com Ele e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos maus e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demónios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana e várias outras mulheres, que ajudavam Jesus e os discípulos com os bens que possuíam.*
- Contrariamente aos discípulos de Jesus (caso de Pedro que o negou três vezes) que o abandonaram (Marcos, 14,50), as mulheres seguidoras de Cristo nunca o deixaram, inclusive durante a crucificação e a morte. Na verdade, foram quatro Marias que ficaram aos pés de Cristo na Cruz depois da sua morte, segundo o Evangelho de Marcos 15, 40-41: *Ali estavam também algumas mulheres, a observar de longe. Entre elas estava Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor e de José, e Salomé. Elas haviam acompanhado e servido Jesus, desde quando ele estava na Galileia. Muitas outras mulheres estavam ali, pois tinham ido com Jesus a Jerusalém*⁸⁸.

⁸⁵ Machado, R., (2016, 31 de Outubro), “Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante. Entrevista especial com Wanda Deifelt”, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, nº 496, Ano XVI, pp. 13-15, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

⁸⁶ Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, pp. 1401-1405, Lisboa

⁸⁷ Bianchi, E., (2017), Jesus e as Mulheres, Editora Guerra e Paz, pp. 27-28, Lisboa

⁸⁸ Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 1338, Lisboa

Numa situação destas, os evangelistas não podiam silenciar a presença das mulheres no momento da paixão e da cruz pois, nesse caso, teriam que dizer que os apóstolos o abandonaram, ficando sem testemunhas oculares de tais factos⁸⁹.

- A ressurreição de Cristo foi primeiro revelada a mulheres e Maria Madalena foi a primeira pessoa a ver Cristo ressuscitado e a receber o pedido de transmissão do acontecimento aos seus discípulos (homens).
- Jesus não teve pejo em falar com a mulher samaritana (os judeus não se davam bem com o povo samaritano) junto ao poço de Jacob, apesar de saber que ela tivera cinco maridos e vivia amancebada com o último. E Jesus anunciou a esta mulher que Ele era o Messias. Os discípulos espantaram-se que Jesus estivesse a falar com uma estranha, mas o testemunho da mulher fez com que os samaritanos acreditassem n'Ele (Jo 4, 3-42). A mulher tinha sofrido muito e Jesus ensina-lhe que ele é quem sacia a sede e ela passa a ter fé em Jesus, a ser uma nova criatura⁹⁰.
- Também Jesus obriga os homens a tratarem com respeito e a perdoarem a mulher adúltera.
- Jesus expulsou os sete demónios que possuíam Maria Madalena.

No Novo Testamento, não podemos deixar de mencionar os encontros de Jesus com mulheres anónimas, e que foram narrados nos Evangelhos:

- A viúva de Naim, cujo filho único morrera. Jesus ressuscitou-o ao sentir a fé da mulher (Lc 7, 11-17).
- As irmãs Marta e Maria: Marta recebeu Jesus e, enquanto tratava da comida e dos preparativos para bem receber Jesus, a sua irmã Maria ajoelhou-se aos pés de Jesus e ouvi-lo. Marta, com ciúmes, reclamou que a irmã a não ajudava, mas Jesus disse que Marta estava agitada, pois o cristão deve combater as preocupações para não ficar distraído; Maria idealizava uma vida contemplativa, comportando-se como uma discípula de Jesus⁹¹.
- A mulher encurvada com um espírito que a tornava doente, sem se poder endireitar: Jesus, que ensinava numa sinagoga, curou-a nesse sábado, impondo as mãos sobre

⁸⁹ Bianchi, E., (2017), *Jesus e as Mulheres*, Editora Guerra e Paz, p. 30, Lisboa

⁹⁰ Bianchi, E., (2017), *Jesus e as Mulheres*, Editora Guerra e Paz, pp. 84-97, Lisboa

⁹¹ Bianchi, E., (2017), *Jesus e as Mulheres*, Editora Guerra e Paz, pp. 55-60, Lisboa

ela. Jesus demonstrou assim que para Deus a saúde e a libertação do mal estão em primeiro lugar, mesmo aos sábados⁹².

- A viúva pobre que depositou apenas duas moedas no templo: Jesus disse aos seus discípulos que esta mulher deitara mais do que todos os outros porque estes depositavam as sobras e ela tudo o que possuía (Mc 12, 41-44).

No entanto, a Igreja acabou por colocar os homens em posição dominante, afastando as mulheres das congregações religiosas a partir do século II.

Depois da morte de Jesus, os Apóstolos continuam a ser os protagonistas do Cristianismo. As mulheres, que acompanharam Jesus até à morte e à ressurreição, ficaram esquecidas e não participaram na construção da Igreja Cristã que nascia. Apesar disso, Paulo disse, conforme está escrito em Gálatas 3, 26-29: *De facto, todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo. E se pertenceis a Cristo, então sois de facto a descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa*⁹³. Isto é, os direitos e os deveres são iguais entre homens e mulheres e as diferenças não podem originar discriminação. É assim que se deve entender a criação, seguindo as lições de Jesus Cristo. No entanto, a cultura dominante greco-romana e a tradição judaica continuam a prevalecer na prática do Cristianismo⁹⁴.

Como se verá mais tarde, mesmo na época do Iluminismo, J. J. Rousseau (1712-1778) considerava que a mulher que pretendesse dedicar-se à vida intelectual deveria permanecer solteira, pois ela estaria a atuar contra a sua natureza, contra os seus deveres de esposa.

Na verdade, a mulher continua reduzida a serva do clero masculino da Igreja, apesar do esforço atual – desde 1958 - por reconduzi-la ao lugar que tinha no tempo de Cristo. Até mesmo João Paulo II deixou a mensagem de que a mulher não pode servir ao sacerdócio ao escrever, na Carta Apostólica “*Ordinatio Sacerdotalis*”, de 22 de Maio de 1994: *De resto, o fato de Maria Santíssima, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, não ter recebido a missão própria dos Apóstolos nem o sacerdócio ministerial, mostra claramente que a não admissão das mulheres à ordenação sacerdotal não pode significar uma sua*

⁹² Bianchi, E., (2017), *Jesus e as Mulheres*, Editora Guerra e Paz, pp. 60-63, Lisboa

⁹³ Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 1584, Lisboa

⁹⁴ Bianchi, E., (2017), *Jesus e as Mulheres*, Editora Guerra e Paz, pp. 133-139, Lisboa

*menor dignidade nem uma discriminação a seu respeito, mas a observância fiel de uma disposição que se deve atribuir à sabedoria do Senhor do universo*⁹⁵.

2.1.4.1.O Papel Importante de Maria Madalena na Vida de Jesus

Maria Madalena (Maria de Magdala – nome do lugar onde terá nascido, uma povoação piscatória na Galileia) - é uma figura Bíblica apresentada nos Evangelhos em várias situações, onde nunca é chamada de prostituta: em Lucas (Lc 8, 1-3) surge como a mulher de quem saíram sete espíritos malignos e também como uma mulher da cidade que entra em casa de um fariseu onde se encontrava Jesus e em que ela se ajoelha a chorar, lhe banha os pés com as suas lágrimas, os limpa com os cabelos longos e os beija e unge com um bálsamo (Lc, 7, 36-50); em Mateus, Marcos e João é uma das mulheres do Calvário (Mt 27, 55-56; Mc 15, 40-41); Jo 19, 25); em Mateus testemunha a localização do sepulcro e o seu esvaziamento (Mt 27, 56-61 e Mt 28, 1-10); e em João, testemunha Maria que, chorando do lado de fora do sepulcro, viu dois anjos vestidos de branco, um à cabeceira e outro aos pés do local onde estivera Jesus e depois avistou Jesus em pé, acabando por reconhecê-lo e anunciando-o depois aos discípulos (Jo, 20, 10-18) (daí a designação dada a Maria Madalena de “apóstolo dos apóstolos”)⁹⁶.

O Papa Gregório Magno foi quem associou a figura de Maria Madalena a uma prostituta, na interpretação do Evangelho de Lucas 7, 36-50. Os cabelos longos relatados em Lucas talvez tenham ajudado a tal associação com o pecado, pois naquela época as mulheres deveriam andar normalmente com a cabeça tapada.

Maria de Magdala parece ter provindo de família rica e ter sido uma mulher bela e vaidosa, características que ajudaram a considerá-la mulher dedicada à boémia e à luxúria, embora não haja provas evidentes que apoiem tal interpretação. O seu alegado arrependimento deve ter contribuído para que a figura de Maria Madalena tivesse passado a ser venerada em muitos locais, incluindo em Provença (França), onde trabalhou e onde se encontra o seu túmulo (hoje é, para a Igreja Católica, a Santa Maria Madalena).

Um dos escritos gnósticos – reveladores de um conhecimento que se pretendia superior ao da própria Igreja ortodoxa - encontrados em 1945 num deserto perto da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito, é o “Evangelho de Maria” que é datado do século II da

⁹⁵Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens (file:///C:/Users/HP//Downloads/1724-6223-2-PB.pdf)

⁹⁶ Ventura, F. F., (2009), *Roteiro de Leitura da Bíblia*, Editorial Presença, 3ª edição, p.135, Queluz de Baixo

Era Cristã. Este livro mostra Maria Madalena como uma mulher proeminente, cujas revelações teriam sido o resultado de aprendizagem por comunicação direta com Jesus.

2.1.5. O Erotismo na Bíblia - Cântico dos Cânticos

É notório que a Bíblia, a começar em Génesis, traz à criação homem e mulher como seres sexuados e procriadores: *Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.* E mais adiante, confirma-se a procriação (para manutenção da espécie): *Adão conheceu (teve relações sexuais com) Eva, sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Caim, e disse ‘Gerei um homem com o auxílio do Senhor’.*

A atração e o prazer sexual parecem estar incorporados na descrição da Criação, ainda em Génesis: *Ao vê-la, o homem exclamou: ‘Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem’.* Por esse motivo, *o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.* Por isso, é natural que se pense que o prazer da relação sexual, quando acompanhado de amor entre os membros do casal, não se deva considerar como pecado.

Assim sendo, todas as sensações, incluindo a sedução e o desejo sexual, deverão ser considerados elementos participativos da procriação, trazendo o complemento da beleza e do amor ao relacionamento corporal entre o homem e a mulher. O reflexo de tais sensações está bem patente na letra de O Cântico dos Cânticos, do Antigo Testamento, cuja autoria é atribuída ao Rei Salomão. Apresenta-se, de seguida, um excerto considerado representativo⁹⁷:

Cântico IV

O Esposo:

Os teus dois seios são como dois filhinhos gémeos de uma gazela

Que pastam entre os lírios...

Como são deliciosas as tuas carícias...

Mais deliciosos que o vinho são os teus amores!

Os teus lábios, ó esposa, destilam mel virgem;

O mel e o leite estão sob a tua língua.

A Esposa:

Eu sou para o meu amado,

⁹⁷ Bíblia Sagrada, (1993), Cântico dos Cânticos, Edições São Paulo, pp. 917-923, Lisboa

*E os seus desejos voltam-se para mim.
Vem meu amado,
Saíamos para o campo,
Passemos a noite nos pomares;
Madrugaremos para ir às vinhas,
E ver se a vinha lançou rebentos,
Se as suas flores se abrem,
Se as romãzeiras estão em flor.
Ali te darei os meus amores...
Dar-te-ei vinho perfumado,
Mosto das minhas romãs.*

2.2. Na Idade Média (séc. V- séc. XV)

2.2.1. Preceitos Medievais sobre a Sexualidade

A maioria dos historiadores coloca a Idade Média entre a queda do Império Romano (476 d. C.) e o descobrimento da América e da expulsão dos mouros de Espanha (1492). É costume situar-se a chamada Alta Idade Média (apogeu do sistema feudal e do forte poderio da Igreja) entre os anos 476 e 1.000 (até Carlos Magno) em que se deram as invasões bárbaras e a disseminação do Cristianismo no Ocidente, e a Baixa Idade Média do século XII ao século XV (o renascer material e cultural da Europa, o aumento do capitalismo e a decadência do feudalismo, com os camponeses a migrarem para as cidades)⁹⁸.

Pelos finais do século IV, a Igreja passa a dominar a sociedade, no aspeto político e religioso, já que era a única organização erudita, com os conhecimentos retirados das suas grandes e ricas bibliotecas. A influência da Igreja em todos os aspetos da vida, incluindo na vida da mulher e na sexualidade, foi enorme. Para a Igreja, a abstinência sexual era considerada a melhor maneira de agradar a Deus.

Segundo Umberto Eco, os primeiros padres da Igreja exibem grande horror à sexualidade, praticando alguns autocastração, sendo a mulher sempre considerada a fomentadora do pecado. Alguns textos do século X (Abade Odo de Cluny, c. 878- 942) e XIV (Giovanni Boccaccio, poeta, 1313-1375) expressam grande aversão às mulheres (misoginia). Porém, a Idade Média também trata apaixonadamente a mulher (poesia cortês

⁹⁸ Eco, U., (2011), Idade Média, Edições D. Quixote, pp.13-16, Alfragide, Portugal

e divinização de Beatriz pelo poeta Dante, 1.265- 1321). Ainda segundo Eco, a despeito da igualdade preconizada por Cristo para todos os crentes, os autores medievais continuam a adotar a imperfeição e a insuficiência da natureza da mulher. A Inquisição queimou pessoas por motivos religiosos, como Joana d’Arc, mas também criminosos civis como Gilles de Rais que assassinou e estuprou muitas crianças (foram indicadas 200). As primeiras Universidades surgem na Idade Média (1.088, Bolonha), assim como a banca, o papel, a numeração árabe e a pólvora.

As ideias do já referido historiador e naturalista Plínio, o Velho (23 d. C – 79 d. C.), sobre a menstruação, foram aproveitadas pela Igreja. A mulher teria que aceitar resignadamente a imposição da menstruação e as que se mantivessem solteiras estavam condenadas a menstruar toda a vida (vide 1.6.).

2.2.1.1. A Confissão e os Manuais dos Confessores

A confissão foi instituída em 1215 pelo Concílio de Latrão, para salvação das almas. O papel da confissão e da penitência pelos pecados cometidos acentuaram-se depois das conclusões da Contrarreforma saídas do Concílio de Trento (1545-1563), em especial os dos prazeres da carne (do Concílio de Trento saiu o dogma de que só o sacerdote tem o poder de absolver os pecados). Nasceram regras sobre o comportamento do homem no aspeto sexual e sobre os maus pensamentos; os desejos e o gozo carnal são censurados e sujeitos a penitência. As pessoas são obrigadas a contar tudo no confessional, incluindo o que se fez, o que se olhou pecaminosamente, as palavras obscenas, todos os maus pensamentos e desejos.

De facto, o sexo, porque está escondido, era o tópico preferido nos confessionários, tentando-se ligar a verdade ao sexo. No discurso da confissão, o sujeito confessado é o sujeito da exposição, mas há a participação de uma importante testemunha - o confessor que é avaliador, julgador, agente da punição, agente que perdoa ou consola ou purifica e lhe dá a salvação da alma. Segundo M. Foucault, trata-se de um ritual que não se completa sem transpor dificuldades, obstáculos e resistências⁹⁹.

Na confissão trata-se de tudo o que diz respeito ao sexo, incluindo a relação entre marido e mulher, isto é, na ligação matrimonial e respetivos deveres dos cônjuges, incluindo a proibição de relações sexuais na Quaresma e no Natal, no tempo de gravidez e

⁹⁹ Foucault, M., ^a(1999), História da Sexualidade I – A vontade de saber, Edições Graal, p. 59, Rio de Janeiro, Brasil

de amamentação das crianças, etc. Eram condenadas por pecaminosas as relações extraconjugais, a violação, o incesto, a relação sexual anal, a homossexualidade, enfim, tudo o que parecesse ser contra a Natureza, privilegiando a monogamia.

Ainda segundo M. Foucault, o antigo processo utilizado para se chegar à verdade – “ars erótica” – que usava a experiência no domínio do corpo, e não leis, ou seja a verdade era extraída do que se sabia da prática do próprio prazer, e não referido ao que era permitido e proibido; neste caso, o prazer deve ser conhecido como prazer, e por isso, quanto à sua intensidade, a sua qualidade, a sua duração e os seus efeitos no corpo e na alma; este processo foi sendo substituído por processos e mecanismos em que a confissão seria tratada cientificamente para se chegar ao conhecimento pormenorizado da intimidade, ou seja, da verdade sobre o sexo (“sciência sexualis”)¹⁰⁰.

O Manual das Confissões (surgiu em Portugal em 1316, e foi acarinhado pelo Rei D. Duarte e pelo Infante D. Fernando) tratava da doutrina do pecado, em conjunto com os tratados teológicos e as normas saídas dos Concílios¹⁰¹. O tema das confissões é também referido nos capítulos 2.3.1 e 2.3.3.

A Igreja também definia as posições permitidas durante as relações sexuais; a mulher não podia colocar-se por cima do homem porque, pela Bíblia, deve sujeitar-se ao marido; não era permitida a penetração por trás. O ato sexual deveria ser levado a cabo na escuridão para que a nudez não fosse presenciada. A masturbação era moralmente condenada por ser contra a natureza. Os castigos aplicados poderiam ser o jejum, a abstinência (incluindo a sexual) por vários meses e até anos e a excomunhão.

2.2.1.2. A homossexualidade

O Antigo Testamento é claro ao reprimir a prática da homossexualidade. Em Levítico 18,3, 22-29 lê-se: *Não vos comporteis como na terra do Egipto, onde habitastes, nem como costumam comportar-se na terra de Canaã, para onde vos levo; não sigais os seus estatutos, mas praticai as Minhas leis...Não te deites com um homem, como se fosse com uma mulher: é uma abominação...porque todas estas abominações foram cometidas pelos habitantes que habitaram nesta terra antes de vós, e a terra ficou impura...Porque*

¹⁰⁰ Foucault, M., (1999), História da Sexualidade I – A Vontade de Saber, Edições Graal, , pp. 66-68, Rio de Janeiro, Brasil

¹⁰¹ Mattoso, J., (2011), História da Vida Privada em Portugal,-A Idade Média, Editora Círculo de Leitores e Temas e Debates, p. 325, Lisboa

*todo aquele que cometer uma destas abominações será excluído do seu povo.*¹⁰². Este texto indica que a homossexualidade eram praticada tanto pelos Egípcios quanto pelos Cananeus. Mais à frente, em Levítico 20. 13, surge uma condenação severa para tais atos, sem indicação de outras práticas que não sejam a homossexualidade¹⁰³: *O homem que se deita com outro homem, como se fosse com uma mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos.*

No Novo Testamento encontramos a única referência específica à homossexualidade na Carta de São Paulo aos Romanos, escrita em 57-58 d. C. (Rm, 1, 26-27): *Por isso Deus entregou os homens a paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam de paixão uns com os outros, cometendo atos torpes entre si, recebendo dessa maneira em si próprios a paga pela sua aberração*¹⁰⁴. Como se vê, aqui é abordada a homossexualidade feminina e masculina. Para Paulo de Tarso, é a idolatria que está na origem da depravação do corpo, afastando-se de Deus por atos que são contra a natureza¹⁰⁵.

Na mesma linha, ainda que endereçando um leque mais amplo de perversão, incluindo homossexuais, pederastas e efeminados (possíveis parceiros passivos no ato sexual)¹⁰⁶, São Paulo adverte, na Carta aos Coríntios, 6, 9-11: *Não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os caluniadores irão herdar o Reino de Deus. Alguns de vós eram assim. Mas lavaste-vos, fostes santificados e reabilitados pelo Nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus*¹⁰⁷.

No período Cristão depois do Novo Testamento continua a recriminação do homossexualismo e outras práticas contra a natureza. Santo Agostinho (354 d. C. - 430 d. C.), na sua obra “Confissões”, refere que as práticas contra a natureza, herdadas da filosofia grega, não são divinas. São João Crisóstomo (344-407) e o Papa São Gregório Magno (c. 540 – 604) também condenam vivamente as práticas homossexuais. O Concílio de Elvira (306), o de Ancira (314), o de Toledo (693) e os de Latrão (1179 e 1512-1517)

¹⁰² Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p.139, Lisboa

¹⁰³ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p. 214, Braga

¹⁰⁴ Bíblia Sagrada,(1993), Edições São Paulo, p. 1526, Lisboa

¹⁰⁵ Bedouelle, G, et. Al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p.218, Braga

¹⁰⁶ Bedouelle, G, et. Al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p.219, Braga

¹⁰⁷ Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 1551, Lisboa

todos condenam a homossexualidade. O Concílio de Elvira refere especificamente a pedofilia.

O tema da homossexualidade é, de novo, abordado em ligação com a Moral Sexual Católica no Capítulo 4.1.2.

2.2.1.3. Relações extraconjugais

Na Idade Média, consagrava-se a virgindade da mulher ao marido pelo casamento, o que constitui uma forma de dominação da mulher na Idade Média. Nessa época vigoravam, em Portugal, dois tipos de casamentos: 1. O casamento pela Igreja, indissolúvel e sacralizado; 2. O casamento da nobreza, profano, levado a efeito para reforçar e perpetuar a linhagem, o qual se conservou com essas características pelos séculos XIII e XIV¹⁰⁸. A relação sexual é legítima pela Igreja apenas no contexto do matrimónio religioso.

Casos de bigamia em situações destas eram comuns, embora proibidos pela Igreja por serem extremamente pecaminosos. Um exemplo é o do Infante D. Afonso (futuro D. Afonso III de Portugal, então Conde de Bolonha pelo seu casamento em 1239 com a Condessa Matilde) que regressou a Portugal para substituir o seu irmão D. Sancho II (1209-1248) e decidiu casar com D. Beatriz, filha de Afonso X de Castela, apesar de continuar casado com a primeira esposa.¹⁰⁹

A Igreja insurgia-se, já desde o século XI, contra os desmandos matrimoniais, mas também alguns monarcas o faziam. D. João V é um exemplo notável de um Rei que teve amantes e filhos fora do casamento (Vide desenvolvimento no Capítulo 3.4.2).

A depuração do meio clerical iniciou-se ainda no século XI, em conjunto com a pressão exercida também pela Igreja sobre os comportamentos sexuais da sociedade laica dos meios urbanos e rurais¹¹⁰.

Para além dos visados pelos trovadores, nas “Cantigas de Amor e de Amigo” e nas “Cantigas de Escárnio e Maldizer” - soldadeiras, jograis e trovadores -, havia nobres, freiras e frades, clérigos e abadessas, donas e donzelas, todos ligados a relações sexuais ilegítimas ou a outras práticas do sexo condenadas pela Igreja.

¹⁰⁸ Mattoso, J., (2011), *História da Vida Privada em Portugal, -A Idade Média*, Editora Círculo de Leitores e Temas e Debates, p. 130, Lisboa

¹⁰⁹ Mattoso, J., (2011), *História da Vida Privada em Portugal, -A Idade Média*, Editora Círculo de Leitores e Temas e Debates, p. 130, Lisboa

¹¹⁰ Mattoso, J., (2011), *História da Vida Privada em Portugal, -A Idade Média*, Editora Círculo de Leitores e Temas e Debates, p. 325, Lisboa

O Êxodo, da Bíblia, enuncia os dez mandamentos – a Lei de Deus, ditada a Moisés – dois dos quais dizem respeito a relações extraconjugais e que são considerados pecaminosos se violados:

- *Não cometerás adultério*
- *Não cobiçarás a mulher do próximo*¹¹¹

O pecado resultante da transgressão destes dois mandamentos é de novo acentuado no Novo Testamento por Mateus, citando Jesus no Sermão da Montanha: *Ouvistes que foi dito “Não cometerás adultério”. Eu, porém, digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração*¹¹².

Já depois da proposição da Aliança de Deus a Moisés, este exortou as pessoas a não se aproximarem de mulher alguma, entendendo-se que a aproximação a uma mulher resultaria em impureza sexual, em pecado¹¹³.

Como se verá no Capítulo “A Mulher e a Sexualidade Segundo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)”, o Livro Deuteronómio, da Bíblia Sagrada, no seu Capítulo 17-17, deixa entender a depravação causada pelas mulheres nas palavras de Moisés sobre os deveres dos reis: *Guarde-se também o rei de ter muitas mulheres para que o seu coração não se perverta...*

Outros pecados foram depois classificados pela Igreja em “pecados mortais” (graves) e “pecados veniais” (leves, cometidos sem conhecimento ou sem consentimento). Dentre os “pecados capitais antigos” determinados pela Igreja, figura a luxúria, como desregramento dos prazeres do sexo. A lista dos novos pecados inclui agora pedofilia, o aborto, a manipulação genética, o tráfico de droga, a grande riqueza e a poluição ambiental.

2.2.2. A Igreja, o Corpo e o Pecado

A Igreja via o corpo como objeto do pecado e a carne decaída e vencida, visto que se vivia religiosamente para a pureza da alma, seguindo o exemplo de Cristo e da Virgem Maria. Como já se disse, a vida exemplar seria a conventual, longe dos prazeres da carne.

Ainda no respeitante ao corpo, na Idade Média, a nudez fora de casa era ligada às divindades pagãs, aos jogos dos atletas e às comédias teatrais da Antiguidade, sendo

¹¹¹ Ex., 20.14 e Ex 20-17, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p.86, Lisboa

¹¹² Mt., 5.27-28, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p. 1109, Lisboa

¹¹³ Ex., 19.15, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p. 85, Lisboa

considerada um pecado e, por isso, deveria ser escondida. O clero recomendava o gesto sóbrio, atitudes moderadas e evitar-se tudo o que revelasse, por meio do corpo, paixões indignas do homem e só pertença dos animais, incluindo a reprodução. O que a Igreja pretendia era colocar o corpo ao serviço da alma para, assim, se atingir a pureza de espírito, de forma a alcançar-se a ressurreição depois da morte. Tal recomendação era também dirigida aos clérigos e monges.

Os moralistas do século XI e do século XII chegaram a enumerar os pecados mortais e veniais a partir dos cinco sentidos ou dos membros do corpo que intervinham na ação. O Livro das Confissões, já referido, indicava que os pecados se cometem com os olhos, os ouvidos, as mãos, o cheiro e o gosto. Assume-se que o corpo revela o que vai dentro do homem – pensamentos e emoções –, as lágrimas indicando angústia e a teimosia um coração duro.

Santo Agostinho (354 d.C. – 430d. C.), influenciado por São Paulo (...*não procureis a satisfação da carne com seus apetites*), desistiu de qualquer ideia de casamento e dedicou-se inteiramente à devoção espiritual dentro da doutrina do Cristianismo. As suas pregações influenciaram bastante as concepções religiosas futuras. Também o Papa Gregório Magno (c. 540-604) afirmava que o corpo era uma horrenda veste ou a prisão da alma e que *quando o homem morre, fica curado da lepra do corpo*.

O historiador francês Jacques Le Goff (1924-2014) refere que os santos da Idade Média eram portadores dos sete dons espirituais (amizade, sabedoria, erudição, honra, autoridade, firmeza e alegria) e das sete aptidões do corpo (beleza, ligeireza, força, liberdade, saúde, prazer dos sentidos e vida longa) e menciona o caso de S. Tomás de Aquino (1225-1274) cujo corpo era admirado pelo povo camponês pelo seu tamanho e pela sua beleza¹¹⁴.

Ainda segundo Le Goff, a nudez da mulher da Idade Média era considerada um castigo pelos pecados cometidos, especialmente depois que Adão e Eva (expulsos do Paraíso) e Noé (após a sua embriaguez) tiveram que ficar nus¹¹⁵. A este propósito, poderá parecer que S. Francisco de Assis teria admitido a nudez como virtuosa quando ele e Frei Rufino pregaram inteiramente nus no púlpito de uma Igreja em Assis¹¹⁶; no entanto, a audiência que, de início, galhofara da nudez e do excesso de penitência, chorou com

¹¹⁴ Goff, J. L., (1983), *A civilização do ocidente medieval*, vol. II, Editorial Estampa, p. 103, Lisboa

¹¹⁵ Goff, J. L., (1983), *A civilização do ocidente medieval*, vol. II, Editorial Estampa, p.120, Lisboa

¹¹⁶ Filho, F. (2013), *Além das ideias: História e vida de Dom Helder Camara*, Cepe Editora, Capítulo 30 (Os Fioretti ou As Florinhas, histórias contadas pelos discípulos de S. Francisco, Leão, Masseo e Egídio), pp. 575 e 576, Recife, Pernambuco, Brasil

devoção depois de ouvirem S. Francisco pregar sobre *o desprezo do mundo, a penitência santa, a pobreza voluntária, o desejo do reino celeste e a nudez e a vergonha da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Depois da pregação, S. Francisco e Frei Rufino vestiram-se e regressaram ao convento de Porciúncula (em Assis, Itália).

É também Le Goff que afirma que o corpo vive duas vidas opostas na Idade Média ditadas pela Igreja: a da Quaresma, com jejum e renúncia, e a do Carnaval, com gula (alimentação) e o prazer (incluindo o sexo). Também o trabalho do homem medieval é considerado ou penitência corporal do pecado cometido (séculos V-XI) ou atividade nobre e valorizada (sobretudo nos séculos XI-XIII)¹¹⁷.

Diz-nos Umberto Eco que, na Idade Média, a Igreja estabelece que o espírito deve sobrepor-se à carne e deve dominá-la e que o corpo tem que agora ser visto à luz do exemplo da Virgem Maria, Mãe de Jesus, dissipando-se a anterior distinção entre o corpo do homem e o da mulher. O enfraquecimento da forte supremacia do corpo masculino é ainda acentuado pelo celibato dos clérigos, privando-os dos contactos sexuais e ainda da recomendação para que os civis se casem com a finalidade de amainar o desejo sexual¹¹⁸.

Note-se, não obstante, que Eva e a Virgem Maria eram os símbolos da beleza em polos opostos: Eva ligada ao pecado original demoníaco, e Maria representando a pureza sem interferência carnal na concepção.

2.2.2.1. Expição dos pecados

No Antigo Testamento, os pecados eram expiados pela queima de animais (sacrifício), como é expresso em Levítico¹¹⁹: *No oitavo dia Moisés chamou Aarão e seus filhos, assim como os anciãos de Israel e disse a Aarão: 'Toma um novilho para o sacrifício pelo pecado, e um carneiro para o holocausto'...*

No Novo Testamento (Evangelho de S. João), é Jesus, como mediador entre Deus e os homens, quem perdoa os pecados da humanidade: *No dia seguinte, João viu Jesus, que vinha ter com ele e disse: 'Aí está o Cordeiro de Deus que vai tirar o pecado do mundo. Este é aquele de quem eu disse 'depois de mim virá Alguém que passou à minha frente porque era antes de mim'*¹²⁰.

¹¹⁷Goff, J. L., (1983), A civilização do ocidente medieval, vol. II, Editorial Estampa, p.120, Lisboa

¹¹⁸Eco, U., (2011), Idade Média, Editora D. Quixote, pp. 381-383, Alfragide, Portugal

¹¹⁹ Lev 9., 1-24, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p. 116, Lisboa

¹²⁰ Jo., 1.I.29-30, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p. 1206, Lisboa

O papel de Jesus como pagador dos pecados do homem é confirmado em outros pontos da Bíblia, por exemplo em Isaías: *Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças. Carregou as nossas dores; nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. Mas foi castigado pelos nossos crimes, esmagado pelas nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele, fomos curados nas suas chagas*¹²¹.

2.2.2.2. O Purgatório

O pecado inflingido contra as normas da Igreja – tidas como provindas de Deus - era um conceito que arrastava consigo regras sobre o modo como o mesmo deveria ser perdoado, evitado ou eliminado. A confissão, como se viu (2.2.1.1), era também um dos modos de se chegar à verdade e evitar ou eliminar o pecado.

O termo “Purgatório” não aparece na Bíblia. Porém, o conceito surge já nas palavras de Jesus ao admitir, em Mateus 12-31, que *todo o pecado ou blasfémia será perdoado aos homens, mas a blasfémia contra o Espírito Santo não lhes será perdoada*. Assim, poderá subentender-se que certas faltas serão perdoadas no mundo do Além.

Le Goff admite que o Purgatório nasceu na Idade Média a partir do século XII, mas acabou por não ser reconhecido nessa época até porque era uma época maniqueísta em que o mundo religioso se dividia entre a ação do Deus do Bem que levaria ao Céu, ou do Deus do Mal que iria fazer terminar o pecador no Inferno. As vítimas de Satanás são muitas vezes objeto das suas tentações, torturas e ataques sexuais, chegando ao ponto de haver possesores ou de se fazerem feitiços ou bruxarias, como se verá no capítulo seguinte (2.2.3, *Malleus Maleficarum*). Haveria também os anjos da guarda e, assim, na Idade Média, a população era constituída por três vetores: o homem, o anjo da guarda e o demónio¹²².

A partir do aparecimento do conceito de Purgatório, a oportunidade de limpar as faltas cometidas neste mundo passou a criar o sentido de livre arbítrio para se responsabilizar o indivíduo com vista ao seu destino final depois da morte. A confissão acentuou a responsabilização do indivíduo quanto ao conhecimento de si mesmo com medo de pecar e de ser tentado pelo demónio. Neste aspeto, a adoção dos preceitos dos Evangelhos tornou-se imperiosa, com renúncia aos prazeres do mundo e dos excessos.

¹²¹ Is., 53, 4-5, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p.860, Lisboa

¹²² Goff, J.L., (1983), *A Civilização do Ocidente Medieval*, Editorial Estampa, volume I, pp.200-204, Lisboa

2.2.2.3. As Peregrinações

As peregrinações como formas de penitência pelos pecados, pelas dificuldades e sofrimentos encontrados no caminho e bem assim a privação, o jejum e a esmola aos necessitados, poderiam conferir créditos para o Além aos pecadores. Por essa altura, nasceram também as orações pelas almas que se encontravam ainda no Purgatório e o dia dos Finados a 2 de Novembro, trazendo uma estadia mais curta a essas almas, permitindo a sua partida para o Céu.

2.2.3. As Torturas da mulher medieval pela Inquisição - “Malleus Maleficarum” (O Martelo das Bruxas) (século XV)

A Inquisição nasceu no século XII para combater quem de algum modo não seguisse os dogmas da Igreja (hereges, bruxas, doentes mentais, etc.). Como antecedentes, devemos referir, no mesmo século, a perseguição da Igreja aos Valdenses (negavam a supremacia de Roma) e aos cátaros (acreditavam nos princípios do Bem e do Mal, incluindo-se neste último a mulher como fonte do mal). Depois de uma cruzada do Papa Alexandre II (Concílio de Latrão de 1179) e da Inquisição pelo Papa Lúcio III contra os cátaros, foi instituída em 1203 a Inquisição para toda a Igreja pelo Papa Gregório IX. Em 1251, o Papa Inocêncio IV autorizou a tortura para obter a confissão. Michel Foucault chama a atenção para as torturas da Inquisição ao analisar questões de julgamentos civis em tempos posteriores, por exemplo no século XVII¹²³.

Mais tarde foi autorizada a fogueira para queimar o corpo em espetáculos públicos, com o beneplácito de Papas e Bispos, tudo, aparentemente, em nome da salvação das almas, para as livrar das garras do demónio; acreditava-se que parte do ataque demoníaco se dava através das práticas sexuais e dos prazeres carnais, para chegar por fim à posse da alma¹²⁴. Como foi já referido, o prazer sexual era apenas permitido para a reprodução, de outro modo era considerado pecado, pois mantinha o espírito prisioneiro do corpo.

As pessoas consideradas hereges com o apoio de testemunhas, muitas vezes falsas, iriam ser submetidas a interrogatórios e torturas e confessavam heresias só para se manterem vivas. Joana d’Arc (1412-1431) morreu na fogueira num processo mais tarde considerado inválido, acabando por ser santificada pelo Papa Bento XV em 1920.

¹²³ Foucault, M., (2001), *Vigiar e Punir*, Editora Vozes, 27ª edição, p. 58, Petrópolis, Brasil

¹²⁴ *História do Cristianismo*, (1995), Bertrand Editora, pp.320-321, Venda Nova

Inicialmente deificadas pela fertilidade e criação de seres humanos, as mulheres passaram, com a bênção do patriarcado da era cristã, a serem ligadas à sexualidade por serem providas, como se viu, segundo a Bíblia, de uma costela de Adão e sujeitas ao pecado original pela metáfora da tentação e de comer a maçã proibida; a sexualidade passou a ser a característica mais saliente dos seres humanos; assim, a Idade Média viu as mulheres como seres inclinados aos prazeres sexuais, seres perversos e enviados pelo demónio; por isso, as mulheres eram as mais visadas pela Inquisição. Na verdade, as mulheres, acusadas de bruxas, eram consideradas como possuindo instintos inferiores e, assim, eram despojadas das roupas e dos pelos púbicos na busca de sinais de comprometimento com a heresia, antes de serem condenadas e queimadas pela Inquisição. Era com tais características que as mulheres eram vistas na obra “*Malleus Maleficarum*”.

O “*Malleus Maleficarum*” (Martelo das Bruxas) não é mais que um Manual de instruções para caça às bruxas, publicado em 1487, e que foi utilizado durante mais de 200 anos entre o início do século XVI e meados do século XVII. É de autoria dos inquisidores dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger. Este Manual foi juridicamente admitido na Lei Canónica para utilização por Inquisidores contra bruxarias e heresias por meio de bula do Papa Inocêncio VIII datada de 9 de Dezembro de 1448, conforme publicado em algumas edições do livro “*Malleus Maleficarum*. Assim, com esta bula papal, ficou autorizada a caça às bruxas e a sua eliminação, o que deu origem a um enorme genocídio europeu sobretudo de mulheres, consideradas pecadoras e instrumentos do demónio. Calcula-se que morreram mais de 50.000 mulheres durante a Inquisição.

Segundo o *Malleus Maleficarum*, o demónio, com a autorização de Deus, apropriou-se primeiramente do corpo para tentar conquistar as almas. O livro consiste em três partes as quais incluem perguntas e respostas sobre os respetivos temas que, para além de incluírem instruções para identificar e acusar bruxas, confirmam que 1) As bruxas existem e são comandadas pelo diabo, cujos poderes malignos são autorizados por Deus; 2) A bruxaria encaixa-se bem nas mulheres, que são viciadas em sexo e que têm relações sexuais com o diabo; 3) As mulheres seduzidas são preferencialmente jovens e belas para que caíam facilmente na tentação da carne ¹²⁵.

Na secção de perguntas e respostas, afirma-se que, com base nos escritos de S. Tomás e das Sagradas Escrituras, os demónios têm poder sobre os corpos e as mentes dos seres humanos, com a autorização de Deus, e preferem usar bruxas para provocar a

¹²⁵ Maleficarum, M., (2007) Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, Brasil

perdição das almas; a verdadeira fé ensina-nos que alguns anjos caíram do céu e transformaram-se em demónios e são capazes de fazer coisas que os seres humanos não conseguem fazer. Os efeitos das bruxarias não são ilusão e imaginação; já o Deuteronómio (Capítulo 18, 9-12) ordena a destruição de todos os magos e feiticeiros e o Levítico (Capítulos 19, 31 e 20, 6) condena a consulta a adivinhos e feiticeiros e a evocação de espíritos dos mortos, com os culpados sujeitos a penitência, que pode ser de 40 dias se a prática da bruxaria for oculta e, se for praticada por um padre, este deve ser suspenso e enviado para um mosteiro. Tais afirmações são também confirmadas pelos escritos de Santo Agostinho em “A Cidade de Deus”: *Em verdade existem encantamentos mágicos e feitiços malignos que não só afetam os homens com doenças quando não os matam.*

Segundo o manual *Malleus Maleficarum*, a lei civil também condena os feiticeiros e adivinhos a penas de morte ou a atirá-los às feras no caso de tirarem a vida a inocentes ou converterem as paixões das mulheres em luxúria. Uma das torturas para obrigar à confissão de pecados era feita com atarraxamento dos membros por cordas num aparelho chamado “potro”, mas também podiam ser exilados, com confiscação dos bens ¹²⁶.

Sobre a maldade das mulheres, o livro indica o suporte de Eclesiástico (25, 12-26) da Bíblia Sagrada, no entanto louva boas mulheres como foram Judite, Débora e Ester e até Eclesiastes quando refere que *é bendito o homem que tem uma mulher virtuosa, pois o número dos seus dias se duplicará*. Contudo, volta ao ataque às mulheres ao afirmar que *as mulheres são mais impressionáveis e mais prontas a receber a influência de um espírito desencarnado* e que, *quando usam mal esta qualidade, as mulheres são muito más*. Depois acrescenta que, *tendo a mulher sido formada de uma costela do peito, encurvada em sentido contrário à do homem, saindo assim imperfeita, e também pela sua pouca inteligência e fraca memória, a mulher vacila mais na fé, o que facilita a bruxaria*. Sobre a inveja, menciona-se a inveja de Ana - que era estéril - da fecunda Penina, porém refere a fonte como Reis I, quando, na verdade, a situação se encontra em Samuel I numa época anterior; Miriam que, em conjunto com Aarão, censuraram Moisés por causa da mulher etíope com quem tinha casado e, por isso, foi atacada pela lepra (Números 12, 1)¹²⁷; Marta, que tinha inveja de Miriam por esta estar sentada a escutar a palavra de Jesus e ela ocupada (Lucas 10, 38-42). O texto também evoca Cícero que havia referido nos seus “Paradoxos” que *um homem que é governado por uma mulher é o mais baixo dos escravos*.

¹²⁶ Maleficarum, M., (2007), Editora Rosa dos Tempos, Cap. II, Rio de Janeiro, Brasil

¹²⁷ Bíblia Sagrada, (1976), Editora Verbo, p. 12, Lisboa

2.2.4. A Castração da sexualidade feminina

Uma vez que a sexualidade era considerada como uma perigosa ameaça à honra, era preciso o controlo do homem para evitar esse perigo. Se a mulher se metesse no caminho da vergonha, o homem teria que recuperar a honra perdida. A Igreja esqueceu-se, como diz Michel Foucault (1926-1984) em *A Ordem do Discurso* (1996), que a sexualidade é biológica e psicológica mas também é social e cultural e, portanto, faz parte integrante da mulher e da sociedade em que ela se insere.

Da conceção medieval de condenação do corpo e das vantagens da virgindade nasceu uma maior dedicação da mulher à vida religiosa, por isso muitas procuravam o recato de conventos e mosteiros, longe do pecado do mundo e em busca de uma vida espiritual, ou a isso foram forçadas pelos pais ¹²⁸.

Os estereótipos chegaram ao ponto de se definir o símbolo feminino com o desenho aproximado de uma roca de fiar, um instrumento caseiro que a mulher usava para fiar, enquanto ao homem foi atribuído o símbolo da espada para indicar a virilidade e a valentia demonstradas nas batalhas.

2.3. Na Idade Moderna (1453-1789)

2.3.1. A Influência do Renascimento (século XIII a meados do século XVII)

O Renascimento trouxe uma nova postura humanista no que respeita à sexualidade e aos meios de a analisar e modificar. O Humanismo foge dos conceitos medievais e começa a usar a Razão e não a Religião para, através de uma nova análise dos clássicos, afirmar a dignidade do Homem, tornando-o o investigador por excelência da Natureza.

A mulher, antes relacionada com o pecado e de corpo sempre escondido, aparece agora seminua, na tela de Sandro Botticelli (1445-1510) “Nascimento de Vénus”. A nudez passa a ser o símbolo do belo, da perfeição e da harmonia. O nu deixa de ser pecado.

Contudo, no século XVI a Igreja voltou a querer impor-se ao estabelecer, depois do Concílio de Trento (1545-1563), regras para as relações sexuais entre o homem e a mulher, quer com a esposa, quer com terceiras, sempre no sentido de privilegiar a procriação. Seriam permitidas apenas algumas técnicas como a interrupção do ato sexual.

Também nesse tempo se extraíam regras a partir do que se ouvia nos confessionários com a implantação das penitências, conforme se refere noutras secções

¹²⁸ Barbosa, M.R., Matos, P. M., & Costa, M. E. et. al., (2011), Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje, Universidade do Porto, Psicologia & Sociedade, 23 (1), 24-34

deste trabalho (2.2.1.1 e 2.3.3). Contudo, o Renascimento permitiu, com o desenvolvimento da Ciência, conhecer melhor a anatomia e a fisiologia do homem e da mulher e, portanto, eliminar conceitos absurdos, como o do sangue da menstruação, que vinham da Antiguidade.

No século XVI aumentaram as gravidezes pré-conjugais e extraconjugais e o número de filhos ilegítimos. O concubinato – vivência marital sem matrimónio – existiu sempre, porém aumentou na modernidade e na contemporaneidade por efeito dos conceitos do Renascimento, sendo hoje considerado um passo quase indispensável antes do matrimónio, religioso e até civil. Pode incluir a residência dos dois parceiros sob o mesmo teto ou não, e muitos casais o experimentam para verificar, antecipadamente, se há ou não comunhão de características entre eles¹²⁹.

2.3.2. O Papa Júlio II (1443-1513) e a pintura da Capela Sistina no Vaticano por Miguel Ângelo (século XVI)

Júlio II foi um Papa enérgico e guerreiro, gostando de impor as suas ideias. Ele preocupava-se sobretudo com o fortalecimento dos Estados Pontifícios e desejava seriamente a queda do poder turco. Afirmava-se que ele *tinha mais alma de Imperador e guerreiro do que de sacerdote*. Apoiou as expedições marítimas portuguesas, onde foram colocados missionários propagando a fé na Índia, Etiópia e Congo¹³⁰.

No aspeto político, Júlio II desejava ardentemente a unificação da Itália que se encontrava fragmentada pelas repúblicas; no aspeto cultural, tinha grande amor à arte e, por isso, protegeu artistas famosos. Essas duas facetas fizeram que pusesse a Igreja, como corpo espiritual, em plano secundário.

Foram da sua responsabilidade as pinturas da Capela Sistina durante o Renascimento, tendo convidado Miguel Ângelo (1475-1564) para as executar. Miguel Ângelo achava que era um castigo a obrigação imposta pelo Papa Júlio II para ele decorar com frescos a abóboda da Capela, pois considerava a pintura uma arte inferior, achando-a mesmo “menos viril e menos pura do que a estatuária”¹³¹. Esta monumental obra (1.000 m2 de paredes com cerca de 300 figuras) iniciou-se em 1508 e durou 4 anos em trabalho

¹²⁹ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, pp. 84-88, Braga

¹³⁰ Silva, H. M., (1991), História dos Papas – Luzes e Sombras, Editorial A. O., pp.246-247, Braga

¹³¹ Néret, G., Ângelo, M., (2010), Editora Taschen, (traduzido e paginado em Lisboa), p.23, Colónia, Alemanha

de solidão, tendo Miguel Ângelo trabalhado sobre andaimes e em posições físicas incômodas. No seu género, é uma obra única no mundo.

Na abóboda podem ver-se as pinturas “A Tentação”, “O Pecado Original” e “O Dilúvio”. Há corpos nus, heroicos, cuja unidade parece evocar sonhos monstruosos, transportando-nos para um mundo diferente, sobretudo se nos colocarmos nesse período do Renascimento. A arte de Miguel Ângelo é de uma beleza quase brutal, selvagem, mas ao mesmo tempo de elevada pureza. Pode, por isso, associar-se estas imagens a uma conceção divina e, ao mesmo tempo, animal, transportando a nossa imaginação à elegância e à nobreza helénica, tudo misturado com o cheiro da humanidade primitiva. Estas imagens gigantes, com enormes corpos olímpicos e musculados, lembram-nos o animal e os deuses.

O convívio de Miguel Ângelo com o Papa Júlio II era um pouco agressivo, pois ambos tinham um temperamento intempestivo, com grandes discussões, mas o Papa sabia que só Miguel Ângelo o entendia, pois ambos amavam a arte da mesma forma. O que o Papa pretendia com esta magnífica e imponente obra era premiar a Itália, e este país reconheceu-lhe o seu valor, considerando-a indispensável e benéfica para a Igreja e para a Pátria. Quatro meses depois de terminar a pintura do teto da Capela Sistina, dá-se a morte do Papa, não a tendo gozado e aproveitado por muito tempo como era o seu sonho¹³².

A nudez tinha, para Miguel Ângelo, o significado de pureza, pelo despojamento das vestes do pecado na sua entrega espiritual. Miguel Ângelo considerava a sua pintura (incluindo “O Juízo Final”, também na Capela Sistina, encomendado pelo Papa Paulo III) e a escultura como poemas à criação e à libertação da humanidade. Mas as acusações ao “Juízo Final” foram avassaladoras pois a pintura era vista como representando obscenidades, tendo mesmo quem pensasse em destruí-la. Mais tarde, João Paulo II admirou e entendeu “O Juízo Final”, já depois de restaurado, como um “santuário da teologia do corpo humano”¹³³.

2.3.2.1. A Vida de Miguel Ângelo

Miguel Ângelo, já sem a frescura da juventude, chegou à velhice desanimado pela falta de compreensão relativamente à forma como muitos encaravam a sua arte - tanto a sua pintura como a escultura – concebendo com toda a pureza a nudez humana, onde nada

¹³² Néret, G., Ângelo, M., (2010), Editora Taschen, (traduzido e paginado em Lisboa), p.46, Colónia, Alemanha

¹³³ Néret, G., Ângelo, M., (2010), Editora Taschen, (traduzido e paginado em Lisboa), p.69, Colónia, Alemanha

haveria que esconder. Envelhecido e cansado, regressou a Roma tendo aí ficado até à sua morte. O seu coração confuso estava faminto por um grande amor, mas a morte e o pecado alteravam-lhe o pensamento, sentindo-se constantemente em pecado, como referia num dos seus poemas: *Vivo para o pecado e vivo a morrer dele: a minha vida já não me pertence, ela é do pecado; o meu bem vem-me do céu e o meu mal de mim mesmo...*

Miguel Ângelo amava perdidamente o belo e nobre italiano Tommaso del Cavalieri (1509-1587), e foi por isso que se fixou em Roma em 1534, para estar perto do seu amado. Esta grande paixão provocou mexericos na sociedade. Em 1623 um seu sobrinho publicou a 1ª edição dos poemas, fazendo crer que eles eram dirigidos a uma mulher. Porém, especialistas deduziram, em 1983, que as mulheres nunca povoaram os círculos de Miguel Ângelo e que as suas esculturas de virgens mostravam corpos femininos mas traçados a partir de modelos masculinos¹³⁴. O tema da homossexualidade é desenvolvido nos capítulos 2.2.1.2 e 4.1.2.

A única mulher na vida de Miguel Ângelo foi Vittoria Colonna, marquesa de Pescara, a quem entregara os seus desenhos religiosos. Foi Vittoria quem lhe restituiu a fé que não o abandonou, mas esse era apenas o amor puro de uma grande amiga.

2.3.3. O Poder do pastorado do século IV ao século XVII, segundo Michel Foucault

Como se viu acima, na Antiguidade Grega e Romana a sexualidade era livre, com um discurso erótico. Veio a seguir o Cristianismo que terá, tradicionalmente, interditado a sexualidade, proibindo, por razões morais, o prazer e o sexo. Porém, o filósofo e historiador francês M. Foucault (1926-1984) é de opinião que o estabelecimento, pelo Cristianismo, das regras do casamento monogâmico e da aceitação do sexo apenas para fins de reprodução, já existia também na Roma Antiga, antes do Cristianismo, pelo que este não é responsável pela criação das proibições e limitações sexuais devidas a razões de moralidade. O Cristianismo permitia, deste modo, à sociedade, uma moral moderada. Todavia, o Cristianismo, já como organização política e social nos séculos III e IV, conseguiu manter essa moral controlada através de um conjunto de mecanismos de poder, a que Foucault chamou de “poder do pastorado”. Através do pastorado, a Igreja designou pastores para conduzir ou guiar os fiéis como autênticas ovelhas de um rebanho, situação que nunca havia existido na Grécia e na Roma Antigas, embora tenha existido no Egito, na

¹³⁴ Néret, G., Ângelo, M., (2010), Editora Taschen, (traduzido e paginado em Lisboa), p.65, Colónia, Alemanha

Mesopotâmia e na Assíria e ainda na sociedade dos Hebreus; nos Hebreus, Deus é o pastor do seu povo.

O pastor reina sobre indivíduos, não sobre um território e não pretende, por isso, fazer conquistas geográficas, nem fazer mal a inimigos, mas, antes, fazer o bem dos que estão sob o seu cuidado, individualmente. Havendo um guia para cada indivíduo – o pastor – esse guia deverá levar a pessoa à salvação com a sua colaboração, isto é, cada indivíduo é obrigado a buscar a sua salvação, mas em obediência à autoridade do pastor, com toda a humildade. Todo este processo pretendia conduzir à verdade. Por seu turno, o pastor deve ficar a conhecer plenamente o interior da pessoa, a sua alma. Para isso utiliza a confissão, onde tudo deve ser revelado, com o confessor a orientar a pessoa sobre o que é pecado e quais os pecados mais e menos perigosos, até se chegar à verdade interior, à verdade subjetiva, uma consciência do que o seu próprio ser interioriza sobre o seu corpo, as suas fraquezas carnis, a sua sexualidade¹³⁵. A influência e uso das confissões pela Igreja é desenvolvido ainda nos capítulos 2.2.2.1 e 2.3.1. O poder pastoral permaneceu ativo até ao século XVIII, embora Foucault não se tenha apercebido de que o mesmo poder desapareceu por completo.

2.3.4. A Repressão sexual dos séculos XVI e XVII segundo Michel Foucault

Com o desenvolvimento do capitalismo burguês no século XVI e XVII, nasce, sob o signo do triângulo “Poder-Saber-Sexualidade”, a época mais acentuada da repressão, da interdição e da recusa do sexo, visto que ele não era conciliável com a qualidade e a quantidade do trabalho que se exigia ao homem. Essa repressão prolongou-se até ao século XIX, isto é, até ao surgimento das teorias de Freud.

Deste modo, Foucault é de opinião que o controlo da sociedade capitalista sobre o indivíduo começa no corpo, na parte biológica, obrigando a que a força do homem se concentre no trabalho, devendo, para isso, fugir ao prazer carnal¹³⁶.

Por consequência, não era permitido falar abertamente sobre o sexo e sobre a sua proibição ou intolerância e quem o fizesse desobedecia à lei e ao poder. Por isso, o sexo foi, durante muito tempo, um tema de censura que o mantinha quase em segredo, um tabu.

¹³⁵ Foucault, M., (2004), *Sexualidade e poder em Ética, Sexualidade, Política, Ditos & Escritos*, Editora Forense Universitária, pp. 62-72, Rio de Janeiro

¹³⁶ Foucault, M., (1999), *História da Sexualidade, a Vontade de Saber*, Edições Graal, 13ª edição, p. 11 e p. 21, Rio de Janeiro

2.4. Na Idade Contemporânea (1789 até aos dias de hoje)

2.4.1- A Influência do Iluminismo (século XVIII)

No século XVIII consolidou-se a primazia à Razão e à Ciência, dessacralizando a fé e a mística e, portanto, o poder da Igreja. Os iluministas rejeitavam algumas práticas anteriores como, por exemplo, os dogmas da Igreja Católica, o absolutismo monárquico, os privilégios da nobreza e do clero, a intervenção forte do Estado na economia, o controlo da economia das colónias pelas metrópoles, etc. Os mais conhecidos defensores da teoria iluminista foram Adam Smith, John Locke, Voltaire, Montesquieu, Diderot e Jean Jacques Rousseau.

É nesta época do Iluminismo que o amor romântico passa a ser o ideal no casamento e a procriação não é já o objetivo principal, procurando-se agora aspetos económicos e psicológicos dos cônjuges, ou seja, é mais importante a relação do casal, incluindo a sexual. Os historiadores começam a analisar a libertação sexual, o fim do casamento e a nova estrutura familiar.

2.4.2. A Mulher do século XVIII segundo J. J. Rousseau (1712-1778)

No final do século XVIII, o filósofo e Iluminista francês Jean-Jacques Rousseau escrevia, no seu livro “Emílio” (tomo V), que a mulher só deveria cultivar a razão se essa faculdade lhe pudesse garantir o cumprimento dos seus deveres considerados como “naturais”, ou seja, obedecer e ser fiel ao marido e cuidar dos filhos e da casa. Segundo este autor, a mulher que ousasse dedicar-se à vida intelectual deveria permanecer solteira, pois ela estaria a atuar contra a sua natureza, contra os seus deveres de esposa.

Porém, ainda antes do final do mesmo século XVIII, as pessoas são encorajadas a discutir e a escrever sobre o sexo, analisando-o e pesquisando-o sob o aspeto racional e não apenas moral.

2.4.3. Desenvolvimentos sobre sexualidade no século XIX

Foi no século XIX que se começou a assistir a um grande desenvolvimento do saber e dos meios de comunicação, os quais ajudaram a realçar a liberdade do corpo, privilegiando-se a qualidade de vida. Começou a aparecer uma distinção mais nítida entre o espírito e a matéria e entre o masculino e o feminino, diferenciando-se o corpo de

homens (aspeto dominador, detentor da razão) e o de mulheres (objeto de prazer, papel reprodutor e de mãe, preocupação com a beleza).

2.4.4. A Opressão da Mulher segundo Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX

Para estes dois marxistas (Livro de Engels, com anotações de Marx, “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, 1884), a luta contra a opressão da mulher é parte da luta contra a exploração dos trabalhadores.

Eles entendiam que, nas sociedades pré-históricas, os papéis do homem e da mulher obedeciam à lei da produção e da reprodução na vida do quotidiano. A parte doméstica era entregue à mulher. Cada filho tinha vários pais e mães pois as mulheres tinham vários parceiros sexuais e o homem várias mulheres. Essa poligamia passou depois à monogamia já no Neolítico (10.000a. C. – 4.000 a. C.) - um homem para uma mulher e vice-versa.

Nessa sociedade primitiva a mulher tinha um papel igual ao do homem, era livre e respeitada. Durante a poligamia, os bens ficavam, por herança, na linha materna, alterando-se, na monogamia, para a linha paterna, dando lugar ao aumento de riqueza do homem e ao seu predomínio, incluindo sobre os filhos.

Assim, com a passagem da ginecocracia (ascendência social da mulher) para o patriarcado (domínio do homem), ou seja, com a queda do direito materno, surgiu a derrota do sexo feminino e, conseqüentemente, a opressão e a exploração da mulher, agora frágil e simples instrumento de reprodução através do sexo. O homem é o burguês, a mulher é a proletária.

Como se viu atrás, com a divisão do trabalho familiar o homem passou a procurar os alimentos e a ser o dono dos instrumentos de trabalho e a mulher dona dos utensílios de casa.

Para Marx e Engels, os modos de produção que se seguiram – feudalismo e capitalismo – continuaram a opressão sobre a mulher que é escrava do lar e objeto sexual.

A mulher na sociedade capitalista é explorada, ganha menos que o homem e trabalha mais do que devia, apesar de ter que ir trabalhar em casa depois do trabalho na fábrica.

A situação de opressão da mulher só desaparecerá, segundo Marx e Engels, quando o homem e a mulher tiverem direitos iguais, o que só se pode alcançar numa sociedade sem classes, com o poder acima da mesma sociedade – o Socialismo.

2.4.5. A Mulher e a sexualidade segundo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)

Para o filósofo alemão Hegel, é o homem que dedica a sua vida real ao Estado e à ciência e, pelo trabalho, também enfrenta o mundo exterior, enquanto a mulher se realiza no amor e na moral da família. O amor é, para Hegel, a lei própria da mulher, oposta à lei do Estado, e é nessa oposição que se individualizam a feminilidade (mulher) e a virilidade (homem). Só através da monogamia é que se dá a união interior pela dádiva completa entre o homem e a mulher.

Porque é a personalidade própria infinita dos dois sexos que, na entrega recíproca, produz o casamento, não deve este ser realizado dentro do círculo em que a identidade é natural e os indivíduos são, em toda a sua particularidade, parentes uns dos outros e não têm a sua própria individualidade. Assim, deverá o casamento realizar-se entre famílias separadas e personalidades originalmente diferentes. O casamento entre parentes opõe-se, portanto, ao princípio que o estabelece como uma ação moral livre e não como uma união imediata de indivíduos naturais apenas baseada em instintos sexuais, o que o transformaria num contrato sem regras onde não entram os conceitos de razão e liberdade e de amor, este entendido espiritualmente, isto é, um amor consciente.

O casamento, no entender de Hegel, é consumado com a reprodução e a criação dos filhos e esta criação solidifica essa instituição pelo relacionamento entre eles e os pais, transformando a família numa só entidade, numa só pessoa, em que os seus membros são acidentes, mas que existem na família como membros e não como pessoas em si. Sai, assim, do casamento, um sentido de união reprodutiva (propagação da espécie) e o envolvimento de uma geração na criação e no bem-estar da geração que se lhe segue.^{137, 138}.

Depreende-se, do exposto, que Hegel vê o casamento apenas consagrado entre um homem e uma mulher, em amor e união íntima e espiritual e que, portanto, só o casamento heterossexual seria apropriado para a propagação da espécie, dentro dos seus conceitos de direito, de amor e de liberdade.

É interessante notar que Hegel, na sua obra “Princípios de Filosofia do Direito”, cita o filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) em termos que apresentam a

¹³⁷ Hegel, G.W.F., (1997), Princípios da Filosofia do Direito, Livraria Martins Fontes, Capítulos 161-169, pp. 150-157, São Paulo, Brasil

¹³⁸ Miranda, M. L., (2016), Sobre os Papéis do Homem e da Mulher no Conceito de Família da Filosofia do Direito de Hegel, In Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia, Brasil, v. 13, n. 1, Junho/2016/www.ufrb.edu.br/griot. Nota: Marloren Lopes Miranda é doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, como bolsista CAPES

mulher com características perversas. Fichte é referido por Hegel como indicando, na sua obra “Direito Natural” (I, parágrafo 16), acerca da escolha dos reis, o texto de Deuteronomio, Capítulo 17, da Bíblia, como se segue: *Nas suas leis, Moisés não prevê qualquer alteração das instituições para o caso em que o povo reclamasse um rei. Limita-se apenas a impor ao rei a obrigação de que não sejam demasiado abundantes a sua cavalaria, as suas mulheres, o seu ouro e o seu dinheiro.* Na verdade, o texto completo da parte de interesse (Capítulo 17.17 do Deuteronomio) é o seguinte: *Guarde-se, também, o rei de ter muitas mulheres para que o seu coração não se perverta, e que acumule igualmente ouro e prata em excesso*^{139, 140}.

Assim, Fichte omite a expressão do Deuteronomio *para que o seu coração se não perverta*, o qual denota características de baixa moral nas mulheres que poderiam perverter o rei.

2.4.6. A Sexualidade segundo Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Ao contrário de Freud, que retira o sujeito do centro, tornando o homem mais próximo de si próprio, Nietzsche busca o lugar do corpo no próprio corpo, na vida, nos sentidos e, portanto, no desejo e na sexualidade. E vai mais longe ao afirmar que a moral cristã provoca a divisão entre o homem e o seu próprio corpo, com o pecado da sexualidade de permeio, e pondo de lado os instintos vitais ao criar e dar superioridade à alma trazendo, portanto, fealdade ao corpo e, portanto, à sexualidade

Para Nietzsche, os ascetas, ao renunciarem ao prazer da carne, criam uma moralidade que nega a verdadeira vida do homem na Terra, na esperança de um gozo espiritual num Além imaginário, desconhecido, irreal.

Ficou célebre a sua frase: *Há mais razão no teu corpo do que na própria essência da tua sabedoria*¹⁴¹.

2.4.7. O Papel da mulher na sexualidade segundo Umberto Eco

O escritor e filósofo italiano Umberto Eco (1932-2016), nas suas cartas ao Cardeal Carlo Maria Martini (1927-2012), introduzia algumas questões de interesse relacionadas com a sexualidade da mulher, como se segue:

¹³⁹ Hegel, G.W.F., (1997), *Princípios da Filosofia do Direito*, Livraria Martins Fontes, 1ª edição, Terceira Parte, p. 248, São Paulo, Brasil

¹⁴⁰ Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, Dt, 17-15-17, p. 199, Lisboa

¹⁴¹ Neves, H., (2004), *Ausência e presença do corpo na cultura ocidental: o corpo (des) apropriado*, In “Corpo, intimidade e poder”, Manifesto, p. 73-74, Lisboa

- O nono mandamento proíbe que se deseje a mulher do próximo, porém a Igreja nunca proibiu a mulher de desejar o marido de outra mulher
- Cristo sacrificou-se tanto pelos homens como pelas mulheres
- Cristo privilegiou mulheres que o seguiram (Maria Madalena e Marta são bons exemplos)
- A mulher foi o único ser humano que não foi atingido pelo pecado na concepção de Jesus
- Cristo apareceu primeiro às mulheres e não a homens depois da ressurreição corporal, portanto parece claro que Cristo quis indicar que não negava a igualdade dos sexos, ou, antes, que não colocava a mulher em posição subalterna em relação ao homem.
- Se o sexo masculino fosse superior ao feminino, por que permitiu Deus que nascessem mulheres no mundo?¹⁴².

2.4.8. Influência do Feminismo no século XX

Os conceitos feministas dos meados do século XX (1960-70) passaram a complementar as mudanças culturais e sociais já que, até aí, o dualismo masculino/feminino era apenas visto no aspeto biológico e sexual, isto é, nas distinções fisiológicas do género. Mesmo sabendo das desigualdades sociais e injustas entre os homens e as mulheres, estas nunca tiveram o apoio da Igreja, pois foram sempre consideradas o símbolo do pecado.

A mulher de hoje já ocupa posições de relevo nas áreas da cultura e da política. No entanto, há ainda muito trabalho a fazer para se chegar a uma completa igualdade de direitos em relação ao homem, neste mundo desigual marcado ainda pela poder do capitalismo, para que a mulher possa dar o seu contributo livre aos requisitos da família, da comunidade e da sociedade.

Em artigo publicado na revista portuguesa “Visão” de 10 de Março de 2011, o sociólogo Professor Boaventura de Sousa Santos expõe o problema da dominação sexual sobre a mulher, focando os pontos seguintes:

- Mesmo nos países ocidentais em que a igualdade dos sexos foi alcançada, continua a persistir a cultura patriarcal
- Tal cultura existe também em culturas islâmicas e indígenas

¹⁴² Eco, H, Martini, C. M., (1999), *Em que creem os que não creem*, Editora Record, Rio de Janeiro, Brasil

- O Feminismo reconhece a existência da discriminação da mulher e que se deve lutar para que a mesma seja eliminada
- O patriarcado tem apoio na Bíblia e no Corão e tem estado a servir o capitalismo e o colonialismo
- O livro “Novas Cartas Portuguesas”, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, trouxe a lume a prática patriarcal que sustentava a guerra colonial nas antigas colónias portuguesas
- Em Portugal houve, em 2010, 43 mulheres vítimas de violência doméstica
- Na cidade de Juarez, no México, foram assassinadas, nos últimos anos, 427 mulheres operárias de fábricas
- Em vários países de África continua a mutilação genital da mulher
- Em caso de acidente, uma mulher no Irão é avaliada em metade do preço de um homem para efeitos de seguro e a mulher adúltera pode ser apedrejada até à morte
- Quando se diminuem as despesas sociais do Estado, quem mais sofre é a mulher
- Muitos se esquecem que quem cuida de menores, idosos e doentes é normalmente a mulher
- Porque a mulher não consegue trabalhar e ao mesmo tempo cuidar do lar e famílias, Portugal tem uma das taxas de fecundidade mais baixas do mundo
- A escritora inglesa Virgínia Woolf (1882-1941) deu a seguinte resposta a um pedido de ajuda financeira para a guerra, denunciando o papel inferior da mulher: *Como mulher, não tenho país; como mulher, não quero ter país; como mulher, o meu país é o mundo inteiro*
- Não se faz caso da luta pela igualdade das mulheres no Egipto, na Índia e em África, incluindo as mulheres islâmicas e as palestinianas

Muitas mulheres importantes se têm manifestado filosoficamente contra a cultura patriarcal. São exemplos: a filósofa política alemã, nacionalizada americana, Hanna Arendt (1906-1975), a escritora e filósofa francesa Simone Weil (1927-2017) e a filósofa e economista marxista polaco-alemã Rosa Luxemburgo (1871-1919).

A emancipação da mulher tenta romper com esta dicotomia homem superior/mulher inferior, com a diferenciação entre o papel exclusivo do homem e a submissão da mulher ao domínio do homem, implantado pela Igreja e apoiado pelas forças capitalistas.

O feminismo tenta acabar com o silêncio da mulher violentada em estupro ou incesto e com a desonra saída de julgamentos de homens não condenados com o argumento irracional de que estava em causa a honra masculina.

Por tudo isso, a mulher não deseja abdicar da sua identidade como ser colaborante da criação da vida no Universo e luta por conquistar um lugar digno e condicente com o seu papel responsável de esposa, mãe e gestora do lar.

2.4.9. O Erotismo, Mística e Sensualidade segundo G.Bataille

Georges Bataille (1897-1962) foi um escritor, poeta e filósofo francês que viveu uma vida de frequência noturna de bordéis e escreveu sobre o erotismo. Ainda jovem frequentou, por impulso religioso, um Seminário Católico que abandonou sem ter terminado qualquer curso. O seu primeiro livro erótico “História do Olho” foi publicado em 1928. A vida noturna acentuou-lhe a tuberculose. Em 1957 é publicado o seu famoso trabalho “O Erotismo” por Éditions de Minuit, aqui sinteticamente abordado com base na versão de 1987, da Editora L&P do Brasil. Em 1961, um ano antes da morte, publicou o seu mais consagrado livro erótico, “As Lágrimas de Eros”. Com dificuldades financeiras, foi ajudado no fim de vida por amigos como Picasso e Miró¹⁴³.

“O Erotismo”¹⁴⁴ de Georges Bataille, é uma obra filosófica que propõe analisar o erotismo como uma característica da vida interior do homem. Bataille começa a introdução do livro por afirmar que “o erotismo é a aprovação da vida até à morte”, fórmula que, não sendo uma definição, transmite, melhor que qualquer outra, o sentido de erotismo, pois uma definição tradicional obrigaria a partir da atividade sexual de reprodução – de que o erotismo é uma forma particular - da qual apenas o homem extrai atividade erótica. Para além disso, o autor afirma que procura a unidade do espírito humano, desde a sua harmonia sagrada até à sensual e que a sua pesquisa na busca de tal harmonia não se pode valer da ciência porque esta estuda questões isoladas, com trabalhos especializados, e aqui tenta-se o estudo do ser humano, o qual abrange vários aspetos, como o trabalho, a morte, etc.¹⁴⁵.

Pontos considerados importantes na análise da obra de Bataille:

¹⁴³ Bataille, G., (2017), O Erotismo, Porto Editora, Porto

¹⁴⁴ Bataille, G., (1987), O Erotismo”, L&PM Editores S/A, com tradução de António Carlos Viana, 177 páginas, Porto Alegre e São Paulo, Brasil

¹⁴⁵ Bataille, G., (1987), O Erotismo, L&PM Editores, 1987, p. 7, Porto Alegre e São Paulo, Brasil

- Os homens são seres descontínuos, pois são separados uns dos outros por enormes diferenças (descontinuidades), nascendo e morrendo sós, isto é, estando isolados uns dos outros (se um morrer, não é um outro que morre)¹⁴⁶.
- A reprodução sexual consegue trazer uma passagem da nossa descontinuidade à continuidade; o espermatozoide e o óvulo, que se encontram no estado elementar dos seres descontínuos, unem-se, estabelecendo, a partir do seu desaparecimento (como seres descontínuos) uma continuidade ao formarem um novo ser. Este novo ser é descontínuo mas vai, por seu turno, contribuir para uma nova continuidade através de nova reprodução, e assim por diante. Para entender estas ações temos que ver os seres por dentro, a sua natureza ou existência interior e não apenas o seu aspeto exterior.

Temas principais abordados por Bataille na sua obra:

O erotismo na experiência interior: O erotismo está no interior do homem já que, ainda que ele procure fora de si um objeto de desejo, tal busca responde a um desejo interno, típico do homem e não do animal, já que este não se apercebe dos efeitos da mesma sexualidade. O homem escapou à animalidade através do trabalho, passando da sexualidade animal para a sexualidade escondida (erotismo) a partir do Paleolítico Superior (homem atual, 40.000 a. C – 10.000 a. C.)¹⁴⁷.

O interdito ligado à reprodução: As imagens de falos eretos deixadas pelos primeiros homens dos nossos dias (*Homo sapiens sapiens*), do Paleolítico Superior, revelam o seu interesse pela atividade sexual. Naturalmente, a violência da atividade sexual poderia perturbar o trabalho e, por isso, teve, certamente, que ser limitada com proibições (interditos), já que o tempo de trabalho por si só não bastaria.

A afinidade da reprodução e da morte: Santo Agostinho considerava que os órgãos sexuais eram obscenos e, portanto, também o era a função de reprodução. (“nascemos entre fezes e urina”, dizia Santo Agostinho).

A transgressão: “Não matarás” é o mesmo tipo de proibição que “não desejarás a mulher do próximo” ou “não haverá relação sexual antes do casamento”.

O excesso sexual e a morte: Quanto mais se exerce o prazer sexual menos se pensa em ter filhos. A seguir ao orgasmo há uma tristeza final que pode conduzir ao gosto

¹⁴⁶ Bataille, G., *O Erotismo*, obra citada, p. 11

¹⁴⁷ Bataille, G., *O Erotismo*, obra citada, p.p. 20-26

imaginado da morte, porém a angústia da morte e a própria morte encontram-se no polo oposto do prazer. A essência do erotismo está na ligação secreta do prazer sexual com a proibição, mas o prazer não surge sem o sentimento de proibição. É por isso que, no homem, a atividade sexual, em especial se realizada em excesso (plethora) é fundamentalmente uma transgressão.

A transgressão no casamento: No casamento, a sexualidade é, em princípio, legal, já que as regras (da Igreja) permitem a relação sexual apenas depois do casamento. Há uma espécie de transgressão no casamento pois o primeiro ato sexual, ainda que aprovado, constitui uma violação, pois tem algo de cruel, de desumano, sobretudo nas virgens.

O Cristianismo e a transgressão: A religiosidade opunha-se ao espírito da infração, já que o divino estava na base da continuidade, através do amor entre os seres humanos. Porém, o Cristianismo não podia evitar o pecado, a transgressão, ou o Diabo que, expulso para o mundo profano, deixou apenas a pureza no mundo divino. A Igreja prometia a morte pelas chamas a quem pecasse; não evitava a existência de Satanás mas atingia-a com o suplício. Separou-se o lado mau e a parte divina passou a ser o domínio do sagrado.

O objeto do desejo - a prostituição: No mundo animal, o odor da fêmea, os cantos e a exibição é que atraem o macho. No mundo dos humanos a atração dá-se pelo erotismo, por exemplo na nudez feminina. A mulher é o objeto de atração sexual do homem, provocando a este o desejo. A prostituição provém da atitude feminina. A mulher provoca a atenção do homem com a sua beleza e com os seus adereços, por vezes mostrando a sua nudez, anunciando a proximidade da fusão entre os dois seres. Até mesmo ao esquivar-se ou ao fingir desinteresse, a mulher não nega a exposição do homem ao desejo. Na prostituição, o fingimento desaparece, ficando apenas os adornos. Fora do Cristianismo, o carácter religioso do erotismo aparece a descoberto, com domínio da vergonha. Na Índia, ainda hoje existem figuras eróticas talhadas nas pedras das paredes de alguns templos e que não são mais do que a representação da parte sagrada ou divina no erotismo. A sagração do erotismo ajudou a Igreja a reprimir o mesmo ao queimar as bruxas e não o fazendo às prostitutas, mas serviu-se da degradação da prostituição para acentuar o seu carácter pecaminoso.

A beleza: A prostituição oferece um objeto de beleza ao desejo. Mas a beleza é subjetiva pois varia com o gosto dos apreciadores. Quanto mais distantes dos animais estão o homem e a mulher, mais belos se tornam. A beleza humana opõe, na união dos corpos, a pureza humana à animalidade dos órgãos sexuais. Bataille introduz a visão de Leonardo Da

Vinci sobre a oposição da fealdade e da beleza do modo seguinte: *O ato da relação sexual e os órgãos sexuais que usamos são tão feios que, se não tivéssemos a beleza dos rostos, o enfeite dos parceiros e o impulso incontido, a Natureza perderia a espécie humana.* A beleza da mulher torna menos chocante a brutalidade animalésca do ato sexual.

Mística e Sensualidade: Nessa abordagem, Bataille menciona a revista “Etudes Carmélitaines”, cujo diretor, o padre Bruno de Sainte-Marie, começa por questionar se não será o medo da sexualidade que origina a prática da privação dos prazeres sexuais, conhecida por “continência”; a sua resposta é “tenho a certeza que não”. Há quem defenda que a união sexual revela uma união superior, divina, como é o caso do Padre Luois Beirnaert em “La signification du symbolisme conjugal” que assevera que a influência da ciência e da tecnologia transformaram a união sexual em ato eminentemente biológico, mas deveria ter um significado sagrado (puro), representando a união de Deus com a humanidade, como era entendido inicialmente. O Diabo está próximo de Deus para o mundo cristão e o pecado é uma proibição religiosa e, do lado do paganismo, a proibição é o sagrado, concluindo que o simbolismo conjugal dos místicos (pessoas que acreditam ser possível a comunicação entre o homem e a divindade e que, por isso, se dedicam à busca do mistério) não tem significado sexual; a união sexual nega que haja horror à impureza¹⁴⁸.

A análise de Bataille sobre o misticismo é complementada com a visão do Padre Tesson (Sexualité, Morale et Mystique) que afirma que a moral é quem governa a vida mística e sublinha que a sensualidade está conforme com os propósitos de Deus: “duas forças de atração nos levam a Deus: a sexualidade que faz parte da natureza humana (criada por Deus) e a mística, que vem de Cristo”; o exercício da atividade sexual, apenas autorizado no casamento, não é, nem um pecado, nem tem valor medíocre e, no casamento, os prazeres da carne são indicativo de amor entre o homem e a mulher, ligados para sempre. Há, portanto, uma harmonização da sexualidade com a vida.

2.4.10. A sexualidade científica segundo Michel Foucault (1926-1984)

No século XVIII as pessoas discutem e escrevem sobre o sexo, analisando-o e pesquisando-o sob o aspeto racional e não apenas moral. Sente-se a necessidade de se iniciarem estudos sociais sobre a população, a natalidade, a fecundidade, a alimentação e a saúde, o desejo de o sexo ser abordado por estudos sobre casamentos e nascimentos.

¹⁴⁸ Bataille, G., O Erotismo, obra citada, pp. 144-145

A Medicina começa a analisar as perversões sexuais através do estudo das doenças do sistema nervoso e da psiquiatria. A partir do século XVIII, o corpo da mulher passou a ser estudado medicamente e classificado como sendo um corpo carregado de sexualidade e relacionado com o espaço da família. Surge a definição de sexualidade periférica, sendo exemplos a neurose genital, a degenerescência e o desequilíbrio psíquico, o que provocou um abrandamento no julgamento dos delitos e se passasse a acreditar um pouco mais na Medicina no respeitante a sexualidade.

Foucault é de opinião que foi o sexo e as suas ligações entre o homem e a mulher que fizeram nascer o mecanismo do casamento, o qual deu origem ao surgimento das linhas de parentesco, das heranças e dos nomes de família, portanto um sistema em que há ligações à economia e à transmissão das riquezas. A família passou a ser o suporte social, sendo os cônjuges os agentes da sexualidade. Por seu turno, a sexualidade encontra apoio exterior nos médicos, professores, religiosos e psiquiatras.

No século XX, a sexualidade conjugal passou a ter mais tolerância e menos rigor da lei, inclusive nas relações antes do casamento e nas relações extra-conjugais. A Psicanálise e demais estudos médicos passam a apoiar a sexualidade nas relações conjugais, especialmente no que se refere à satisfação do desejo e a gerir o sexo no homem e na sociedade, em busca de mais saúde, mais longevidade e mais apurada descendência.

Hoje pode falar-se mais abertamente de sexo e prestar-lhe atenção, de forma a que o homem possa ter o desejo de o possuir e de o descobrir mais profundamente¹⁴⁹.

Ainda segundo Foucault, devido à condenação do sexo, o Cristianismo quase nos fez detestar o corpo. Hoje, depois de tanta luta contra as restrições e proibições, ama-se mais – porque se conhece melhor – essa entidade misteriosa mas real que é o sexo e, portanto, o corpo a ele ligado.

¹⁴⁹ Foucault, M., (1999) *História da Sexualidade – I - A Vontade de Saber*, Edições Graal, 13ª Edição, pp. 64-71, Rio de Janeiro, Brasil

Capítulo 3. O Caso Particular da Prostituição

A prostituição é uma prática muito antiga que continua presente na sociedade, apesar da liberdade sexual atingida na década de 1960. Hoje, no chamado pós-modernismo, a prostituição continua a ser um problema da humanidade, já que se busca a consumação do prazer acima de todos os outros valores humanos e sem tomar em conta a preocupação do amanhã. A prostituição é uma atividade em que há a troca de sexo por dinheiro ou por favores. Normalmente é causada pela pretensão de a mulher obter elevação social ou por necessidade financeira. O homem procura, em circunstâncias várias, prostitutas para consumir o prazer sexual.

Na Pré-História não há sinais de prostituição da maneira como a conhecemos nos nossos dias – troca de favores sexuais por dinheiro – até porque não havia a concepção do pecado sexual e havia poligamia.

Nas primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito, as sacerdotisas dos templos eram consideradas sagradas e prostituíam-se para benefício da produtividade e fertilidade da terra e das colheitas.

Na Grécia Antiga, as prostitutas comuns, normalmente estrangeiras, livres ou escravas, podiam trabalhar profissionalmente nas ruas de certos bairros ou em casas de prostituição. Havia também na Grécia as cortesãs acompanhantes de homens a reuniões de trabalho e que podiam incluir favores sexuais.

Na Idade Média, uma vez que era vedada, pela Igreja, a relação sexual que não fosse para reprodução, os homens recorriam a prostitutas. O amor cortês, idílico e secreto, nasceu no século XI como reação aos costumes feudais dos casamentos por interesse económico e político e proliferou no século seguinte. Considerava-se que o casamento não deveria ser obstáculo à liberdade de amar, pois a paixão é inerente à natureza humana.

Depois da Reforma no século XVI, tanto a Igreja Católica quanto a Protestante continuaram a opor-se rigorosamente à prostituição que, em consequência, passou à clandestinidade. Porém, as damas da corte dos reis continuavam uma prostituição de nível elevado.

As raparigas que serviam de modelo aos pintores franceses do século XIX não se opunham a oferecer-se sexualmente, quer por momentos quer por algum tempo, como, por exemplo, no caso do pintor Pierre-Auguste Renoir que tinha atração por essas profissionais; elas trabalhavam quase todas como costureiras, no bairro de Montmartre, bairro onde Renoir também vivia.

Nos finais do século XIX têm início os primeiros movimentos internacionais contra a exploração da mulher. A Organização Internacional do Trabalho da Sociedade das Nações foi criada em 1919 e esforçou-se pelo aumento dos direitos da mulher no local de trabalho. Em 1921 foi criada uma comissão para tentar resolver o problema do tráfico de mulheres e crianças; em 1946, a ONU adotou um convénio para eliminar a prostituição.

A prostituição revelou-se mais crítica depois da epidemia de SIDA surgida nos anos 1980, a qual se espalhou a homens, mulheres e crianças. Ao atingir as prostitutas, o mal passava para os seus clientes. Por isso, era impossível os governos esquecerem que existia prostituição.

Ainda que haja nesta pós-Modernidade - de predominância do consumo, das novas tecnologias de comunicação, de satisfação pessoal e de conforto humano - maior libertação da sexualidade, incluindo a prática mais aberta do homossexualismo masculino e feminino, verifica-se que o ser humano continua, mais do que nunca, insatisfeito, buscando novos prazeres, novo gozo material, incluindo práticas de prostituição que incluem aspetos orgíacos e aberrações ou anormalidades não consentâneas com a Natureza criadora. Tais práticas pendem para a perda de afetos e para a diminuição das ligações de amizade e de amor entre os seres humanos, cada vez mais distantes uns dos outros, sempre na procura de mais e mais variado prazer carnal, cada vez mais narcisistas e individualistas e, por consequência, mais afastados do cerne da espiritualidade; daí aos conflitos entre seres humanos, entre regiões e entre nações vai um pulo de reduzido alcance.

Recentemente, alguns países ocidentais aceitaram adotar medidas para deixarem de considerar a prostituição como um crime, tendo esta prática sido legalizada em países como a Holanda, a Alemanha, a Noruega e a Dinamarca. Nos Estados Unidos continua a ser ilegal. Em Portugal e na maior parte da Europa o sistema abolicionista considera que a prostituição é uma prática que deve ser erradicada e que, para esse efeito, as prostitutas precisam de ser ajudadas.

3.1. Prostituição ritual e religiosa

As primeiras civilizações da História estabeleceram-se na região do Médio Oriente por volta de 3.500 a. C., na Mesopotâmia, entre o rio Tigre e o rio Eufrates, zona que fez parte do chamado “Crescente Fértil”, por ter a forma de Quarto Crescente da Lua e por ser fertilizada pelas cheias dos rios Tigre, Eufrates e Nilo. Aí habitaram os sumérios, os acádios, os babilónios e os assírios. A prostituição era comum nesses povos e não há

testemunhos de que tenha sido moralmente censurada. Uma prática característica da cultura da Mesopotâmia era a chamada prostituição ritual, cultural, ou sagrada, exercida por mulheres que dedicavam a sua atividade sexual à deusa da fertilidade (Inanna da Suméria, Istar dos Acádios e Asparte dos Fenícios ou Sidónios).

As fontes utilizadas pelos historiadores sobre tais práticas na antiguidade têm sido 1) fontes orientais sumérias que dão informações sobre as sacerdotisas, que podiam estar envolvidas nos ritos sexuais; 2) relato do historiador grego Heródoto (485 a. C.- 425 a. C.) sobre as mulheres do templo da deusa Milita (Babilónia), escrito no século V a. C.¹⁵⁰; 3) relato de Génesis da Bíblia sobre Tamar e Judá¹⁵¹.

Os templos incluíam anexos que funcionavam como bordéis, onde tais mulheres tinham relações sexuais com quem as procurasse, representando essas relações uma comunhão com a divindade referida, para obter os seus favores com vista à fertilidade, quer dessas mulheres, quer do casal, quer ainda das culturas agrícolas e até de animais. Associava-se tal prática às festividades do Ano Novo¹⁵². Pelas relações sexuais, as prostitutas sagradas recebiam um pagamento, o qual era oferecido à deusa da fertilidade ou ao templo.

¹⁵⁰ Relato de Heródoto: *A instituição mais indecorosa dos babilónios é a seguinte: todas as mulheres habitantes da região devem ir a um templo de Afrodite uma vez na vida e ter relações sexuais com um desconhecido. Muitas delas, orgulhosas da sua opulência, consideram indigno misturar-se com as outras mulheres e vão até às proximidades do templo em carruagens cobertas, em cujo interior permanecem, com numerosos serviçais à sua volta. Na sua maioria, as mulheres agem da maneira seguinte: ficam sentadas no recinto de Afrodite com uma coroa de corda na cabeça. Há uma multidão delas, umas chegando, outras saindo, e são estendidas cordas em todas as direções no local onde as mulheres ficam à espera dos homens, para que estes possam circular e as escolham. Depois de uma mulher se sentar naquele sítio, não voltará à sua casa antes de um estranho lhe haver lançado dinheiro nos joelhos e de ter relações sexuais com ele fora do templo. Lançado o dinheiro, o homem tem que dizer as palavras seguintes: 'Chamo-te em nome da deusa Milita (nome que os assírios davam à deusa Afrodite). O montante em dinheiro pode ser qualquer um, e a mulher nunca tem o direito de o recusar, porque esse dinheiro torna-se sagrado; ela segue o primeiro homem que lhe atira dinheiro sem o rejeitar. Depois de ter relações sexuais com tal homem, ela volta para casa, pois terá cumprido as suas obrigações sagradas para com a deusa Milita; depois não será possível seduzi-la, por mais dinheiro que se lhe ofereça. As mulheres belas e bem proporcionadas não demoram a voltar para suas casas; as feias, porém, esperam muito tempo sem poderem cumprir a sua obrigação imposta pelo templo e há algumas que ficam lá durante três e até quatro anos. Em certos lugares da ilha de Chipre existe um costume praticamente idêntico a este.*

¹⁵¹ *Vendo-a, Judá pensou que fosse uma prostituta, pois tinha o rosto coberto. Aproximou-se dela no caminho e disse: 'Deixa-me ir contigo'. Judá não sabia que era a sua nora. Ela perguntou: 'O que me darás para vires comigo?' Judá respondeu: 'Mandar-te-ei um cabrito do meu rebanho'. Ela replicou: 'Está bem; mas vais deixar uma garantia comigo até mandares o cabrito'. Judá perguntou: 'Que garantia queres?'. Ela respondeu: 'O anel de selo, o teu cordão e o cajado que tens na mão.' Judá entregou-os e foi com ela, deixando-a grávida. Tamar levantou-se, tirou o véu e vestiu novamente o traje de viúva... Três meses depois, disseram a Judá: 'A tua nora Tamar prostituiu-se e está grávida por causa da sua má conduta'. Então Judá ordenou: 'Trazei-ma e que seja queimada viva'. Quando a agarraram, ela mandou dizer ao sogro: 'Estou grávida do homem a quem pertencem este anel de selo, este cordão e este cajado'.... Tamar teve gémeos... (Génesis, 38, 15-28, Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, pp. 53-54, Lisboa*

¹⁵² McKenzie, J. L., (2011), Dicionário Bíblico, Editora Paulus, pp. 684-685, São Paulo, Brasil

Há autores que dão crédito ao relato de Heródoto, visto que ele foi testemunha ocular de tal atividade. No entanto, outros autores, como Gerda Lerner¹⁵³, afirmam que a prostituição sagrada nunca existiu, com o argumento de que historiadores como Heródoto poderiam ter confundido o ritual anual das mulheres assírias com as atividades das prostitutas da Babilónia e que poderia ter havido traduções erróneas da terminologia clássica.

Para além das referências indicadas para a prostituição sagrada, há também na Bíblia outras indicações sobre o mesmo tema, confirmando a prática dessa atividade, neste caso em Israel, e principalmente no seio dos Cananeus, como é o caso dos números 18 e 19 do Capítulo 23 do Deuteronomio, que abrange prostitutas e prostitutos: *Entre os israelitas não haverá prostituta sagrada, nem prostituto sagrado. Não leves a casa de Javé teu Deus, como cumprimento de um voto, o salário de uma prostituta sagrada, nem o pagamento de um prostituto sagrado, porque os dois são abomináveis para Javé teu Deus*¹⁵⁴.

3.1.1. Prostituição e prostitutas referidas na Bíblia

Nota: as referências referidas nos exemplos abaixo indicados são citadas da Bíblia Sagrada, Edições São Paulo, Lisboa, 1993, sendo o número das páginas indicado entre parêntesis.

Juízes, 16, 1 (p. 301): *Sansão foi a Gaza, viu ali uma prostituta e dormiu com ela*
Reis, 3,16 (p.389): *Duas prostitutas foram ter com o rei Salomão e apresentaram-se*¹⁵⁵.

Provérbios, 29,3 (p. 902): *Quem ama a sabedoria alegra seu pai, mas quem frequenta prostitutas desperdiça os seus bens.*

Mateus, 21, 31-32 (pp. 1346-1347): *...Pois eu garanto-vos: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vós no Reino do Céu. Porque João veio até vós para vos mostrar o caminho da justiça e não acreditastes nele. Os cobradores de*

¹⁵³ Lerner, G., The origin of Prostitution in Ancient Mesopotamia, The University of Chicago Press: Signs, vol.11, Nº 2, 1986 (In Batista, K. F., (2011), O Debate Historiográfico acerca da Ideia da "Prostituição Sagrada" no Antigo Crescente Fértil, Revista Vernáculo, nº 28, 2º sem, Brasil)

¹⁵⁴ Bíblia Sagrada, (1993), Deuteronomio, Edições São Paulo, p. 201, Lisboa

¹⁵⁵ Esta passagem bíblica refere-se à sabedoria do Rei Salomão, que decidiu com justiça na contenda entre uma mulher e outra pela posse do filho vivo. Prova-se aqui que, apesar de serem de condição inferior às outras mulheres, as prostitutas eram toleradas pela sociedade ao ponto de serem recebidas pelo Rei (Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 254, Lisboa)

impostos e as prostitutas acreditaram nele. Vós, porém, mesmo vendo isso, não vos arrependestes para acreditar nele.

1ª Carta de São Paulo aos Coríntios, 6, 15-17 (p. 1551): *Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo para os fazer membros de uma prostituta? Claro que não! E vós não sabeis que aquele que se une a uma prostituta forma com ela um só corpo? Pois assim está na Escritura: 'Os dois serão uma só carne'. Ao contrário, aquele que se une ao Senhor forma com ele um só espírito.*

Oseias 1,2 (p. 1237): *Javé disse a Oseias: 'Vai, toma uma prostituta e gera filhos da prostituição, porque o país se prostituiu, afastando-se de Javé. Então Oseias foi e tomou Gomer, filha de Deblaim. Ela ficou grávida e deu-lhe um filho.*

3.2. Prostituição por razões de sobrevivência económica

A prostituição é conhecida desde o Período Neolítico da Pré-História e, apesar das mudanças nas relações de género, na evolução das instituições sociais, nos patamares da própria sexualidade e do (ainda que incompleto) progresso na posição social da mulher, essa prática continua ativa nos nossos dias.

Durante a Revolução Industrial do século XVIII, as mulheres eram tratadas como inferiores ao homem no trabalho das fábricas e muitas tiveram que se prostituir para angariarem melhores condições.

Por outro lado, o capitalismo desenfreado dos nossos dias, em que se busca, sem olhar a meios ou a fins, mais dinheiro e mais poder, desagua em desigualdades abismais entre as classes sociais – ricos cada vez mais abastados e pobres a empobrecer. As necessidades económicas batem à porta dos menos favorecidos, incluindo as mulheres que, para obviar aos dispêndios normais de alimentação e de custos de renda de casa e criação de filhos, se dedicam a meios de vida menos lícitos ou menos recomendáveis, como é a prostituição.

Há várias causas para a entrada de mulheres na prostituição. Uma investigação etnográfica recente, levada pessoalmente a cabo, na cidade do Porto, pela Professora Alexandra Oliveira, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, revela que as prostitutas tornam-se profissionais do sexo devido a diversas situações profundamente marcantes que provocam mudanças radicais na sua vida. Entre tais situações, a autora dá os seguintes exemplos:

- Divórcio, prisão do marido, expulsão do seio familiar ou perda de emprego. Muitas destas situações ocasionam perdas financeiras que se agravam no caso de existirem filhos, surgindo o trabalho sexual como opção importante para refazerem a sua vida, muitas vezes a conselho de amigas
- Fuga a uma continuada violência familiar, que poderá ser violência conjugal ou por parte dos pais, e que poderá envolver agressões físicas, psicológicas ou sexuais
- Conhecimento pessoal de outras mulheres que se prostituíram, nas quais viram vantagens económicas ou sociais
- Toxicodependência em zonas pobres ou degradadas das cidades, que obriga a gastos elevados de dinheiro na compra da droga. A toxicodependência pode ter lugar antes da entrada na prostituição ou depois e pode ter sido forçada por redes de tráfico
- Pretensão de independência em relação aos maridos por vários motivos, que resultam em necessidade de meios financeiros de sobrevivência
- Dificuldades económicas ou falta de emprego, em especial no caso de estrangeiras que imigram no país. Há casos em que as estrangeiras emigram dos seus países já determinadas a praticarem a prostituição noutro país que lhes pareça financeiramente mais vantajoso para o efeito¹⁵⁶.

3.2.1. A Vida das prostitutas nos dois últimos séculos

Ainda segundo Alexandra Oliveira, mencionada no número anterior, os familiares de uma prostituta podem rejeitar a sua atividade, ou respeitá-la sem reservas ou ainda aceitá-la por razões económicas. No início do século XX, os companheiros das prostitutas, que tinham sido, na sua maioria, compreensivos com a atividade das mulheres que se prostituíam, mudaram a sua atitude, passando a ser proxenetas (“chulos” ou “azeiteiros”, na gíria popular), isto é, exploradores das suas companheiras; no entanto, no final desse século XX voltou-se à situação em que eles se tornaram companheiros dedicados, quer no aspeto afetivo quer na ligação sexual.

Pelo mesmo estudo, agora, neste início do século XXI, aqueles companheiros que não auferem qualquer rendimento aceitam confortavelmente o trabalho sexual da mulher sem se considerarem proxenetas; os poucos que continuam a ser proxenetas exploram, obviamente, as companheiras. Por outro lado, os companheiros que trabalham são

¹⁵⁶ Oliveira, A., (2011), *Andar na Vida – Prostituição de Rua e Reação Social*, Edições Almedina, pp. 182-207, Coimbra

complacentes com o trabalho de prostituição das mulheres porque, com os rendimentos dos dois membros do casal, têm vida mais desafogada. Nestes casos, as relações amorosas são normais, existindo amor, ternura e, claro, também zangas normais, com respeito mútuo, e muitas vezes os maridos até vão ao local de trabalho buscar a mulher. No entanto, sempre que a prostituição é considerada vergonhosa no seio familiar, esta atividade é escondida da família ou de parte dela¹⁵⁷.

Com os clientes, a motivação das prostitutas é diferente pois, em regra, torna-se apenas maquinal, como se se tratasse de um qualquer ofício que traz o ganha-pão para si e para a família. O trabalho das prostitutas portuguesas de rua é independente, considerando-se a maioria delas como mulheres autónomas. É por isso que preferem angariar os clientes na rua, onde negociam o preço, a duração e o tipo de relação sexual.

As estrangeiras têm uma grande probabilidade de serem exploradas, normalmente pelas organizações que as trazem dos países de origem e as tratam como se fossem suas reféns¹⁵⁸.

Há três sistemas legais concernentes à prostituição:

- O Proibicionismo, que vigora em poucos países, como os EUA e a China, em que a atividade da prostituição é considerada um crime, e é punida por lei, a qual inclui a prostituta e a dona do prostíbulo; neste caso, o Estado é detentor da decisão moral, decidindo o que a pessoa pode ou não fazer com o seu corpo.
- O Abolicionismo, que existe em Portugal, no Brasil e na maior parte da Europa, em que, embora a prostituição seja tida como um mal a erradicar, as prostitutas são vistas como vítimas de coação, exploração ou tráfico e precisam de ser ajudadas. Nesta situação, quem é punido é o explorador.
- O Regulamentarismo, em que a prostituição é vista como uma profissão que deve ser regulada como qualquer outra profissão. É a situação legal na Holanda, onde a prostituição está sujeita a um regime especial.

Alexandra Oliveira defende, em entrevista ao Jornal de Notícias de 30 de Agosto de 2009, a criação do regulamentarismo em Portugal, pelo que a atividade da

¹⁵⁷ Oliveira, A., (2011), *Andar na Vida – Prostituição de Rua e Reação Social*, Edições Almedina, pp. 160-162, Coimbra

¹⁵⁸ Oliveira, A., (2011), *Andar na Vida – Prostituição de Rua e Reação Social*, Edições Almedina, p. 141, Coimbra

prostituição deveria ser regulada através dos meios legais normais, isto é, pelo Estatuto Nacional das Profissões. Tal regulação colocaria as prostitutas em pé de igualdade com outras profissões, garantindo-lhes acesso a pedidos de empréstimos para compra de habitação, subsídio de desemprego, proteção civil nas ruas, reconhecimento social e defesa profissional por sindicato próprio que agora não existe. Note-se que, apesar de haver um sistema proibicionista nos EUA, nem por isso a prostituição daí desapareceu¹⁵⁹.

3.2.2. Como as prostitutas de rua amam e tratam os seus filhos.

A maioria das prostitutas de rua são mães. O seu amor pelos filhos é superior ao que sentem por todos os que as rodeiam e muitas vezes é pelos filhos que elas aceitam a vida de prostituição, para que nada lhes falte e tenham uma boa educação, como que transportando para os filhos os seus sonhos pessoais não realizados. Muitas vezes os seus filhos estudam e completam o ensino superior, enchendo-lhes a alma de alegria por verem o seu esforço realizado na descendência; outros só completam os estudos básicos e arranjam empregos compatíveis com as suas habilitações.

As prostitutas são muito possessivas, considerando os seus filhos como sua propriedade pessoal, e não autorizam a interferência de mais ninguém, reagindo com revolta quando as assistentes sociais se intrometem, friamente, na vida delas, para lhes retirarem os filhos com vista a possíveis adoções. Na sua maioria, elas consideram que os filhos são a sua maior realização pessoal¹⁶⁰.

3.3. O escândalo português do caso “Ballet Rose”

O escândalo sexual chamado “Ballet Rose” abalou Portugal nos anos 60 do século passado, envolvendo pessoas do mais alto nível do país e do Governo de Salazar: nobres, políticos, grandes industriais, empresários, pessoas muito importantes do Regime do Estado Novo e até um conhecido padre da Igreja Católica. A pobreza na altura era grande e a prostituição proliferava; a necessidade de sobrevivência para fazer face à vida fazia com que o número de prostitutas de rua aumentasse.

¹⁵⁹ A prostituição é uma escolha, Jornal de Notícias, 30 de Agosto de 2009

¹⁶⁰ Oliveira, A., (2011), *Andar na Vida – Prostituição de Rua e Reação Social*, Edições Almedina, pp. 156-157, Coimbra

Grande parte vivia na miséria económica, mesmo degradante, contrastando com a vida faustosa dos grandes senhores; estes usavam as prostitutas sem piedade, como se se tratasse de simples objetos destituídos de sentimentos, para satisfação maquiavélica dos seus desejos sexuais. Nesse tempo, as prostitutas de rua ou de pensões eram matriculadas e eram obrigadas a inspeção sanitária regular, mas mais tarde Salazar acabou com o negócio; a prostituição deixou de ser profissão controlada e, então, as ruas encheram-se de mulheres que se prostituíam sem controlo sanitário, vendendo o corpo por preços muito baixos.

O início da vida destas mulheres começou nas ruas da cidade de Lisboa (Rua das Pretas, junto ao Campo de Santana, Cais do Sodré e em outros bairros), aceitando os homens que lhes apareciam e lhes pagavam miseravelmente; muitas vezes, com dificuldade de pagar as suas contas diárias na drogaria, mercearia ou padaria, vendiam o seu corpo aos donos dessas lojas a troco de alguns escudos ou de produtos.

A vida destas prostitutas de rua era muito dura; as roupas que usavam para mostrar o corpo eram impróprias para taparem o frio e escaparem da chuva. Pagavam a maior parte dos seus proventos aos proxenetas que lhes deveriam servir de proteção mas que, muitas vezes, as maltratavam com bastante violência, exigindo-lhes mais trabalho para obterem mais dinheiro.

As filhas, nascidas muitas vezes de relações furtivas, não tinham oportunidade, nem ambiente, nem dinheiro, para brincarem com bonecas ou para estudar e acabavam, devido à miséria, por seguir a vida de prostituição das mães; muito frequentemente eram as próprias mães que lhes ensinavam o ofício. As prostitutas abortavam, por vezes, quando dispunham de algum dinheiro. Os sonhos não povoavam, salvo raras exceções, as mentes destas mães e filhas. Viviam num submundo em que apenas contava a atividade que lhes permitia sobreviver e não os vulgares sentimentos de união familiar, de amizade e de amor. Só conheciam o dever de servir os homens e de garantir o pão-nosso de cada dia.

Muito cedo essas crianças de 8, 9 e 10 anos começavam a ser desejadas pelos homens como algo raro. Era necessário acabar com a virgindade dessas jovens, pois elas eram consideradas mercadoria especial e os homens, quais abutres, esperavam para acabar com aquilo que as meninas tinham como único e mais precioso bem - a sua pureza.

Muitas vezes acontecia que algumas dessas mulheres, devido aos seus atributos de beleza, eram consideradas especiais e, por isso, eram escolhidas para fazerem parte dos grupos de raparigas que, em casas particulares dirigidas por prostitutas abastadas, eram aí expostas à prática da prostituição com homens escolhidos. Elas eram tratadas com

cuidados especiais, incluindo vestuário, adornos e pintura, a condizer com a nova condição de “senhoras finas”, como se pertencessem agora a um nível mais elevado da sociedade. Não deixavam de se prostituir, mas agora com um outro estatuto social¹⁶¹.

Estas casas eram frequentadas por indivíduos da alta-roda e muitos ligados ao regime de Salazar. Neste caso, as mulheres e as jovens praticavam uma prostituição que consideravam mais digna, porque haviam saído da rua e não ficavam dependentes do controlo, da violência e da exploração de proxenetas. Agora essas mulheres e meninas estavam sob a orientação e a governança das donas desses bordeis que, embora muitas vezes também prostitutas, eram abastadas e conseguiam manter um ambiente sossegado e recolhido. Estas donas de bordéis tomavam conta das atividades e, consoante o cliente escolhido, assim estipulavam os ganhos das profissionais da prostituição, após desconto da maior percentagem para si próprias. Muitas delas haviam sido amantes de clientes que agora se serviam das novas donzelas, e haviam sido encorajadas a abrir tais negócios para servirem os referidos clientes em ambiente recatado, longe do mundo vulgar de prostituição a descoberto nas ruas ou nas casas de prostitutas oficializadas.

As filhas das prostitutas eram frequentemente recebidas pela dona de casa, não por bondade, mas com o intuito de, num futuro próximo, serem conduzidas também para a prostituição, pois essas jovens tinham muito valor monetário. Elas eram bem pagas pelos clientes, a troco da sua virgindade, mas muitas vezes conseguiam enganar os clientes e a virgindade de cada criança era paga uma ou mais vezes como se fosse a primeira vez; para tal, as partes genitais eram humedecidas, inclusive pelas próprias mães, com sangue de coelho, para demonstrar ou certificar a sua pureza.

O negócio das virgens era o mais bem remunerado. Por tal facto tentava-se angariar o maior número de jovens, não se importando os homens que as meninas fossem pobres e sujas, pois eles prometiam lavá-las, perfumá-las, vesti-las luxuosamente, cuidar bem delas e pagar-lhes generosamente para que nada lhes faltasse e fosse cada vez maior o número de crianças a encher os prostíbulos, pois clientes não faltavam.

Os ilustres clientes pagavam o que fosse necessário para saciar os seus desejos; mandavam recrutar jovens nas aldeias e, aos pais pobres que tivessem filhas de tenra idade, era-lhes oferecido dinheiro, juntamente com a promessa de que as crianças passariam a ter as melhores condições para estudar e tirar um curso superior se assim o quisessem; eles prometiam que as raparigas frequentariam as melhores escolas e os melhores liceus ou até

¹⁶¹ Flores, F. M., et.al., (1998), *Ballet Rose – uma novela (a) moral*, Editorial Notícias, 2ª edição, pp. 15-45, Lisboa

terem aulas particulares, lições de piano e ensino de línguas estrangeiras. O que as moças tinham que fazer era apenas satisfazer os torpes e perversos desejos sexuais dos senhores.

Os homens que assim tomariam conta das jovens eram designados “padrinhos”, pelo luxo que lhes proporcionavam para as atraírem. Para além dos estudos, eles levavam-nas a passear de carro e ofereciam-lhes refeições nos melhores restaurantes da cidade.

Naquela época dos anos 60 do século passado, Portugal vivia momentos de austeridade, devido em grande parte ao peso financeiro e humano causado pelas guerras nas chamadas províncias ultramarinas, apesar de uma aparente acalmia política que o governo de Salazar conseguia disfarçar. A lei continuava a proteger os ricos e os poderosos, mas não conseguia esconder os problemas morais que a sociedade atravessava. Os “padrinhos” preferiam o prazer sexual sórdido e aberrante com as jovens e, perante a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis (gonorreia, sífilis, etc.), claramente preferiam – e tinham dinheiro para isso – sexo mais seguro com as virgens.

A libertinagem sexual continuava a grassar na sociedade portuguesa, passando a aumentar os casos de homossexualismo entre homens e mulheres e a procurar-se o prazer sexual fosse de que forma fosse.

O caso Ballet Rose acabou por ser investigado pela Polícia Judiciária portuguesa com muito cuidado e confidencialidade. A Polícia de Investigação e Defesa do Estado-PIDE-controlou a investigação desde o começo, pois estava envolvida muita gente importante do regime. Este escândalo veio a ser conhecido no exterior do país depois da morte, no Estoril, de um familiar da conhecida família Espírito Santo (nunca se soube se se tratou de homicídio ou suicídio) que era homossexual e que tinha ligações ao mundo do sexo.

Esse facto despoletou a divulgação de ligações envolvendo prostituição, sobretudo casos relatados de prostituição infantil e começaram a vir à tona nomes sonantes da política e do empresariado. Presumiu-se que o Dr. Mário Soares ou o Dr. Francisco Sousa Tavares estariam envolvidos na denúncia do escândalo, conforme publicado pelos jornais “L’Aurore” em França e mais tarde pelo alemão “Der Spiegel” e no inglês “Sunday Telegraph”, notícias aparentemente facilitadas pela oposição ao regime político português, de que faziam alarde aqueles dois políticos. Todo o mundo ficou a saber do escândalo sexual de menores em Portugal menos os portugueses porque os jornais do país estavam apertadamente sujeitos à censura.

Logo que Salazar começou a ver que o nome de Portugal estava a ser denegrido no estrangeiro, mandou controlar a investigação, obrigando os visados a porem termo ao escândalo; porém, como nesse processo estava envolvido o seu homem de confiança e possível futuro sucessor - o ministro de Estado José Gonçalo Correia da Oliveira - para além de membros da União Nacional, da Administração da Companhia Nacional de Navegação e até o dono do Casino do Estoril, Salazar determinou que a PIDE abafasse o escândalo. O caso acabou por ser levado a tribunal a título de envolvimento de pessoas em crimes por atentado ao pudor. No banco dos réus sentaram-se várias mulheres da vida e cerca de vinte homens das melhores famílias de Portugal. Apenas duas mulheres foram presas e os homens regressaram a suas casas sem condenação alguma por, alegadamente, não haver provas concludentes¹⁶².

Os políticos da oposição Urbano Tavares Rodrigues e Francisco Sousa Tavares foram presos e Mário Soares degredado para S. Tomé e Príncipe, com o argumento de que, com as revelações ao exterior, quiseram manchar o bom nome de Portugal.

É muito provável que Salazar tenha sempre tido conhecimento dos pormenores relativos ao escândalo Ballet Rose através da PIDE e que tenha receado que Portugal viesse a sofrer graves danos políticos com a dispersão das notícias sobre o escândalo. Já lhe bastava o quebra-cabeças da guerra colonial, sobretudo do ponto vista da política internacional; o seu receio veio a concretizar-se pois o regime que se pautava pelo moralismo - Deus, Pátria e Família - ficou muito fragilizado.

Nunca se chegou a saber quem era o padre ligado ao caso Ballet Rose. No entanto, sabe-se que o Papa Paulo VI se encontrou com esse padre em Portugal na sua visita em 1967 e foi muito severo para com ele. O padre foi enviado para um lugar de reclusão, ficando afastado da vida ativa. Para se poder dar início à série televisiva relativa a este assunto (Radiotelevisão Portuguesa, 1997) houve que se esperar pela morte de um sacerdote que se julga ter sido o padre envolvido no escândalo¹⁶³.

3.4. Prostituição de Luxo

3.4.1. Prostitutas Acompanhantes e de Contactos Secretos

A prostituição de luxo é normalmente praticada por mulheres bonitas e de corpo perfeito, com ligações à alta sociedade. A motivação principal destas mulheres é ganhar

¹⁶²Flores, F. M., et.al., (1998), Ballet Rose – uma novela (a) moral, Editorial Notícias, 2ª edição, p. 228 , Lisboa

¹⁶³ Jornal SOL, 18 de Março de 2018

dinheiro, mas há algumas que também buscam o prazer, escolhendo quem querem para a prática sexual. Muitas disponibilizam-se a ser acompanhantes de homens de negócios nas suas deslocações profissionais.

Poucas destas prostitutas de luxo funcionam por anúncios em jornais e através de sítios na Internet; a maioria estabelece contactos com os clientes pelo telefone, com o número mantido secreto; é uma rede fechada, em que ninguém sabe quem são as prostitutas ou os clientes. Os clientes são em regra homens de fortuna, da classe social alta, de profissões liberais ou gestores de empresas. As mulheres têm normalmente idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, pois acima dos 35 não têm procura.

Em entrevista do Jornal de Notícias, de 13 de Novembro de 2008, o investigador do ISCTE Bernardo Coelho referiu que algumas prostitutas de luxo lhe confidenciaram que trabalham para o sustento dos filhos, mas outras precisam do dinheiro para luxos, incluindo bons carros e tratamentos em SPA, para além de uma vida social de nível elevado. Algumas indicaram a Bernardo Coelho que têm prazer naquilo que fazem e até consideram que, no final dos encontros com os homens, concluíram para si próprias que deram satisfação a uma fantasia sexual. Conhecimentos de línguas são uma mais-valia, bem remunerada no serviço de acompanhantes.

O modo de pagamento varia e pode ser feito em dinheiro, mas muitas vezes o serviço é pago em obrigações de rendas de casa ou de prestações de carros. Muitos clientes referem que procuram estas mulheres para demonstrarem a sua masculinidade, outros para usufruírem de relações sexuais sem comprometimento, outros ainda para poderem fingir que estão a fazer uma conquista amorosa. Alguns homens acabam por se enamorar delas seriamente¹⁶⁴.

3.4.2. As Amantes dos Reis de Portugal

Grande parte dos reis de Portugal acabaram por ter uma vida dupla, devido à fragilidade dos seus casamentos reais, os quais lhes eram normalmente impostos; não eram uniões de amor, mas sim de conveniência, pois havia interesses entre estados, reinos ou países, que resultavam em alianças matrimoniais de natureza política.

Por via de regra, a rainha era protegida em caso de viuvez, assumindo o reino sozinha ou conjuntamente com os filhos legítimos. No caso de incapacidade da rainha em

¹⁶⁴ Mundo Secreto das prostitutas de luxo, Jornal de Notícias, 13 de Novembro de 2008

conceber um filho varão - que daria continuidade ao reinado - o casamento poderia ser anulado. A rainha tinha uma função social e política, cabendo à amante do rei o papel de o satisfazer sexualmente e até afetivamente, se necessário fosse. Apesar de as amantes serem escolhidas para dar prazer ao rei, os filhos nascidos de relações entre o rei e as concubinas eram, em regra, legitimados pelo monarca e considerados filhos bastardos. As escolhidas pelo rei podiam ser de baixa condição social ou da alta burguesia, escravas negras, concubinas, prostitutas ou cantoras líricas e, por vezes, damas do séquito da rainha.

Normalmente os reis assumiam os seus reinados muito jovens e a atração pelas mulheres era frequentemente intensa. A rainha não tinha uma vida fácil, pois proliferava à volta do rei um grande número de damas que, no desejo de verem melhorada a sua vida económica e social, tudo faziam para se tornarem amantes do rei e muitas o conseguiam.

D. Pedro I teve como amante D. Inês de Castro, tendo esta pertencido ao séquito de D. Constança (noiva de D. Pedro), e que acabou coroada rainha de Portugal. Inês de Castro e o seu amor por D. Pedro ficaram célebres no famoso soneto de Camões: *Estavas, linda Inês, posta em sossego/ De teus anos colhendo doce fruto/ Naquele engano da alma, ledó e cego....* Ficou famosa a decisão de D. Pedro em mandar arrancar os corações dos assassinos de D. Inês.

Na sua ligação a D. Fernando, D. Leonor Teles conseguiu, com astúcia, vir a ser rainha de Portugal, acontecimento que não foi bem visto pelo povo porque ela revelou ser uma mulher ambiciosa, cruel e adúltera, que não protegeu o bom nome de Portugal; mesmo depois do casamento, ela envolveu-se sexualmente com outros homens¹⁶⁵.

O reinado de D. João V foi um reinado atribulado, pois ele foi um rei que muito se envolveu em relações sexuais, mesmo antes do seu casamento com D. Maria Ana de Áustria. Tinha 15 anos de idade quando teve ligações amorosas com D. Filipa de Noronha, que mais tarde foi dama da rainha D. Maria Ana de Áustria. Rapidamente a rainha se apercebeu da vida extraconjugal do rei seu marido, pois era constante o assédio das damas da Corte que procuravam obter os favores do rei. Naquela época, era também normal haver vivências amorosas paralelas entre fidalgos e damas do palácio, muitas delas casadas. A corte estava cheia de amores ilegítimos e filhos bastardos.

A rainha, desejando, por um lado, pôr termo a essa vida descontrolada de amores ilegais na Corte, não abdicava, por outro lado, de participar nas festas que tinham lugar nos salões reais e nos bailes onde os dois sexos se juntavam, imitando o que se passava nas

¹⁶⁵ Lourenço, P. et al., (2011), *Amantes dos Reis de Portugal*, Editora A Esfera dos Livros, 8ª edição, pp. 64-84, Lisboa

outras cortes europeias. Em Portugal estranhava-se esta mistura de homens e mulheres nessa altura, pois era comum haver separação entre os dois sexos, tal como se passava nas igrejas.

Além do Paço Real, o Convento de Odivelas era lugar de amores ilícitos, sendo conhecido pela vida desregrada das freiras que aí recebiam frades, padres, poetas, músicos e fidalgos. Deste Convento saíram três filhos bastardos reconhecidos por D. João V: o infante D. António, filho da freira francesa Luísa Machado e que veio a ser doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra; D. Gaspar, filho da freira Madalena Miranda e que foi arcebispo de Braga; e D. José, filho de Madre Paula e que chegou a Inquisidor-Mor. Esses três filhos eram conhecidos como os “Meninos de Palhavã”, por terem vivido num palácio nessa zona, que então se situava nos arredores de Lisboa.

A atuação sexual dos Reis nos conventos é endereçada pelo escritor José Saramago, no livro “Memorial do Convento”, do modo seguinte (sintaxe do autor respeitada): *Agora sairão as freiras de Santa Mónica em extrema indignação, insubordinando-se contra as ordens de el-rei de que só pudessem falar nos conventos a seus pais, filhos, irmãos e parentes até segundo grau, com o que pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são causa os freiráticos, nobres e não nobres, que frequentam as esposas do senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria, que o faça D. João V, só lhe fica bem, mas não um joão-qualquer ou um josé-ninguém*¹⁶⁶.

A mais famosa amante de D. João V foi a freira Paula Teresa da Silva (1721-1768), do já referido Convento de Odivelas, mais tarde promovida a madre do mesmo Convento. D. João V não foi o seu primeiro amante, pois a freira Paula tivera como amante, antes do rei, D. Francisco de Portugal, 8º Conde de Vimioso. O rei enamorou-se perdidamente por Paula e consta que, para não a perder, prometeu ao Conde de Vimioso que lhe arranjará duas freiras à sua escolha em troca de Madre Paula. Madre Paula teve uma vida faustosa e tinha sobre o rei muito poder. Muitos iam ao Convento pedir os mais variados favores para ela interceder a favor deles junto do rei.

A última amante de D. João V foi uma atriz e cantora de ópera italiana, por quem o rei se enfeitiçou ao assistir a uma atuação teatral em Lisboa. O rei acabou por retirá-la do teatro, oferecendo-lhe aposentos faustosos. Este amor durou três anos. Com a doença de D. João V, esta sua amante italiana foi afastada da corte, não sem ter sido antes generosamente recompensada.

¹⁶⁶ Saramago, J., (2010), Memorial do Convento, Editorial Caminho, 47ª edição, Alfragide

Nos últimos oito anos até à sua morte, D. João V portou-se como um marido fiel e muito religioso. D. João V imitou sempre o Rei Luís XIV de França, tanto na vida extraconjugal - deu aos filhos bastardos o título de infantes – como na vida de opulência que se viveu no seu reinado, por força do ouro vindo do Brasil¹⁶⁷.

3.5.Prostituição Forçada durante a 2ª Guerra Mundial

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) os japoneses, com o argumento de que precisavam de aumentar a moral dos soldados e evitar doenças sexualmente transmissíveis, estabeleceram bordéis militares nos países que ocuparam, com mulheres raptadas ou seduzidas com falsas promessas de trabalho, vindas principalmente da Coreia, da China e das Filipinas. Eram as chamadas “Comfort Women” (“mulheres de conforto” ou “mulheres de alívio sexual”) que eram forçadas a submeter-se sexualmente aos soldados japoneses, desempenhando, segundo declarações do presidente da Câmara de Osaka Oeste, Toru Hashimoto, em Maio de 2013, um “papel necessário” para manter as tropas sem stresse. Em declaração conjunta, 25 mulheres da ilha japonesa de Okinawa e também mulheres da China e da Coreia do Sul protestaram contra as declarações do presidente Toru e demandaram um pedido público de desculpas. O governo japonês não se pronunciou sobre o assunto. Estima-se que entre 50.000 e 200.000 mulheres estiveram sob tais condições¹⁶⁸.

3.6. Violações Sexuais e Direito de Pernada

Operários, aprendizes, trabalhadores do campo e criadas estiveram – e em certa medida e em algumas zonas de Portugal ainda estão - sujeitos à dependência de senhores e patrões para conseguirem manter o ganha-pão. Na opinião do jornalista e investigador de História José Pacheco Pereira (1949 -), nos finais do século XIX e até à década de 50 do século XX, a miséria que grassava em Portugal e os baixos ordenados originavam abusos pelos patrões. O trabalho era vendido sazonalmente, quer no norte do país quer no Alentejo, e as necessidades alimentavam a prostituição. A violência sexual nas fábricas funcionava como uma forma de “direito de pernada”, e a violência sobre as mulheres era habitual, sendo tais violências aceites sem disputa. Só no princípio do século XX é que os

¹⁶⁷ Lourenço, P., et al., (2011), *Amantes dos Reis de Portugal*, Editora A Esfera dos Livros, 8ª edição, pp.183-194, Lisboa

¹⁶⁸ Mulheres exigem pedido de desculpas de autarca japonês, *Diário de Notícias*, 15 de Maio de 2013

sindicatos se começaram a organizar e surgiram as primeiras greves. Na década de 1960 a emigração fez melhorar a vida e o 25 de Abril estabeleceu legislação que veio trazer maior proteção os trabalhadores ¹⁶⁹.

Na mesma linha de Pacheco Pereira, a jornalista e escritora Clara Ferreira Alves (1956 -), em artigo publicado no Jornal Expresso, em 2017, passa em revista as dificuldades do povo português anteriormente ao 25 de Abril como, por exemplo, assistência médica deficiente ou inexistente, analfabetismo, agricultura de subsistência, etc., e relembra a violação de mulheres e raparigas e bem assim o “direito de pernada” que se praticava em Portugal ¹⁷⁰.

A prática de desfloramento de raparigas no Alentejo, antes de 1974, é referida por Urbano Tavares Rodrigues (1923-2013) no seu romance “Nenhuma vida”¹⁷¹, conforme se segue: *Alcides Caimão Proença era um típico grande agrário, soberbo, magnânimo na crueldade, que enviuvava cedo, entregando a sua filha única a uma ama, para que a criasse como menina rica, com muitos cuidados e carinhos. Ele, imperioso e brutal como era, não se coibia de desflorar as filhas dos seus criados da lavoura. Até violou por várias vezes um rapazito autista, de grandes olhos assustados, que vagueava pela calçada do monte, arrastando a sua miséria, trincando côdeas que lhe davam, filho de uma prostituta e de um cigano vadio.*

O “direito de pernada” terá nascido na Idade Média e seria protagonizado pelos senhores feudais que possuiriam o direito de dormir com a noiva de um trabalhador na primeira noite de casamento. Segundo o psicólogo e Professor Universitário Vítor Amorim Rodrigues, do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida -ISPA, o assédio sexual parece ter ligações com esta prática, no caso de empresários que utilizam a sua posição para beneficiar de favores sexuais por parte das empregadas, as quais a tal se sujeitam para não perderem o emprego ¹⁷².

O “direito de pernada” terá existido no Brasil no começo do século XX, conforme é relatado por Felipe Kuhn Braun, na página 58 do seu livro “História da Emigração Alemã no Brasil”¹⁷³: *Até ao começo do século XX, ainda era comum, ao menos entre os mais*

¹⁶⁹ Pereira, J. P., (2012), Viagem no passado por causa do presente, jornal Público, 22 de dezembro de 2012

¹⁷⁰ Alves, C. F., (2017) semanário Expresso, Lisboa, 18 de Março de 2017

¹⁷¹ Rodrigues, U. T., (2013), Nenhuma vida, Edições D. Quixote, p. 15 do primeiro capítulo, intitulado “Alentejo, antes de Abril. Caimão. Lela”, Lisboa

¹⁷² Rodrigues, V. A., Na Idade Média havia o Direito de Pernada, no assédio sexual é um bocadinho o mesmo espírito, Jornal Expresso, Lisboa, 14 de Novembro de 2017

¹⁷³ Braun, F. K., (2010), História da Emigração Alemã no Brasil, Editora Costoli, 2ª Edição, p. 58, Porto Alegre, Brasil

pobres e em determinadas regiões, o uso do vestido preto; branco, no máximo, o véu sobre a cabeça. Em Nova Petrópolis, até ao começo da década de 1930, muitas moças ainda casavam usando o preto. A explicação de muitas pessoas é que, pelas dificuldades financeiras, já na Alemanha, os ancestrais casavam assim, pois um vestido branco não poderia ser usado tantas vezes quanto o preto; dessa forma, devido à pobreza, o vestido de casamento seria usado pela noiva ainda por muito tempo após o casamento. Entretanto, a correta explicação, conhecida por poucos, remonta à Idade Média. Naquela época, a maioria das pessoas eram empregadas em terras dos senhores feudais, os chamados vassalos, que trabalhavam praticamente como escravos dos nobres. Nos feudos, principalmente do leste europeu, existia o direito à primeira noite, “ius primae nox”¹⁷⁴, vulgarmente conhecido como direito de pernada. Assim, o nobre senhor feudal tinha o direito de dormir com a noiva de seu vassalo, pela primeira vez, antes do casamento. Por isso, as mulheres casavam de preto, uma forma de luto pela atitude dos senhores feudais, em voga durante a época.

O referido “direito de pernada” é também atestado pelo médico e Professor Dr. David de Moraes, da Universidade de Évora, no seu livro “Senhores e Servas: Um Estudo de Antropologia Social no Alentejo da Primeira Metade do Século XIX”¹⁷⁵. Este autor atesta que o avô de um seu amigo ainda praticava tal direito nos princípios do século XX, nas suas propriedades do Alentejo, e acrescenta que o mesmo direito *parece ter tido origem na prostituição religiosa praticada na Antiguidade: inicialmente seriam os sacerdotes a desfrutar de tal privilégio, mas depois seguiram-se-lhes os reis-sacerdotes, os reis, os nobres e, por fim, os burgueses* e que *este direito consuetudinário dos nobres teria mesmo levado à sublevação de algumas comunidades ou povos, como terá acontecido na Judeia, no Piemonte, em Monferrat e noutros locais.*

Segundo David de Moraes, o direito de pernada também vigorou em França com o nome de “droit de jarnage” (Limousin, Bretanha e Alvernia) e só foi aí extinto por altura da Revolução Francesa (1789-1799). Em Portugal, não terá sido o referido direito instituído por usos e costumes, mas sim pelo abuso dos senhores das terras. As pessoas mais velhas ainda se lembram de, em Évora, serem desfloradas dezenas de raparigas nos grandes latifúndios, nos finais do século XIX e princípios do século XX e escritores como

¹⁷⁴ A expressão “ius primae nox” é apresentada por outros autores como “jus primae noctis” (Vide “Senhores e Servas” de J. A. David de Moraes, abordado de seguida)

¹⁷⁵ Moraes, J. A. D., (2003), Senhores e Servas: Um Estudo de Antropologia Social no Alentejo da Primeira Metade do Século XIX, Edições Afrontamento, Porto

Galopim de Carvalho, Júlio Vieira, Manuel da Fonseca, José Cutileiro e José Cardoso Pires, fazem referência a tais atos em livros por si publicados no princípio do século XX. José Cutileiro, no seu livro “Ricos e Pobres no Alentejo” (1977) afirma que as mulheres praticavam adultério, até cerca de 1960, na maioria das vezes com conhecimento dos maridos, por necessidades económicas¹⁷⁶.

O objeto do estudo de David de Moraes foi tratado entre 1977 e 1979, sendo publicado apenas em 2003. O autor conseguiu o relato, gravado em 1978, de factos ocorridos anteriormente, durante 38 anos, por uma velha criada, a que chama ficticiamente Josefa Fernandes, que recorreu ao Hospital de Évora para tratamento de doença prolongada. Josefa descreve, para a gravação feita pelo autor, as cenas entre ela e o patrão (Dr. Nuno Miguel, nome também fictício) que começaram por aquilo a que ela chama de “brincadeiras” (Páginas 103 e 104): *Nessa altura eu tinha uns treze ou catorze anos. Se nessa altura já havia coisas entre mim e o Sr. Dr.? Nessa altura eram só brincadeiras!... Brincadeiras... Começou a brincar por cima, a brincar por baixo – até que chegou onde ele quis!... Lembro-me, lembro-me muito bem da primeira vez que as coisas aconteceram entre nós. Eu tinha os meus catorze ou quinze anos. Bem, eu costumava ir muitas vezes ao quarto do Sr. Dr. Ele chegava e chamava-me: para eu lhe levar água fresca, para lhe abrir a cama – porque vinha cansado e queria descansar – e assim por diante. E depois eu ficava lá no quarto: brincadeira, brincadeira... Então, da primeira vez, ele fez-me sangue. Como apareceu sangue na cama dele, a minha mãe chamou-me: - Josefa, de quem é aquele sangue que está na cama do Sr.Dr.! – Eu não sei, mãe... Ele ouviu e disse, então, lá aquelas conversas a que a gente não sabia dar volta: - Olhe, foi a Josefa que, sem querer, me fez um arranhão numa perna e fez-me sangue...O sangue era meu!... Ele é que deu aquela desculpa à minha mãe.*

O Dr. Nuno usava o seu alto poder sobre esta criada – e, certamente sobre as outras amantes que mantinha ou sobre empregadas de apanha de azeitona e apanha dos cachos de uvas, ainda segundo relato de Josefa - o qual chegava ao ponto de ela aceitar as ordens do patrão para que ela não saísse à rua para não ser alvo de olhares, porventura por ciúmes¹⁷⁷. Ele tinha outra amante com casa posta na mesma terra e Josefa dizia que ele só não tinha as mulheres que não quisesse.

¹⁷⁶ Moraes, J. A. D., (2003), “Senhores e Servas: Um Estudo de Antropologia Social no Alentejo da Primeira Metade do Século XIX”, Edições Afrontamento, pp. 10- 30, Porto

¹⁷⁷ Moraes, J. A. D.,(2003), “Senhores e Servas: Um Estudo de Antropologia Social no Alentejo da Primeira Metade do Século XIX”, Edições Afrontamento, p. 112, Porto

As informações gravadas por David de Moraes foram-lhe mais tarde confirmadas por uma testemunha que trabalhou na mesma casa e que referiu outras amantes do Dr. Nuno.

Notas finais sobre o “direito de pernada”:

- David Moraes indica que o direito de pernada é tratado no filme “Braveheart” (Coração Valente ou Desafio do Guerreiro), estrelado e realizado por Mel Gibson. O filme retrata a figura histórica de William Wallace (desempenhada por Mel Gibson), guerreiro e nacionalista escocês da Idade Média (finais do século XIII, depois da integração da Escócia na Inglaterra), com o rei Eduardo I a humilhar o país; William percorre o mundo e regressa à sua amada Escócia e, depois de se apaixonar por uma rapariga camponesa, para fugir ao direito de o senhor feudal dormir com a noiva no dia do casamento (*primae noctis*), eles casam em segredo. A mulher acaba por ser morta por um nobre inglês e o viúvo vinga-se; comandando uma pequeno exército de camponeses, tem algumas vitórias mas, não tendo o apoio dos nobres, é torturado e executado publicamente¹⁷⁸.
- Em muitos feudos da Idade Média, os camponeses eram obrigados a obter autorização do senhor feudal para casarem, a qual envolvia o pagamento de uma taxa. Também a Igreja cobrava uma taxa para desobrigar os nubentes do período de três dias de oração antes do casamento.
- Vê-se, pelos exemplos acima expostos, que a mulher medieval estava à mercê dos senhores feudais, os quais não teriam necessidade de uma desculpa ou lei ou direito para violar as suas servas. Por isso, mais tarde, a “lei da pernada” foi usada como potente arma de arremesso contra a nobreza e, indiretamente o clero, que deixaria os senhores praticarem tal direito¹⁷⁹.

¹⁷⁸ *Braveheart - O Desafio do Guerreiro* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-05-09 12:50:22]

¹⁷⁹ Padden, K., *Jus Primae Noctis, Fact or Fiction?*, Today I Found - out –Feed your Brain, 9.9.2014

Capítulo 4. Perspetivas atuais sobre a Fé Católica e a Sexualidade

4.1. A Moral Sexual Católica

Por tradição, a moral cristã, que dita as regras para a vida sexual, provém dos Mandamentos da Lei de Deus (Êxodo, 20, 1-17 e Deuterónimo, 5, 7-21), em particular o 6º e o 9º mandamentos:

- 6º Mandamento: *Não cometas adultério*
- 9º Mandamento: *Não cobices a casa do teu próximo, nem a mulher do teu próximo, nem o escravo nem a escrava, nem o boi, nem o jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo*¹⁸⁰.

Destes dois Mandamentos ressalta o princípio da castidade nas palavras e nas obras, nos pensamentos e nos desejos, princípio este que hoje não se ajusta aos ditames da ciência atual; por outro lado, o impulso sexual não pode ser colocado antes dos conhecimentos adquiridos pela experiência, isto é, antes de se conhecerem os valores respeitantes aos aspetos sociais, culturais e biológicos e o historial da sua vivência e compreensão pelo homem¹⁸¹.

A Bíblia deixa ver a bênção de Deus ao amor e à sexualidade, com base nos textos seguintes em que assentam as bases primárias da moral sexual cristã e que foram já referidos anteriormente¹⁸²:

- Génesis (*Deus criou o homem à sua imagem; ... e criou-os homem e mulher. Deus abençoou-os e disse-lhes 'Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra'*)¹⁸³. Revela-se aqui o amor sexual necessário à fecundidade da procriação, à imagem da comunhão de amor provindo de Deus
- Cântico dos Cânticos (celebração do amor humano e do amor divino entre os esposos, sendo o amor humano manifestação do próprio Deus: *pois o amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão. As suas chamas são chamas de fogo, uma faísca de Javé!*)¹⁸⁴
- 1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios (indissolubilidade da união entre o homem e a mulher, marcando o vínculo do amor entre os esposos, como provindo de Deus

¹⁸⁰ Ex., 20, 17, Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, P.93, Lisboa

¹⁸¹ Cunha, P. J. T., (1993), Revista Humanística e Teologia, Editora da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, Lisboa, Pp. 164-167

¹⁸² Bedouelle, G., et al, (2012), A Igreja e a Sexualidade, Edições DNAO, pp. 18-27, Braga

¹⁸³ Gn 1., 27, Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p.13, Lisboa

¹⁸⁴ Ct8., 6, Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p.928, Lisboa

que criou o mesmo amor: *Estás ligado a uma mulher? Não te separe. ...A esposa está ligada ao marido durante todo o tempo em que ele viver...*)¹⁸⁵

- Santo Agostinho: as virtudes do casamento são a honrosa procriação dos filhos que é uma consequência natural do amor conjugal, a comunhão natural entre os dois sexos que ajudam a esbater as relações sexuais e a aumentar a fidelidade entre os esposos pela dádiva mútua do amor¹⁸⁶ É na Idade Média que a Igreja reforça a disciplina moral no matrimónio, incluindo sanções a cônjuges envolvidos em adultério e na aplicação da lei do celibato dos sacerdotes.

Entre os séculos VI e VIII, a Igreja refina os critérios morais do casamento através de concílios (incesto, concubinato, parentesco dos noivos, divórcio, etc.). Dos séculos XI a XIII (apogeu do Cristianismo) há mais controlo da Igreja sobre os casais e sobre a sexualidade.

Do século XVI ao século XX aumenta a secularização, com início na Reforma (mais liberalidade na vida sexual de acordo com a consciência dos esposos, sem obrigação de procriação como finalidade, possibilidade de dissolução do casamento – que já não é sacramento - em certas condições), a que deu resposta o Concílio de Trento, o qual não evitou a continuação de uma maior liberdade no casamento de que resultou o aumento dos casamentos civis em toda a Europa a partir do século XVIII. O absolutismo monárquico passou a querer controlar o casamento através de regras próprias. A Modernidade, desafiando a moral cristã, adaptou-se aos modelos sociais e valorizou o direito ao prazer e ao seu controlo pelos próprios indivíduos¹⁸⁷.

Como consequência das normas descritas, o sexo justificar-se-ia, até mesmo no matrimónio, pela fecundidade, isto é, apenas biologicamente, pelo que, por essa via, não era aceite o uso de contraceptivos. A este respeito, é caso para perguntar se, sendo o homem criado à imagem de Deus, como é que, no que respeita à sexualidade, o haveremos de ver apenas biologicamente, à imagem dos animais, que estiveram antes do homem na evolução?

Voltando aos Dez Mandamentos, verifica-se que, conforme foi referido anteriormente, a mulher é aí falsamente tratada como uma coisa passiva e não, como

¹⁸⁵ 1 Cor, 7,28 e 7,39, Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 1553, Lisboa

¹⁸⁶ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, pp. 18-27, Braga

¹⁸⁷ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, pp. 27-50, Braga

deveria ser, um ser humano sexualmente equiparado ao homem. As formas de moralizar a sociedade não se coadunam com essa posição inferiorizada da mulher.

Por outro lado, apregoando-se a castidade, a moralização da sexualidade não parece ser positiva porque, neste caso, moralizar faz-se apenas através da repressão do impulso sexual para se chegar à castidade; na verdade, na sexualidade quase tudo é proibido pela Igreja Católica, incluindo certas facetas do matrimónio, continuando a propor-se a virgindade ou a abstenção como objectivo ideal a atingir.

Acresce que a Igreja construiu uma ética da sexualidade assente na definição da moral do prazer, classificando-o de bom ou de mau, quando se sabe que a tradição cristã o tem considerado sempre mau.

A moralização da sexualidade entendida pela Igreja não assenta na Razão humana e é difícil de entender pela fé. De facto, a Bíblia coloca o homem (Adão) como um ser humano criado por Deus à sua imagem e semelhança, portanto, assexuado, ou seja, com a espiritualidade de Deus, mas com um corpo que Deus não tinha. Eva seria também uma imagem de Deus através da criação de Adão, ou seja, de um modo subordinado¹⁸⁸. Portanto, não será fácil introduzir moralidade onde, em princípio, não haveria uma sexualidade original.

A esse respeito, o teólogo Gregório de Nazianzo (Gregório de Constantinopla, 329 d. C.- 390 d. C.) é de opinião que a criação à imagem e semelhança de Deus se concretiza na abrangência de toda a primeira família humana, isto é, em Adão, Eva e seu filho Set, o que alarga o âmbito teológico, pois inclui todo o ser humano, isto é, espírito, alma e também o corpo, portanto uma descendência (Set) já através de masculinidade e feminilidade humanas, ou seja, através, pela primeira vez, de sexualidade. E apenas deste modo se pode chegar até Jesus Cristo, em comunhão com o Pai, através do corpo que Jesus possui. Para Gregório de Nazianzo, trata-se, portanto, do conceito trinitário de Pai, Filho e Espírito Santo, levando-nos a uma criação do homem – mortal e temporal - à imagem de Deus e por Deus e com Deus¹⁸⁹.

A Igreja rejeita os mitos para a explicação da sexualidade e adota a ideia consagrada na Bíblia de que *é de dentro, do coração dos homens, que brotam as intenções*

¹⁸⁸ Cunha, Pe. J. T., (1993), Revista Humanística e Teologia, Editora da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, 14, pp. 164-167, Lisboa. Nota: O Padre Jorge Teixeira da Cunha (1958-) é doutorado em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e antigo Reitor do Seminário Maior do Porto

¹⁸⁹ Cunha, Pe. J. T., (1993), Revista Humanística e Teologia, Editora da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, 14, p. 171, Lisboa

perversas (Mc, 7,15) recebendo a carne humana uma nova dignidade ao acolher Deus, pois o exemplo vem de Jesus que é homem santificado na condição do corpo. Além disso, a Igreja continua a considerar a relação sexual como válida apenas no matrimónio, tornando sagrado, por esta via, todo o ser humano, feito à imagem de Deus.

Contudo, é notório que a sexualidade ocupa um lugar fundamental e imprescindível nas sociedades humanas, visto que é por ela que os seres humanos – homens e mulheres – se continuam pela procriação, se tornam sociáveis e alcançam o divino pela ligação do amor.

Para além do mais, a sexualidade divina está expressa na beleza do Cântico dos Cânticos, que não deixa de chamar a atenção para a fecundidade retratada em Génesis, que requer a participação do homem e da mulher, em complementaridade e união de amor e sexo: *Abençoando-os, Deus disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra*¹⁹⁰.

A teologia católica vê a natureza da sexualidade cristã como fonte de moralidade, mas apenas na união sexual afetiva, originadora da criação da vida, ou seja a sexualidade também liga entre si a vida e o amor. Isto é, o ato sexual tem função procriadora, cimenta a união e a comunhão do corpo e da alma pelo matrimónio e ainda resulta em prazer, na aceção de perfeição divina.

Resulta do exposto que Deus é Deus, o homem e a mulher são criaturas de Deus que criam em nome de Deus, por isso a criação é confiada por Deus ao ser humano¹⁹¹.

4.1.1. O Concílio Vaticano II (1962-1965), a Encíclica *Humanae Vitae* (1968) e a Sexualidade

A moral está indubitavelmente vinculada à sexualidade. Por isso, torna-se necessário, nos nossos dias, levar em conta os trabalhos científicos e médicos sobre a sexualidade, incluindo a homossexualidade. A Medicina trouxe enormes avanços para a compreensão da sexualidade no respeitante à tentativa de eliminação de contágios de doenças sexualmente transmissíveis, o que se traduz, em parte, numa moralização da sexualidade. No entanto, continua a haver dificuldade em conjugar a sexualidade com a moral, apesar das conclusões emanadas do Concílio Vaticano II (1962-1965), em especial no concernente ao relacionamento da moral cristã com a ciência. Este Concílio, convocado por João XXIII, aspirava a mudanças e à renovação de alguns dogmas da

¹⁹⁰ Génesis 2,28, Bíblia Sabrada, (1976), Editorial Verbo, p. 12, Lisboa

¹⁹¹ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, pp.250-260, Braga

Igreja, ou seja à abertura da Igreja ao mundo real e científico. Como novidade, o Concílio passou a considerar, pela primeira vez, o matrimónio como “uma profunda comunidade de vida e de amor” e não mais como um contrato entre dois seres humanos; assim, a união carnal recíproca entre os parceiros “enriquece o amor transcendente dos esposos, realizando, ao mesmo tempo, a procriação”. No entanto, daqui se pode concluir que a Igreja questiona a diferença moral entre os meios naturais e os meios artificiais de limitação de nascimentos, isto é, os cônjuges poderem unir-se sem pensarem na procriação¹⁹².

Por outro lado, pontos que se esperava serem endereçados nas discussões do Concílio Vaticano II, para além da moral da sexualidade e da regulação dos nascimentos, como seja o acesso da mulher ao sacerdócio e o celibato dos sacerdotes, que poderiam ter sido apresentados pela Comissão Pontifícia nomeada para o Concílio por João XXIII (teólogos, médicos, sociólogos, economistas e quatro casais, num total de 51 pessoas), acabaram por não ser abordados, em parte porque João XXIII, o grande impulsionador de algumas dessas novas ideias, faleceu em pleno Concílio, em 3 de Junho de 1963. Dentro do próprio Concílio havia vozes que achavam imperioso discutir alguns desses problemas.

A Encíclica *Humanae Vitae*, promulgada por Paulo VI em 25 de Julho de 1968 - numa altura em que o mundo se manifestava a favor da liberdade sexual - continuou a rejeitar a contraceção e a reafirmar os argumentos do Concílio Vaticano II.

As críticas que foram feitas a esta Encíclica focam a sua visão restritiva ao centrar-se na moralidade do ato sexual, no respeito pelos ritmos normais de fecundidade da mulher, deixando de lado o valor personalista e humano, ou seja, esquecendo que o objetivo primeiro da moral sexual é a doação amorosa, que inclui a doação do corpo e o bem da pessoa, e não apenas a doação biológica¹⁹³. Apesar das decisões do Concílio Vaticano II e da promulgação da Encíclica *Humanae Vitae*, na prática, a grande maioria dos católicos continua a usar a pílula (nascida em 1960) e até a experimentar já os modernos métodos de procriação medicamente assistida.

Permanece, assim, na Igreja, o conceito de Santo Agostinho de que o prazer é um obstáculo à união conjugal, por isso deve ser reprimido para fazer enaltecer o amor espiritual. Esta conceção continuou até aos nossos dias, apesar de S. Tomás de Aquino a

¹⁹² Bedouelle, G., et al., (2012), *A Igreja e a Sexualidade*, Editorial Apostolado da Oração, pp. 105-106, Braga

¹⁹³ Bedouelle, G., et al., (2012), *A Igreja e a Sexualidade*, Editorial Apostolado da Oração, p. 111, Braga

ter tentado atenuar, considerando a união do homem e da mulher no âmbito de uma “comunidade de vida” que “floresce na geração e educação dos filhos”¹⁹⁴.

O Dr. Miguel Oliveira da Silva (Ginecologista e Professor de Bioética e de Ética Médica), afirma, na sua obra “A Sexualidade, a Igreja e a Bioética” (páginas 66 e 67), que 1) a Natureza está permanentemente em evolução, pelo que a evolução biológica humana ainda não terminou; 2) as mulheres não possuem todas um período ovulatório certo, pelo que é falível o método natural de conceção advogado pela Igreja Católica; e 3) a afetividade, a espiritualidade, o amor e a biologia fazem parte do conjunto da natureza humana, não só a biologia.

Apesar disso, Bento XVI, em 2008, volta a insistir na validade da Encíclica *Humanae Vitae* e a exaltar o sacrifício do casal.

A contestação à Encíclica continuou até aos dias de hoje por parte de setores intelectuais e até clericais¹⁹⁵.

4.1.2. A Nova Norma Moral Cristã sobre a Sexualidade

Na sua obra “Amor e Responsabilidade” (Lisboa, 1999), Karol Wojtyła (futuro Papa João Paulo II) refere o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) como formulando o seguinte princípio moral: *Age de tal modo que nunca trates outra pessoa simplesmente como um meio, mas sempre também como o fim da tua ação*. Tal princípio - afirma Wojtyła -, só pode conduzir ao amor entre os parceiros sexuais para se evitar que um deles seja utilizado como meio, instrumento ou objeto sexual.

O corpo, só por si – diz Wojtyła -, desperta o desejo de consumir o prazer sexual em vez de despertar o amor puro, espiritual, entre os parceiros. Por isso, a sensualidade e a afetividade só poderão contribuir para a solidificação do amor se não forem absorvidas pelo desejo da carne, o que não é fácil de conseguir. Karol Wojtyła é de opinião que a sensualidade e o desejo sexual não são pecado por si sós, constituindo apenas um germe do pecado, uma consequência do pecado original, e porque são, em si mesmas, um ato voluntário consciente. O apetite sexual transforma-se em pecado quando a vontade, mal orientada, se desvia do amor verdadeiro e se deixa tentar, atuando e transformando um ato normal em ato mau, isto é, quando passa a buscar apenas o amor carnal. É nisto que atua o

¹⁹⁴ Bedouelle, G., et al., (2012), *A Igreja e a Sexualidade*, Editorial Apostolado da Oração, pp. 102-103, Braga

¹⁹⁵ Silva, M. O., (2008), *A Sexualidade, a Igreja e a Bioética*, Editorial Caminho, pp. 57-99, Lisboa

livre arbítrio que por vezes não deixa ver adequadamente o amor e a felicidade que esse amor pode prestar aos parceiros sexuais¹⁹⁶.

Na área teológica e moral, há novas abordagens ao tema. John J. McNeil, na obra “A Igreja e o Homossexual” (1975) tenta provar que a proibição bíblica ao homossexualismo não é corroborada nem pela Lei de Deus nem pela Lei Natural e que o critério a utilizar para a análise do ato homossexual deverá ser a autenticidade do amor entre os parceiros e, neste caso, afirma que existem relações homossexuais moralmente aceitáveis e que podem levar tais parceiros a aproximarem-se mais de Deus. Por esta razão, McNeil diz que *a homossexualidade é de Deus, pois permite à sociedade que se assuma melhor, permitindo ainda que cada um aceite a sua parte de homossexualidade latente e assim possa melhor gerir as relações conjugais*.

O historiador americano John Boswell, na sua obra “As Uniões do mesmo sexo na Europa Antiga e Medieval” (1994), pretende demonstrar que, até ao século XIV, as sociedades da Europa terão aceitado as uniões homossexuais através de atos jurídicos e religiosos. Guy Bedouelle et al. são de opinião que se trata de erro de interpretação por parte de Boswell, resultante de releitura errada dos textos litúrgicos e da Bíblia, dando como exemplo a afirmação do mesmo Boswell de que haveria uma ligação amorosa entre David e Jónatas, conforme é relatado na Bíblia, em Samuel 2, 1.26¹⁹⁷: *Como sofro por ti, Jónatas, meu irmão! Como eu te queria bem! Para mim, o teu amor era mais caro do que o amor das mulheres*¹⁹⁸.

A 8 de Fevereiro de 1994, o Parlamento Europeu de Estrasburgo aprovou uma resolução a convidar os países membros a considerar que os casais constituídos por indivíduos do mesmo sexo sejam submetidos ao mesmo regime jurídico que os heterossexuais. Sobre o assunto, o Papa João Paulo II considerou que *o que não é moralmente admissível é a aprovação jurídica da prática homossexual. Ser compreensivos para com quem peca, para com quem não é capaz de se libertar dessa tendência, não é equivalente, na verdade, a diminuir as exigências da norma moral... ou a pedir que se legitime uma desordem moral... a comportamentos desviantes, não conformes com o plano de Deus* (Angelus, 20 de Fevereiro de 1994)¹⁹⁹.

¹⁹⁶Wojtyla, K., (1999), Amor e Responsabilidade, Editora Rei dos Livros, pp. 148-156, Lisboa

¹⁹⁷Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p. 237, Braga

¹⁹⁸Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 353, Lisboa

¹⁹⁹Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p. 238, Braga

A Igreja Católica é de opinião que o valor dos atos sexuais nasce do respeito pelo seu objetivo, que terá que respeitar a entrega mútua e a procriação em são amor, o que só se atinge pelo casamento heterossexual ²⁰⁰. Apesar da condenação da homossexualidade apoiada no juízo moral, a Igreja Católica, através da Declaração “Persona Humana”, de autoria da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, aprovada por Paulo VI e publicada a 29 de Dezembro de 1975, pede que o julgamento dos homossexuais seja analisado com compreensão, na esperança de que eles sejam capazes de superar as dificuldades e consigam a adaptação social. E a Carta aos Bispos acerca da pastoral referente às pessoas homossexuais, de 1986, recomenda que se preste atenção às descobertas científicas e que se procure distinguir entre pecado mau e pecado desordenado, isto para se poder fazer uma boa distinção entre tendência e práticas (condenadas) dos atos homossexuais²⁰¹.

Acerca da ordenação das mulheres para funções sacerdotais na Igreja, em entrevista coletiva realizada em 28 de Fevereiro de 2018 pelo Canal 2 da Radiotelevisão Portuguesa, em que participaram, com a coordenação do jornalista Luís Castro, a Professora Catedrática Isabel Allegro de Magalhães, da Universidade Nova de Lisboa, o Padre Jesuíta Francisco Mota, o Professor Paulo Mendes Pinto, Coordenador da Área de Ciências das Religiões da Universidade Lusófona e o Padre Anselmo Borges, Professor da Universidade de Coimbra e membro da Sociedade Missionária Portuguesa, este último afirmou o seguinte²⁰²:

1. A Igreja Católica é machista e misógina pois discrimina as mulheres, não estando na linha de Jesus; no entanto, as mulheres, não estando de bem com a Igreja, devem estar de bem com Jesus, pois Ele teve discípulos mas também teve discípulas, chegando a revelar que era o Messias a uma samaritana, que pertencia a outro povo e já ia no sexto marido. Além disso, São Paulo refere-se a uma Júlia, ilustre entre os Apóstolos.
2. Na afirmação de teólogos como o Cardeal italiano Carlo Maria Martini (1927-2012), o teólogo alemão Karl Rahner (1904-1984) e o Cardeal francês Yves Congar (1904-1995), não há impedimento teológico para colocar a mulher a presidir à Eucaristia, isto é, ordená-la como sacerdote. Neste aspeto, Anselmo Borges

²⁰⁰ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p. 239-240, Braga

²⁰¹ Bedouelle, G., et al., (2012), A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, p. 241-245, Braga

²⁰² Programa “Sociedade Civil (XIV), A Igreja do século XXI, Episódio 26, RTP2, de 28 de Fevereiro de 2018

assevera que *a Igreja Católica não pode pregar os direitos humanos aos outros, não os praticando no seu próprio seio.*

3. Na Revolução Industrial (século XVIII a século XIX), a Igreja Católica, apesar de ter uma doutrina social muito importante, perdeu os operários; a seguir perdeu os intelectuais, não acompanhando a evolução científica; depois, perdeu os jovens e, finalmente, corre o risco de perder as mulheres (por não lhes conceder o lugar a que têm direito).
4. Este e outros temas, como o celibato dos sacerdotes, deveriam ser tratados em um Sínodo ou “Parlamento” anual com a colaboração de religiosos e leigos.

Analisando o celibato dos sacerdotes à luz da moralidade sexual - uma questão muito discutida nos nossos dias – não se deve esquecer que a Bíblia admitia que houvesse sacerdotes casados. É o caso de Levítico, 21, 7-9 (p. 142): (Os sacerdotes) *não se casarão com uma prostituta ou mulher desonrada, ou ainda com mulher que tenha sido repudiada pelo marido, porque o sacerdote está consagrado ao seu Deus.... Se a filha de um sacerdote se desonra através da prostituição, desonra também a seu pai. Deve ser queimada.* No entanto, a Igreja Católica continua inflexível na manutenção do celibato dos sacerdotes.

Em artigo publicado em 16 de Fevereiro de 2018 no jornal Diário de Notícias, o conhecido Padre católico e teólogo Anselmo Borges (1944-), professor universitário na Faculdade de Letras de Coimbra, traz a lume as conclusões seguintes sobre este tema:

- Jesus e São Paulo foram celibatários, mas não obrigaram ninguém ao celibato.
- Já a partir do século IV, houve tentativas de impor o celibato aos clérigos, imitando o modelo dos monges (monaquismo) que, evidentemente, eram celibatários. Houve em muitas filosofias, concretamente na filosofia grega, concepções que levavam ao desprezo da matéria, do corpo e do prazer.
- Foi o Sínodo de Latrão (1059) que determinou a proibição do casamento aos padres. O clero revoltou-se, sobretudo na Alemanha, alegando que o papa não lera o que está no Evangelho de São Mateus 19, 12: *...há homens castrados, porque nasceram assim; outros porque os homens os fizeram assim, outros ainda castraram-se por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda*²⁰³.

²⁰³ Mt, 19, 12, Bíblia Sagrada, (1993), Edições São Paulo, p. 1343, Lisboa

- O papa, ao querer impor violentamente que se viva como anjos, opõe-se à natureza e favorece a luxúria; parece que o papa só quer anjos para o serviço da Igreja. Mas o papa Gregório VII, em 1074, confirmou a proibição, suspendendo os padres casados.
- Foi o Concílio de Latrão II (1139) que radicalizou a situação: o casamento dos padres, que era proibido mas juridicamente válido, foi declarado inválido: as mulheres tornaram-se concubinas e os filhos, escravos e bens da Igreja.
- Até à Reforma (século XVI), houve uma lei do celibato obrigatório que nem sempre era praticada. Evidentemente, com o celibato foi-se impondo a clericalização da Igreja e o centralismo romano. Foi no Concílio de Trento (1545-1563), que se ratificou o celibato obrigatório. Mas nem assim se chegou à universalização do celibato obrigatório do clero.
- Hoje, há cada vez mais vozes autorizadas a reclamar o seu fim, tendo sido a do cardeal Carlo Martini (1927-2012) uma das mais claras. Paulo VI fez grandes esforços nesse sentido. O próprio papa João Paulo II previa que o celibato terminaria, declarando quanto à sua abolição: "Sinto que acontecerá, mas que eu não a veja".
- Nas Igrejas orientais unidas a Roma, o celibato é opcional. Bento XVI recebeu na Igreja o clero anglicano casado. O Papa Francisco disse que a lei do celibato não é nenhum dogma e o cardeal Reinhard Marx (1953), que preside à Conferência Episcopal Alemã, declarou recentemente que a possibilidade de ordenar homens casados está na mesa de trabalho do Papa.
- Pessoalmente, Anselmo Borges está convicto de que essa possibilidade em breve será realidade, inclusivamente porque, por exemplo, na Amazónia, as comunidades cristãs, sem padres, também têm direito à celebração da Eucaristia.
- Não há uma relação de causa-efeito entre celibato e pedofilia. De facto, a maior parte dos casos de pedofilia dá-se na família, incluindo amigos próximos. Mas é bem possível que a educação dada nos Seminários e o celibato obrigatório levem a uma sexualidade por vezes imatura e distorcida.
- Seja como for - termina Anselmo Borges - o celibato deve ser opcional, pois a Igreja não pode impor como lei o que Jesus entregou à liberdade. Também se não entende como é que a Igreja continua a abandonar quem poderia dar uma ajuda prestimosa: mais de cem mil padres casados.

Também no aspeto da moral das relações pré-conjugais, a Igreja não mudou a sua doutrina, com o argumento de que as mesmas constituem um pecado, mas não explica as razões. Neste aspeto, reparamos que, no texto de “Cântico dos Cânticos” o amor é sentido entre seres solteiros, que até nem sequer falam em futuro casamento, isto é, as descrições eróticas são limitadas no tempo e não se referem a amor legítimo ou ilegítimo, mas simplesmente ao amor.

No concernente ao acesso aos sacramentos pelos recasados, o Papa Francisco, em entrevista dada a jornalistas a bordo do avião que o trouxe da Terra Santa de volta a Roma, e que foi noticiada pela Rádio Renascença a 27 de Maio de 2014, afirmou que o Sínodo da Família de 5 a 19 de Outubro de 2014 iria tratar de vários assuntos da família e não iria dedicar-se somente ao caso dos divorciados e recasados. Na já referida entrevista coletiva do Canal 2 na RTP, de 28 de Fevereiro de 2018, o Padre Anselmo Borges afirmou, sobre o tema dos recasados que, em face da misericórdia de Deus, e desde que sejam satisfeitas as exigências relativas ao primeiro matrimónio, nomeadamente a educação dos filhos, e ouvidas a comunidade e o pároco, esses católicos podem, no respeito pela consciência individual, ser readmitidos à comunhão.

Nietzsche, no respeitante à moralização da sexualidade, afirma que o lugar do corpo está na própria vida, nos sentidos e na sexualidade e que, portanto, a moral cristã provoca a divisão entre o homem e o seu próprio corpo. No mesmo aspeto, M. Foucault afirma que, devido à condenação do sexo, o Cristianismo quase nos fez detestar o corpo mas hoje, depois da luta contra as restrições e proibições, ama-se mais – porque se conhece melhor – essa entidade misteriosa mas real que é o sexo e, portanto, o corpo a ele ligado.

De facto, a secularização, acentuada na contemporaneidade, conduziu a uma aproximação entre o homem e a mulher apenas pelo amor, de que faz parte a sexualidade, os quais são de mais fácil e mais racional aceitação pelo ser humano. Na verdade, as múltiplas e rígidas regras impostas pela Igreja Católica afastaram o homem da moral ditada pela própria Igreja, que parecem contrariar os valores indicados por Deus na Criação – o corpo (criado por Deus) e o sexo (parte do amor) estão inquestionavelmente implícitos no ato da Criação. Mesmo Hegel refere que o casamento conduz à união interior e à dádiva completa entre o homem e a mulher que, por sua vez, leva à reprodução, a qual utiliza o corpo e o amor.

A Igreja parece ter perdido uma grande ocasião para se atualizar no que respeita à evolução da sexualidade e do pecado ao não endereçar estas questões no Concílio Vaticano

II. Assim, poderá concluir-se que a moral da sexualidade não deve só ser aplicada pela Religião pois o que nos absolve dos nossos erros é a determinação e a consciência de cada um de nós, sem pensar em bases religiosas; as confissões não eliminam o mal com as penitências; é a consciência humana que se reconcilia consigo mesma para evitar o mal e, portanto, o pecado. Pelas novas teorias da Bioética, a moral continua a ter um papel essencial na análise da sexualidade, quando conjugada na biologia e na ética²⁰⁴.

Sobre o tema da posição atual da Igreja, em geral, vale a pena ainda resumir os pontos de vista saídos do acima mencionado debate na RTP 2, em 28 de Fevereiro de 2018 sob o tema “Igreja no século XXI”: o Padre Anselmo Borges afirmou que a Igreja precisa de mais democracia, sendo preciso que viva em rede, pois a Igreja possui uma doutrina social fabulosa mas não acompanhou a Ciência; o Professor Paulo Mendes Pinto referiu que a Igreja Católica é o empreendimento mais antigo no mundo mas é conservador e não é coeso, apesar de ter passado por desafios (bens confiscados e extinção de ordens religiosas em 1836) e acrescentou que a Encíclica Rerum Novarum de 1891 é um bom texto mas saíu atrasado em relação às ideias socialistas, e finaliza com a afirmação de que a Igreja o que pode é perder a Europa pois, apesar de as paróquias estarem em decadência, os grupos jovens têm vitalidade; o Padre Francisco Mota afirmou que não subscrevia a opinião catastrófica do Padre Anselmo Borges sobre a perda de operários, intelectuais e jovens e estaria em risco de perder as mulheres, porque a Igreja pode ter passado por esses reveses no século XIX mas não hoje, em que está ativa em muitas áreas, como o trabalho dos missionários e o auxílio a refugiados, para além de estar presente na Educação e nas Letras; Isabel Allegro de Magalhães, em resposta ao coordenador do debate, expressou a opinião de que a Igreja só está a envelhecer na Europa, mas não em África e Ásia, e acrescentou que a Igreja precisa de reintroduzir o discurso evangélico de Jesus dos primeiros cristãos e deixar de criar códigos morais, como parece pensar o Papa Francisco, isto é, a Igreja precisa de pregar a compaixão, a misericórdia e a tolerância e ao mesmo tempo respeitar as diferenças, colocando-se na pele dos outros²⁰⁵.

4.2. Os Católicos nominais e a dissonância entre doutrina e *praxis*

Muitos católicos não praticam, na vida pessoal, familiar e social, o que é prescrito pela Igreja, particularmente no respeitante à moral sexual, por não estarem de

²⁰⁴ Silva, M. O., (2008), A Sexualidade, a Igreja e a Bioética, Editorial Caminho, pp. 101-168, Lisboa

²⁰⁵ “Igreja no Século XXI”, Canal 2 da RTP, 28 de Fevereiro de 2018

acordo com a mesma. Por exemplo, não assistem à missa dominical, não se confessam e não comungam conforme é determinado pela Igreja Católica. Assim, são só católicos de nome, não havendo conformidade entre a identidade religiosa que afirmam seguir e a prática dos seus deveres para com a fé que seguem.

O Papa Francisco vai mais longe sobre este tema. O jornal SOL, de 17 de Janeiro de 2017, defendeu que não vale a pena ir à Igreja se não se praticar os ensinamentos da Bíblia no dia-a-dia. O jornal cita o Papa ao dizer à população mais jovem de Guidonia, uma vila perto de Roma: *Se digo que sou católico e vou à missa, mas depois não falo com os meus pais, não ajudo os meus avós ou os mais pobres, não visito aqueles que estão doentes, o meu comportamento não prova a minha fé, não vale a pena (ir à missa) ...Aqueles que fazem isso não passam de papagaios cristãos... A fé cristã expressa-se de três formas: com as palavras, o coração e as mãos.*

No jornal *online* “Observador”, do dia 20 de Junho de 2015, foi publicado um artigo da autoria do Padre Gonçalo Portocarrero de Almada (Haia, Holanda, 1958-)²⁰⁶, no qual afirma que há muitos homens e mulheres que gostam de Jesus mas têm aversão à Igreja Católica, devido aos seus dogmas, leis, disciplina religiosa e exigências morais, para além dos escândalos que, infelizmente, sempre fizeram parte da história da Igreja. É que, há 2000 anos não havia Catecismo Católico, Código de Direito Canónico, tribunais eclesiásticos e excomunhões, isto é, para tais católicos deixou de haver a simplicidade original dos tempos de Cristo, a qual tem vindo a ser desvirtuada pela Igreja Católica. O Padre Portocarrero menciona a história de Paulo de Tarso que perseguiu cristãos e depois se converteu ao ouvir Jesus a questioná-lo: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*²⁰⁷. Portocarrero é de opinião que Saulo não perseguia Jesus, que já tinha morrido, mas a Igreja que, afinal, representa o seu corpo. Hoje, muitos católicos não praticam os ditames da Igreja por esta mesma razão: consideram-na longe das razões que estiveram na sua origem.

O jornal Diário de Notícias, de 16 de Abril de 2012, publica os resultados do Censo de 2011 sobre a pertença religiosa em Portugal e compara-os com os dados de 1999, do modo seguinte:

²⁰⁶ O Padre Gonçalo Nuno Ary Portocarrero de Almada nasceu em Haia, Holanda, a 1 de Maio de 1958. Licenciou-se em Direito na Universidade de Madrid (Complutense) e, posteriormente, doutorou-se em Filosofia pela Universidade Pontifícia da Santa Cruz, em Roma

²⁰⁷ Atos dos Apóstolos, 9, 3-9, Bíblia Sagrada, (1976), Editorial Verbo, p. 1247, Lisboa

- O número de não religiosos aumentou de 8,2% para 14,2% de 2001 a 2011 (razões apresentadas: convicção pessoal, desacordo com as doutrinas e com as regras das religiões)
- A religião católica diminui a sua percentagem de 86,9% para 79,5% (7,4%)
- As religiões cristãs não católicas foram as que mais cresceram, de 2,7 % em 1999 para 5,7% em 2011
- Deu-se um aumento de protestantes /evangélicos de 0,3% em 1999 para 2,8%
- Dos inquiridos, 22,2% disseram que discordavam das regras estabelecidas para a moral pelas igrejas e pelas religiões
- Dos que informaram não seguir nenhuma religião, 12,2% culpavam o mau exemplo dos religiosos

Uma sondagem internacional, levada a cabo em 12 países de maioria católica, pela estação de televisão norte-americana Univision (em língua espanhola), com entrevistas a doze mil pessoas, revelou que a maior parte dos inquiridos discorda da doutrina da Igreja sobre aborto, contraceção e celibato dos padres. Esta sondagem deixa ver que há um enorme fosso entre aquilo que a Igreja prega e aquilo em que acreditam e praticam os católicos.

Eis os resultados da sondagem:

- Os crentes africanos e asiáticos são mais conservadores em temas de doutrina do que os latino-americanos
- Os latino-americanos são mais conservadores do que os europeus no respeitante ao aborto e à possibilidade de casamento dos padres
- Os latino-americanos são mais liberais sobre o casamentos dos padres do que países como a Itália ou a Polónia
- Os católicos da Colômbia são contrários ao casamento entre homossexuais mas, neste aspeto, cerca de metade dos católicos do Brasil e da Argentina são a favor e a outra metade é contra.
- No aspeto global, 66% dos inquiridos estão contra o casamento dos padres, tal como pensa o Vaticano
- A República Democrática do Congo e o Uganda são em esmagadora maioria contra a união entre homossexuais (98% e 99%, respetivamente)
- A Espanha tem uma maioria de católicos a favor do casamento homossexual

- Dos católicos espanhóis, 78% defendem o uso de contraceptivos, contrariamente ao ponto de vista do Vaticano
- A maioria dos países da Europa e da América Latina recorre a contraceptivos
- A nível global, 65% dos católicos defende a autorização da prática do aborto pelo Vaticano (8% em todas as circunstâncias e 57% em certos casos)
- 75% dos Filipinos são contrários ao aborto
- Em França, 32% afirmam que deve ser a mulher a decidir se quer ou não interromper a gravidez
- A maioria dos católicos da Europa e dos EUA são a favor do fim do celibato dos padres, da ordenação das mulheres e da comunhão dos recasados

Estes resultados foram divulgados pelo Jornal “Público”, de 9 de Fevereiro de 2014, e demonstram que há uma grande diversidade de opiniões entre os católicos de todo o mundo, isto é, que não há uma Igreja Católica Universal.

Conclusões

A sexualidade deixou marcas em todas as épocas humanas. No Paleolítico, a mulher era o símbolo da fertilidade e, à semelhança do poder da terra onde tudo se cria, a mulher foi transformada em Deusa-Mãe, admiração perdida depois de passados mais de dois milhões de anos (período Neolítico) quando se descobriu que o homem também participava na procriação; a partir daí, deu-se a divisão sexual do trabalho e o homem passou a ser o senhor todo-poderoso, dominando a terra e a mulher.

Os Sumérios, muito provavelmente à semelhança do que viam em seu redor, fizeram nascer, mitológica e transcendentalmente, o Universo de uma relação física entre o Céu (masculino) e a Terra (feminina), neste caso da relação sexual entre o deus Enlil e a mãe Terra. Também na Suméria teria havido uma atração sexual na ligação amorosa entre o (provável) Rei Gilgamesh e o seu amigo Enkidu e ainda relações sexuais entre um jardineiro e a deusa Inanna, o que originou maldições por parte desta. O Código do Rei Hamurabi (1728-1686 a. C.) (282 parágrafos) regula várias situações de violações, adultério e faltas ou pecados considerados importantes para tornar a sociedade justa.

No Hinduísmo, o prazer dos sentidos faz parte da vida humana, sendo o casamento uma cópia da ligação sexual entre os deuses, e a mulher é considerada como tendo os poderes criativos da terra, tendo as sementes o papel do sémen.

No Antigo Egipto, os deuses e deusas tinham relações sexuais, tal como o homem e a mulher na Terra. O culto dos mortos veio mostrar o cuidado que havia na preservação da vida depois da morte, incluindo a sexualidade. O Papiro de Turim exhibe várias cenas de atos sexuais, considerados normais para a época.

Na Grécia Antiga era normal a prática do homossexualismo com abordagem moral no Período Clássico entre adultos e jovens. Na Roma Antiga era também permitida a homossexualidade e eram autorizados casamentos entre homens através de um contrato privado.

No Islamismo, as relações sexuais são consideradas pecados maiores, sendo apenas permitidas através do casamento. Na Idade Média, a Igreja estabeleceu regras e graus de pecado. A Igreja associou o pecado ao corpo e a mulher é considerada, desde a criação (pecado original), como foco do pecado e da luxúria, para além de ficar subordinada ao homem por decisão divina e de passar pelas dores do parto. Santo Agostinho afirma, baseado em Génesis e na Carta de São Paulo aos Romanos, que o pecado original de Adão e Eva é transmitido ao homem através do ato sexual e que, portanto, o corpo era uma

prisão da qual o homem se deveria libertar, pois só a sua purificação o levaria à castidade da criação original. Parece, assim, que a Igreja predestinou o homem e a mulher a viverem com o pecado, sem que pudessem utilizar o livre arbítrio, ou a sua vontade, que Deus havia também destinado a Adão e Eva ao comandar: *crescei e multiplicai-vos*. Por outro lado, parece óbvio que à mulher foi concedido o dom de gerar o seu filho, Jesus Cristo, em estado de virgindade, isto é, sem pecado.

Do pecado original nasceram outros tipos de pecados, sempre regulados pela Igreja Católica e orientados nas confissões. Nesse aspeto, o poder pastoral (referido por M. Foucault) muito contribuiu para a manutenção do controlo da Igreja sobre o pecado e a sexualidade. Também para Santo Agostinho, o sexo, mesmo no casamento, era pecaminoso. Note-se que, no Novo Testamento, é Jesus quem paga os pecados do homem.

A Bíblia, no Antigo Testamento, expõe algumas facetas que podem ser interpretadas como menos dignificantes para a mulher, considerada pecadora (exemplo: Eclesiastes (7, 26)). Nesse aspeto, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino seguiram a teoria de Aristóteles de que a mulher era inferior ao homem e, por isso, deveria apenas tomar conta do lar. Santo Agostinho vai mais longe ao afirmar que a mulher é um defeito da criação. Contudo, o Novo Testamento deixa transparecer claramente o conceito de Jesus ao dar preponderância e em privilegiar a mulher, incluindo no caminho para o Calvário e na Ressurreição. Sobre este assunto, Umberto Eco termina a sua carta ao Cardeal Carlo Martini, perguntando: “se o sexo masculino fosse superior ao feminino, por que teria Deus permitido que nascessem mulheres no mundo?”.

Apesar das considerações da Igreja sobre a sexualidade, não deixa a Bíblia de apresentar a mesma com forte intensidade num dos livros sapienciais – O Cântico dos Cânticos - onde se mistura lirismo e puro amor com desejos que se ligam à carne.

A mulher tem um papel preponderante na história da sexualidade e do pecado já que, desde o início da humanidade, ela tem sido a peça tradicional de atração, sedução e desejo por parte do homem e ainda porque tem sido fundamental o seu contributo para a procriação. Além disso, a gravidez tem sido considerada como um sinal de consideração da mulher em estado de graça.

A mulher foi uma das grandes vítimas da Inquisição, coadjuvada pelo Manual da caça às bruxas – *Malleus Maleficarum* – organizado por dois dominicanos com a bênção papal. Muitas mulheres, apodadas de bruxas, foram queimadas na fogueira, tendo algumas sido mais tarde santificadas, como foi o caso de Joana D’Arc.

No século XVIII cultivou-se o amor cortês, o relacionamento sexual de Reis com freiras e mulheres adúlteras e começou a abrir-se o pano que escondeu o sexo durante séculos, incluindo pela introdução de aplicações da Medicina na sexualidade. Mas foi só no século XX que se deu a maior abertura a este tema.

O francês Georges Bataille analisa o erotismo como dependência da interdição e da transgressão às práticas sexuais.

Muita culpa deve ser assacada à Igreja, por um lado, e ao capitalismo, por outro, para que a sociedade se mantivesse sob o poder da Religião e do Capital, mantendo o Homem dependente do mesmo poder – incluindo na sexualidade, reprimindo-a através do corpo, para que daí saísse beneficiado o trabalho -, e ao mesmo tempo dominando a família e, por consequência, a mulher.

Os conceitos de erotismo e sexualidade, centrados durante muito tempo na imagem da mulher como símbolo sexual, foram-se alargando a ambos os sexos a partir do século XX, quando a liberdade dos seres se expandiu, permitindo o avanço do homossexualismo em ambos os géneros.

Na sua condição de subalternidade, a mulher tem lutado, desde a década de 60 do século XX, por um lugar que lhe realce as qualidades de trabalho, de mãe e de gestora familiar, sem ferir os anseios de progresso da sociedade, mas também exigindo desta uma responsabilização racional. É, de facto, necessário retirar a mulher de uma posição obscura em que se tem mantido durante séculos e trazê-la ao lugar a que tem direito, até porque ela faz parte da História da Humanidade, com um papel muito importante, imprescindível na família e, portanto, na sociedade. Para isso o homem terá que dar o seu contributo, colaborando com os movimentos sociais que pretendem que os papéis de ambos sejam guindados à respeitabilidade pelas funções que cada um desempenha na sociedade.

Desde o final da Pré-História que se tem assistido ao exercício da prostituição, quer ele se manifeste na rua, quer se pratique em pensões ou em casas particulares em circuito fechado. Caso notável foi o do “Ballet Rose” nos anos 1960, envolvendo gente da alta sociedade portuguesa ligada ao regime de Salazar. Prostituição de luxo houve também durante as monarquias de Portugal e de França, sobressaindo as amantes do Rei D. João V.

A Reforma trouxe um alerta para a necessidade de mudanças na Igreja Católica com vista a uma indispensável adaptação aos tempos modernos. No entanto, a Igreja Católica tem sido rígida nos seus princípios dogmáticos, não abdicando, além de outros, do celibato dos padres, da proibição do controlo médico da natalidade, do acesso da mulher ao

sacerdócio e ainda das práticas sexuais antes do casamento. Nem o Concílio Vaticano II (1962-1965) - que aspirava a mudanças e à renovação de alguns dogmas da Igreja - nem a Encíclica *Humanae Vitae* (1968) conseguiram, pela assinatura do papa Paulo VI, nesse aspeto, colocar a Igreja a par da evolução da sociedade, em especial no aspeto científico. A isso se referem sacerdotes católicos dos nossos dias, como o Padre Anselmo Borges e o Padre Gonçalo Portocarrero de Almada.

O exemplo do debate havido no Canal 2 da RTP a 28 de Fevereiro de 2018 - em que participaram o Padre Anselmo Borges, o Padre Francisco Mota, a Professora Isabel Allegro de Magalhães e o Professor Paulo Mendes Pinto, sob a coordenação do jornalista Luís Castro - traz-nos a ideia de que qualquer iniciativa tendente a possíveis renovações, nos aspetos da sexualidade e da respetiva moral, deve passar por debates iniciais alargados sobre esses temas e questões adjacentes a eles ligadas, como aspetos sociais, económicos, políticos e religiosos, com a participação de entidades de renome e experiência nos campos da Medicina, da Religião, da Política, da Economia, da História, da Biologia, da Psicologia, da Ética e da Sociologia e suas subsidiárias de interesse. Todas estas áreas têm ligações aos temas em apreço e, por consequência, trariam um contributo importante para recomendações a apresentar com vista a uma atualização de uma doutrina que fosse entendível e recetiva pela sociedade dos nossos dias. Pensamos que de tudo isso resultaria em benefício para a ética e para a moral da sexualidade.

As discussões não poderiam deixar de focar aspetos correlatos, como a erradicação da pobreza, que está na raiz do atual alastramento da prostituição e da dependência de drogas. A Humanidade sairia a ganhar.

Bibliografia

- Alves, C. F., (2017). Jornal “Semanário Expresso”, de 18 de Março de 2017
- Araújo, L. M., (2001). Dicionário do Antigo Egipto, Editorial Caminho, Lisboa
- Araújo, L. M., (2012). Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito, Edições Colibri, Lisboa
- Aristóteles, A Política, A obra-prima de cada autor, Le Livros, Editora Martin Claret, capítulo 1259b18
- Barbosa, M.R., Matos, P. M., & Costa, M. E. et. al. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje, Universidade do Porto, Psicologia & Sociedade, 23 (1), 24-34
- Bataille, G., (1987). O Erotismo, L&PM Editores S/A, Porto Alegre e São Paulo, Brasil
- Bataille, G., (2017), O Erotismo, Porto Editora, Porto
- Batista, K. F., (2011), O Debate Historiográfico acerca da Ideia da "Prostituição Sagrada" no Antigo Crescente Fértil, Revista Vernáculo, nº 28, 2º sem, Brasil
- Bedouelle, G., et al. (2012). A Igreja e a Sexualidade, Editorial Apostolado da Oração, Braga
- Berquo, T. A., (2014). Entre as Heroínas e o Silêncio: A Condição Feminina na Atenas Clássica, Oficina do Historiador, I Encontro de Pesquisas Históricas, 27 a 29 de Maio de 2014, Porto Alegre, Brasil
- Bianchi, E., (2017). Jesus e as Mulheres, Guerra e Paz Editores, Lisboa
- Bindford, R.L., (1991), Em Busca do Passado, Publicações Europa-América, Mem Martins
- Bíblia Sagrada (1969). Edições Barsa, Rio de Janeiro, Brasil
- Bíblia Sagrada (1976). Editorial Verbo, Lisboa
- Bíblia Sagrada (1993), Editora São Paulo, Lisboa
- Bíblia Sagrada (1996). Edições São Paulo, 2ª Edição, Lisboa
- Braun, F. K., (2010). História da Emigração Alemã no Brasil, Editora Costoli, 2ª Edição, Porto Alegre, Brasil
- Capra, F., (1989), O Tao da Física – Uma exploração dos paralelos entre a Física moderna e o misticismo Oriental, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa.
- Carta Apostólica Ordinatio Sacerdotalis do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens, 22 de maio de 1994, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano
- Centeno, R. M. S., (1997). Civilizações clássicas II- Roma, Universidade Aberta, Lisboa
- Cunha, P. J. T., (1993), Revista Humanística e Teologia, Editora da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, Lisboa

- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) Editora Objetiva, Rio de Janeiro, Brasil
- Dufour, P., (2017). História da Prostituição em Todos os Povos do Mundo desde a mais Remota Antiguidade até aos Nossos Dias, Tomo Segundo, Empresa Literária Luso-Brasileira – Editora, Lisboa, 1885, Reeditado em 2017, direitos de autor de Forgotten Books, Londres
- Eco, H, Martini, C. M., (1999). Em que creem os que não creem, Editora Record, Rio de Janeiro, Brasil
- Eliade, M., (1992). O Sagrado e o Profano, Livraria Martins Fontes Editora, Ltda., São Paulo, Brasil
- Ferreira, D. W., (2009). Erotismo, libertinagem e pornografia: notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França Moderna, In História da Historiografia, nº 3, Ouro Preto, Brasil. (Nota: Daniel Wanderson Ferreira é Doutorando em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
- Ferreira, M. L. R., (1998). O que os Filósofos pensam sobre as mulheres, Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
- Filho, F., (2012). Além das ideias: História e vida de Dom Helder Camara, Cepe Editora, Capítulo 30 (Os Fioretti ou As Florinhas, histórias contadas pelos discípulos de S. Francisco, Leão, Masseo e Egídio), Recife, Pernambuco, Brasil
- Filipe, P. M. R., (2011). Deuses em festa - Os grandes festivais religiosos do Império Novo, dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Departamento de História, Universidade de Lisboa
- Flores, F. M., et al. (1998). Ballet Rose, Uma Novela (a) moral, Editorial Notícias, Lisboa
- Foucault, M., (1996). A Ordem do Discurso, Edições Loyola, São Paulo, Brasil
- Foucault, M., (2012). Ditos e Escritos IV, Editora Forense Universitária,
- Foucault, M., (1998). História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres (2), Edições Graal, Ltda., 8ª edição, Rio de Janeiro, Brasil
- Foucault, M., (1999), História da Sexualidade, a Vontade de Saber, Edições Graal, Rio de Janeiro, 13ª edição
- Foucault, M., (2004), Sexualidade e poder em Ética, Sexualidade, Política, Ditos & Escritos, Editora Forense Universitária, pp. 62-72, Rio de Janeiro

- Goff, J. Le., (1983). A civilização do ocidente medieval, vol. I e vol. II, Editorial Estampa, Lisboa
- Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, Porto 2004
- Hegel, G.W.F., (1997). Princípios da Filosofia do Direito, Livraria Martins Fontes, São Paulo, Brasil
- Hellern et al. (2000). O Livro das Religiões, Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., São Paulo, Brasil
- Jornal Diário de Notícias, Lisboa, 16 de abril de 2012
- Jornal Diário de Notícias, Lisboa, 15 de maio de 2013
- Jornal Diário de Notícias, Lisboa, 16 de fevereiro de 2018
- Jornal Observador On-line, Lisboa, 20 de junho de 2015
- Jornal Público, Lisboa, 9 de fevereiro de 2014
- Jornal “SOL”, Lisboa, 17 de janeiro de 2018
- Kramer, S.N.A., (1999). A História começa na Suméria, Publicações Europa – América, Lisboa, Portugal
- Lerner, G., (1986), The origin of Prostitution in Ancient Mesopotamia, The University of Chicago Press: Signs, vol.11, Nº 2, Chicago
- Lourenço, P., et al. (2011). Amantes dos Reis de Portugal, Editora Esfera dos Livros, Lisboa, 8ª Edição
- Machado, R., (2016, 31 de Outubro), “Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante. Entrevista especial com Wanda Deifelt”, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, nº 496, Ano XVI, pp. 13-15, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil
- Malleus M., (2007). Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, Brasil
- Mattoso, J., (2011). História da Vida Privada em Portugal, Editora Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa
- Miranda, M. L., (2016), Sobre os Papéis do Homem e da Mulher no Conceito de Família da Filosofia do Direito de Hegel, Revista de Filosofia, v. 13, Amargosa, Bahia, Brasil
- Morais, J. A. D., (2003). “Senhores e Servas: Um Estudo de Antropologia Social no Alentejo da Primeira Metade do Século XIX”, Edições Afrontamento, Porto
- Néret, G., Miguel Ângelo, Editora Taschen, Colónia, Alemanha, 2010 (traduzido e paginado em Lisboa)

- Neves, H., (2004). Ausência e presença do corpo na cultura ocidental: o corpo (des) apropriado, In “Corpo, intimidade e poder”, Manifesto, Lisboa
- Oliveira, A.M., S. (2011). Andar na Vida – Prostituição de Rua e Reação Social, Edições Almedina, Coimbra
- Oliveira, J. N., (2007). Regulae Amoris no Tratado de André Capelão, revista (8º Capítulo do Livro II) Humanitas 59 (2007), pp. 257-282 (adaptação do trabalho apresentado, em Março de 2003, ao Professor Doutor António Rebelo, na cadeira de Latim Medieval do curso de Mestrado em Língua, Escrita Cultura na Idade Média da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)
- Papa Francisco (2014). Entrevista noticiada pela Rádio Renascença a 27 de maio de 2014
- Pereira, J. P., (2012). Viagem no passado por causa do presente, jornal Público, 22 de dezembro de 2012
- Pinho, L. F. S., (2008). História da Sexualidade Feminina, Universidade Católica de Goiás, Associação Nacional de História, Brasil
- Poupard, P., (1985). As Religiões, Rés Editora, Porto
- Ramos, R., (2010). História de Portugal, A Esfera dos Livros, 5ª edição, Lisboa
- Rodrigues, U. T., (2013). Nenhuma vida, Edições D. Quixote, Lisboa, capítulo, intitulado Alentejo, antes de Abril. Caimão. Lela
- Rodrigues, V. A., (2017). Na Idade Média havia o Direito de Pernada, no assédio sexual é um bocadinho o mesmo espírito, Jornal Expresso, 14.11.2017
- Rodriguez, P., (2007). Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Editora Terramar, Lisboa
- Roiz, D. S., (2010). O Corpo no Ocidente Medieval, análise de Uma História do Corpo na Idade Média, de J. Le Goff e Nicholas Truong, Revista de Estudos Feministas, vol. 18, nº2, Florianópolis, Brasil
- Santos, B. S., (2011). Revista “Visão”, Lisboa, 10 de março de 2011
- Saramago, J., (2010). Memorial do Convento, Editorial Caminho, 47ª edição, Alfragide
- Silva, H. M., (1991). História dos Papas – Luzes e Sombras, Editorial A. O., Braga
- Silva, M. O., (2008). A Sexualidade, A Igreja e a Bioética, Editorial Caminho, Lisboa. (Prefácio do Pe. Anselmo Borges)
- Soneville-Bordes, D. de, (1981). A Pré-História, Editorial Presença, Lisboa
- Sousa, L. N., (2009). A Pederastia Ateniense no Período Clássico: Uma Proposta de Análise do Banquete de Platão e de Xenofonte, doutoramento na Universidade de Goiás, Brasil

Ventura, Frei F., (2009). Roteiro de Leitura da Bíblia, Editorial Presença, Queluz de Baixo.
Wojtyla, K., (1999). Amor e Responsabilidade, Editora Rei dos Livros, Lisboa